REVISTA DA SEMANA

CR$ 3,00 EM TODO O BRASIL

N.º 35 ★ 27-8-1949



MINHA JANGADA DE BAMBU

Um romance de amor, de renuncia, de paixão através da história divertida de uma criança.



Folclore do nordeste, com o carnaval e o seu entrudo dos começos do seculo, os pastoris, as "sentinelas" aos mortos.

O DUÉLO ENTRE UM MAÇON E O CLERO LOCAL, A PLUTOCRACIA DOS PODEROSOS, AS INGENUIDADES DOS HUMILDES.

MINHA JANGADA DE BAMBU DE RENATO DE ALENCAR

É UM LIVRO QUE DEVE SER LIDO POR TODOS

PREÇO: CR.$ 25,00

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO RIO E DOS ESTADOS

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL A'

COMPANHIA EDITORA AMERICANA

RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 • LAPA • RIO DE JANEIRO

CRÔNICA

CHOQUE LATINO-AMERICANO

II

AO chegarmos em Nova York, nós os convencionais rotários de tôdas as partes da terra, fomos saudados por uma mensagem do prefeito da cidade, O'Dwyer, que assim começava: "Todos sabem que Nova York é a maior cidade do mundo, assim o seu tamanho não vos surpreenderá. O que, entretanto, poderá surpreender-vos é descobrir que Nova York é uma cidade tipicamente americana, fraternal e hospitaleira". E para fechar com chave de ouro o período, concluiu dêste modo: "Nós, novayorkinos, orgulhamo-nos de ser vossos bons vizinhos".

Com palavras tão amigas, ditas num riso largo, a chocalhar nos ouvidos, foi que nos metemos pelo labirinto do aeroporto La Guardia. Gastamos meia hora na identificação policial. Outra meia hora foi-se na Divisão de Passaportes. Mais uns minutinhos para pagar a taxa de entrada no país. Mais um bom pedaço de tempo para a meticulosa revista da bagagem. E enquanto alguns companheiros procuravam justificar a natureza e presença de algumas prendas que conduziam para mimosear amigos, pensávamos: — Se as palavras de O'Dwyer tivessem sido proferidas, mesmo sem sorriso, pelo prefeito Mendes de Morais, tôdas aquelas exigências desapareceriam, como desapareceram ante milhares de visitantes que aqui estiveram na Convenção Mundial de Rotary, em 1948.

Realmente o nosso raciocínio era sul-americano, impregnado da exuberante extroversão sentimental característica de nossa gente, muito amável, na verdade, porém pouco prática, além de sensivelmente prejudicial aos interêsses nacionais.

Estávamos, de fato, diante de um povo imparcial, que não confunde amabilidade com transgressão ainda que de simples dispositivos regulamentares, que sabe controlar o seu entusiasmo afetivo e medir a sua exaltação cavalheiresca pelos cânones legais.

Procurando de tal modo justificar o nosso primeiro choque com a organização americana, chegamos ao hotel. Já passava de meia-noite. Exibimos ao **manager** o **ticket** de reserva de acomodações que fizéramos há mais de um mês. O gerente calmamente nos informou que não havia mais quartos vagos. Protestamos. Tínhamos ali o documento firmado pelo hotel que nos assegurava a reserva. O homem, inalterável, nos apontou o relógio. O compromisso do hotel expirara à meia-noite. Já decorrera uma hora e meia do dia seguinte. Insistimos, coléricos. Não era possível ficarmos ao léu por causa da involuntária demora de uma hora e meia que a burocracia americana nos tomara.

O gerente considerava-nos sem emoção. Reviu calmamente a lista de quartos. Consultou baixinho os assistentes. Entrou. Saiu. E, afinal, acalmou-nos com uma promessa conciliatória, que absolutamente não traía o sentimento de culpa de quem quer reparar uma falta, mas, quando muito, denunciava boa-vontade comercial de servir.

Conformamo-nos exteriormente. Por dentro, entretanto, mantínhamos em completa revolução.

E o pior era que, por mais que chicanássemos, tudo estava perfeitamente certo. Legalmente não tínhamos direitos a exigir. Reservamos quarto para o dia 6 e já era 7. O tempo que a Alfândega nos tomou era estritamente a ela devido. Só nos sobravam alegações de ordem sentimental.

A nossa indignação não passava, pois, dêsse vício latino de colocar o coração em tudo e sobretudo, de argumentar com a sensibilidade, de querer sobrepor à ordem física a nossa desordem psíquica.

★

Muito mais tarde, depois de valorizar por uma extensa demora a sua cordial boa-vontade, o **manager** nos proporcionou a almejada acomodação.

Marchamos para ela conscientes de que estávamos numa terra estranha, de povo diferente, com forte personalidade capaz de enfrentar tranquilamente qualquer juízo posterior que dela se venha a fazer.

Após estas primeiras lições foi-nos fácil analisar e entender todos os demais capítulos dêsse extraordinário códice de progresso, de disciplina e de ordem que é a grande democracia americana do norte.

MARTINS D'ALVAREZ ★ Especial para "REVISTA DA SEMANA"

Sumário

SEÇÕES PERMANENTES
Choque latino-americano (Martins d'Alvarez) .. 3
A personagem da semana 8
A semana em revista 8
O mundo marcha 9
REPORTAGENS
O trágico circuito de Belo Horizonte (Luis Moreno) 4/5
Civil ou Militar? (Hélio Fernandes) 24/29
Ecos do Grande Prêmio Brasil 32/39
Um desiludido da política (Menezes de Oliva) .. 55/57
LITERATURA
Livros novos (João Luso) 10
Vida literária (E. Catete Reis) 47/48
HUMORISMO
Homens e bichos (Théo) 11
Bom humor 14
O mundo manca e a mula murcha 58
ROMANCE
Viver com amor 12
RÁDIO
Broadcast (Armando Migueis) 15
CINEMA
Cine-Revista (Luis Alípio de Barros) 16/17
NOVELA
As carícias são perigosas 18
SUPLEMENTO FEMININO
Nos bastidores femininos 19
Um chapéu para cada vestido 20
Blusas para você 21
O amor é assim 22
Detalhes e novidades 22
Máscara de beleza 23
Mães e filhos 23
Novos "tailleurs" 40
Casacos dois-quartos 41
Blusas 43
Week-end na cozinha 43
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) 44
O véu 44
De Hollywood 45
Problemas da mulher 45
CONTOS
A lista de caridade (Eddie Augusto da Silva) .. 30/31
A lenda de S. Nicolau (Raquel Caldas de Oliveira) 42
ARTES PLÁSTICAS (Angelus Ravel) 48
AVIAÇÃO
Pelas estradas do céu (André Max) 49
MÚSICA (Roberto Lyra Filho) 50
FOLHETIM
Scarlett 53
TEATRO
O sorriso da Gioconda (José Fonm) 54

ILUSTRADORES
M. Queiroz
P. Carvalho
Armando Pacheco

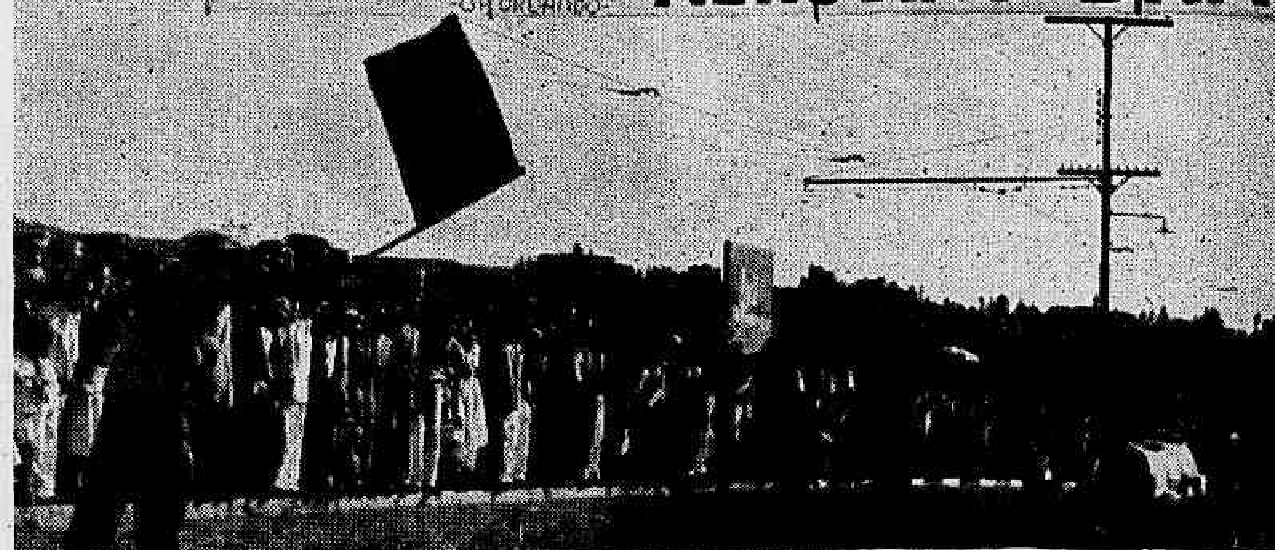
NOSSA CAPA

Figura na nossa capa de hoje Peggy Dow. Um nome por certo ainda desconhecido dos nossos fãs de cinema. Miss Dow é no entanto bastante popular nos Estados Unidos, onde atua nos programas de rádio. Contratada pela Universal - International, Peggy Dow, que é de descendência germânica, fará breve sua estréia no cinema. (Foto Universal-International)





Alinhados em seus respectivos lugares os carros aguardavam a ordem de largar para a trágica prova



Momento em que chegava ao ponto do sinaleiro o carro de Francisco Landi, com ordem de parar a prova

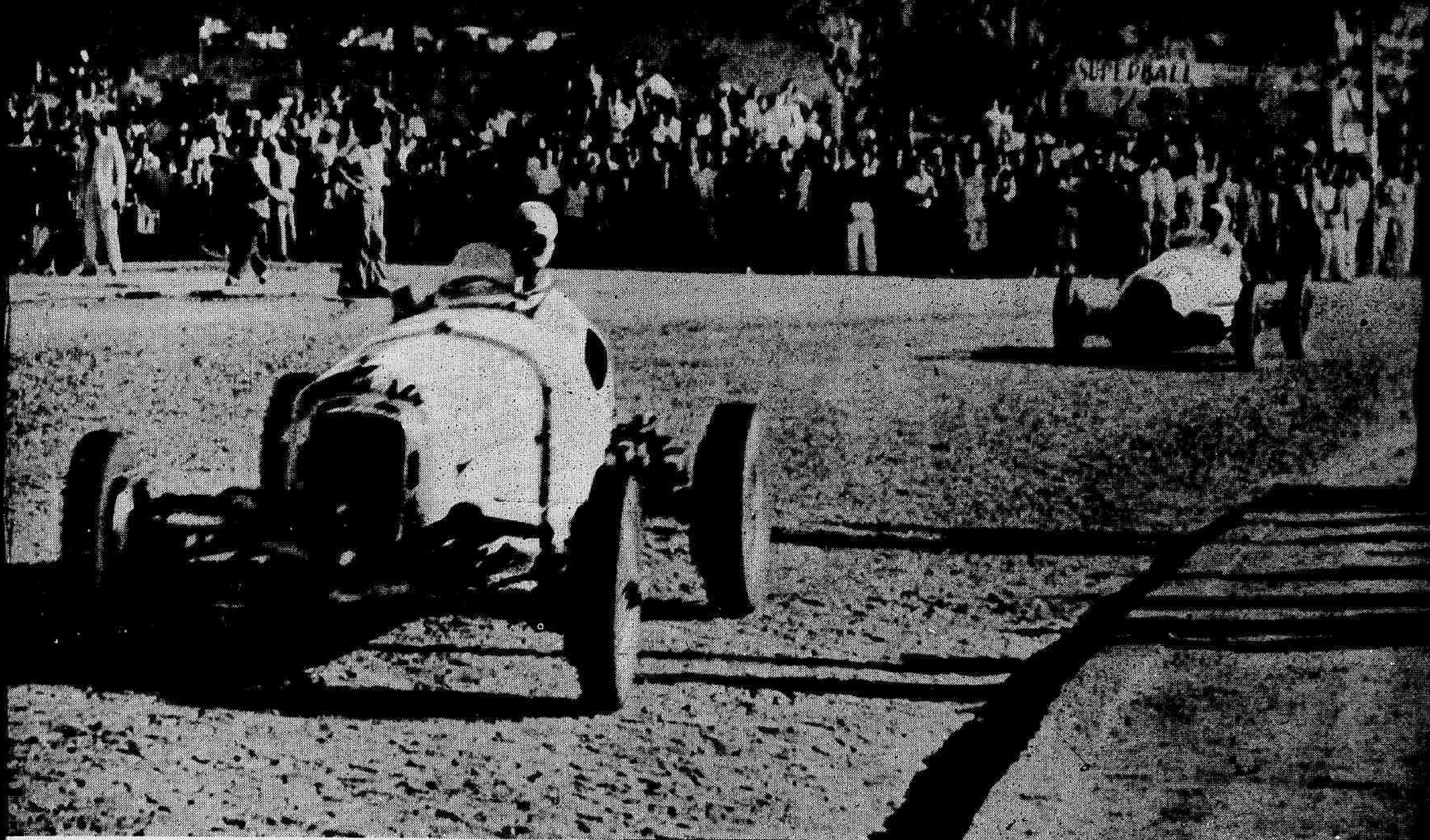


O chefe de Polícia, sr. Campos Cristo (à esquerda), que ordenou a paralisação da corrida na nona volta

O TRÁGICO CIRCUITO DE BELO HORIZONTE

REPORTAGEM DE **LUIZ MORENO** ★ FOTOS **NEWS SERVICE**





Em cima: Aspecto de parte da assistência e da pista de pedras irregulares. Na página ao lado, em baixo: Ao procurar ultrapassar o colega Rafael Gargulio, na sexta volta, Otacílio Rocha morre neste acidente

COMO sucede no Rio, com o famoso "Trampolim do Diabo", ou Circuito da Gávea, e em S. Paulo, com o seu empolgante Circuito de Interlagos, também a capital mineira possui um local destinado a corridas de automóveis. E' o da Pampulha.

O panorama dêsse recanto poético de Belo Horizonte se presta a várias espécies de esportes. Circundando o lago artificial, pode-se realizar prélios automobilísticos; na reprêsa, regatas e iatismo; no aeroporto, exibições aeronáuticas.

Mas, infelizmente, quanto à pista para corridas de automóveis, ao que tudo indica, a situação deixa muito a desejar. No dia 14 de agôsto vários "ases" brasileiros dali e de outros meios se apresentaram para disputar o prêmio de Cr$ 50.000,00 e o bronze "Negrão de Lima", prefeito da capital.

Grande era a assistência que afluiu à Pampulha, a fim de apreciar a luta entre os corredores, cada qual dirigindo carros de sua inteira confiança e esperançosos de vitória.

Um dos favoritos era o corredor mineiro Otacílio Rocha, muito estimado nos meios esportistas da capital. O circuito se constitui de doze voltas pela periferia do lago e oferece certos momentos de intensa ansiedade em virtude das várias curvas que os volantes têm de realizar.

Alinhados os inscritos e bem examinados os seus veículos, estando presentes, além de grande massa popular, várias autoridades, inclusive o Prefeito Negrão de Lima e o sr. Campos Cristo, chefe de Polícia, teve lugar a largada justamente às 14,30.

Inicialmente tomou a dianteira o volante português Antônio Fernandes, que, logo depois perdia sua colocação para o conhecido "ás" Francisco Landi, que manteve o lugar até à nona volta, quando o chefe de Polícia ordenou que se suspendesse definitivamente a prova, uma vez que a pista oferecia graves perigos à assistência.

Infelizmente, essas medidas foram tomadas quando já se haviam registrado dois acidentes deploráveis.

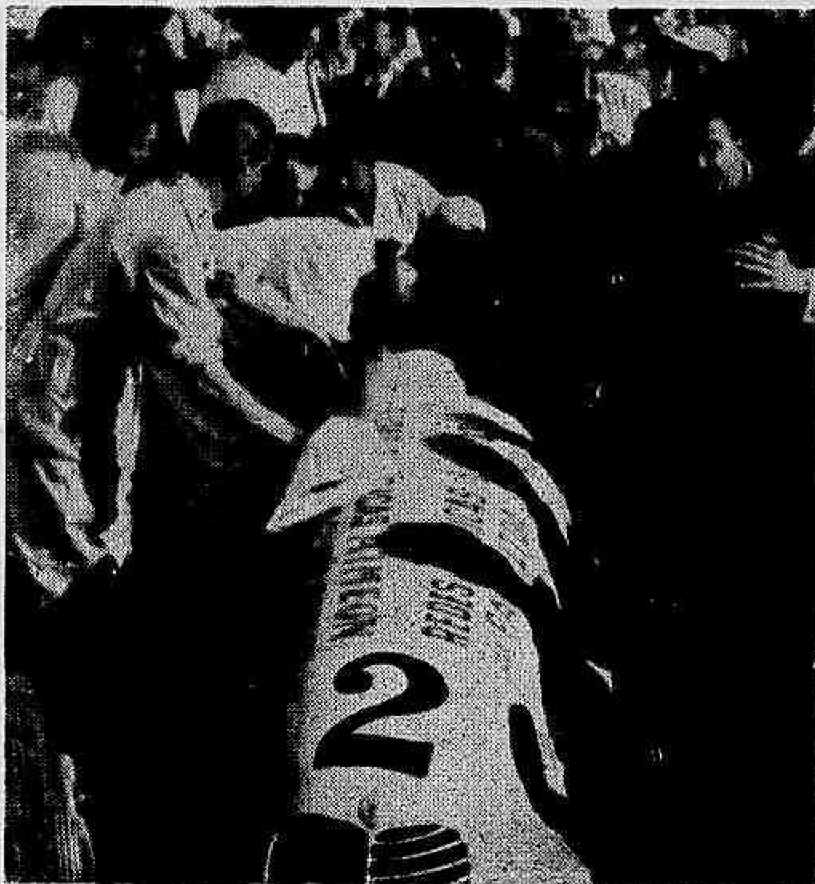
O volante José Antonio Fernandes, que teve seu carro incendiado mal completava a primeira volta, foi levado em estado grave para a Casa de Saúde S. José, onde sofreu amputação de uma perna.

Ainda não estava o povo refeito dessa triste ocorrência quando outra notícia ainda mais infausta percorreu tôda a assistência: o volante mineiro Otacílio Rocha, quando procurava dar maior velocidade à sua "barata" ao completar a sexta volta e passar o colega Rafael Gargulio, perdeu a direção e se chocou violentamente com um poste de iluminação.

O choque foi tremendo, partindo-se o carro em dois e êle gravemente ferido, constatando-se, desde logo, fratura do crânio.

Levado ainda com vida para o Pronto Socorro, poucos minutos teve ainda de vida, vindo a falecer quando era medicado.

(Cont. na pág. 52)





Em cima: O povo cerca o volante Francisco Landi, que é classificado como o vencedor da prova da Pampulha. Em baixo: Um dos volantes pára, a fim de reparar seu carro e seguir novamente na luta pelo triunfo

Em cima: O volante Francisco Marques, segundo colocado e que cumpriu excelente performance. Em baixo: O estado em que ficou a barata do volante português Antônio Fernandes, que teve amputada a perna direita









No intervalo dos debates o sr. Morvan de Figueiredo delicia-se com um copo de mate gelado

ARAXÁ OU ARAMATE?

O CONSUMO DE MATE NA CONFERÊNCIA DE ARAXÁ



No jardim de inverno do Grande Hotel, o sr. Generoso Ponce, presidente do Instituto Nacional do Mate, num grupo de ervateiros de Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul



Expressivo gráfico sôbre o consumo de mate na Conferência de Araxá

TODOS os que acorreram à Segunda Conferência das Classes Produtoras, encontraram uma surprêsa em Araxá: uma temperatura de vinte graus, com um lindo sol, digno de Copacabana, em pleno inverno! Houve, naturalmente, alguns calorentos que reclamaram ter enchido as valises de "sweaters" quando o lugar era racionado para as atas e os relatórios. Mas, exigentes ou não, uma surprêsa ainda maior os esperava em Araxá: o magnífico Grande Hotel fôra inundado de mate gelado! Desde que começavam as primeiras reuniões, até a hora das conferências, depois do jantar, uma equipe de "brotinhos" de Araxá, distribuía sorrisos e mate à multidão de delegados, observadores, parlamentares, jornalistas, datilógrafas, todo aquêle mundo que se comprimia nas dependências superlotadas do Grande Hotel.

No primeiro dia, a distribuição do Instituto do Mate foi recebida como uma boa surprêsa, apenas. A medida, porém, que aumentava o calor do ambiente e nas discussões, os hóspedes mais procuravam, reclamavam, exigiam quase, o mate gelado. E as mineirinhas do mate, as "matildes", como foram logo batizadas, corriam de um lado para outro, ativas e eficientes, servindo às delegações do Pará ou de São Paulo, da Bahia ou de Minas, copos e mais copos do refrigerante, aumentando dia a dia a quantidade dos mesmos.

Para os que gostam de estatísticas, aí vão os números:

Dia 24	1.500
Dia 25	3.000
Dia 26	6.000
Dia 27	7.500
Dia 28	8.500
Dia 29	7.700
Dia 30	9.900
Dia 31	10.100 (!)

Numa média diária de mais de 6.700 copos, foi servido um total de 54.200, sendo 10.100 apenas em um dia.

Isto tornou mais agradável os trabalhos da Conferência; a tal ponto que quiseram propor à Câmara do município mineiro a troca do nome da cidade de Araxá para Aramate...



Conversando com o sr. Artur Pires, vemos o sr. João Daudt de Oliveira, presidente da Conferência, que em Araxá abandonou o cafèzinho pelo mate gelado

O deputado José Augusto, vice-presidente da Câmara Federal, aceita um copo de mate gelado, da bandeja de Miss Aramate

A personagem da SEMANA

A fatalidade tem caprichos misteriosos e profundos que a inteligência humana jamais os desvendará. Um dos exemplos mais dolorosos dessa fatalidade acaba de verificar-se com a famosa escritora norte-americana Margaret Mitchell Marsh, autora do célebre romance "Gone With Te Wind", ou seja, "E o Vento Levou", na tradução brasileira

Tinha Margaret apenas 24 anos quando, atingida por um acidente, segundo uns, e por ataque de góta, conforme outros, recolhera-se ao hospital de Atlanta em 1926, para curar-se. A fim de amenizar a solidão do nosocômio, iniciou ela um livro narrando episódios da guerra entre o sul e o norte de seu país. De imaginação viva, Margaret escreveu uma obra com mais de mil páginas! Durante três anos esteve ocupada com o grande romance. Tôda a papelada ficou amontoada, enquanto ela iniciava suas atividades como colunista do "Journal" de sua terra, Atlanta, na Georgia. Um dia, em 1935, passando por ali, soube o sr. Harold Lathan, da Editora Macmillan Co. que uma obscura provinciana chamada Margaret Mitchell escrevera um livro sôbre a guerra de se-

Margaret Mitchell Marsh, famosa escritora de "E o Vento Levou", falecida a 11 do corrente em Atlanta, vítima de um acidente da automóvel

cessão. O editor se interessou e pediu à autora que lhe levasse os originais ao hotel. Começou aí sua glória. Compraram-lhe em seguida os direitos auterais e lançaram o livro que teve enorme repercussão nos Estados Unidos e na Inglaterra, sendo vertido para várias línguas. Mais de 500 mil exemplares foram devorados pelo povo, a três dólares por volume.

Mas, ainda não era o ponto culminante para a glória, a fama e a riqueza da escritora. Diante do sensacional êxito dêsse "best-seller", um cineasta norte-americano, David O. Selznick, entrou em negociações com a autora e fechou negócio para filmar "E o Vento Levou", pagando-lhe mais de um milhão de cruzeiros.

O sucesso do filme data de 16-12-1939, quando foi estreado em Atlanta, em homenagem à autora, e, seis meses depois, já rendia quase cinco milhões de dólares, batendo todos os "records". Margaret Mitchell que deveu sua glória a um acidente, acaba de ser enterrada a 18 dêste mês, em consequência de um acidente de automóvel. Ia el aatravessando uma rua de sua terra natal, aquela mesma terra que descreve em seu livro em plena guerra civil, quando um auto, dirigido por um chauffeur embriagado a atropela, arrasta e deixa-a estendida. Seu espôso, que ia ao seu lado, nada sofreu e nada pôde fazer para salvá-la. Fratura do crânio e outros ferimentos lhe causaram a morte, a 11 dêste mês. Foi enterrada a famosa Margaret Mitchell sob a sombra de magnólias, entre as sepulturas dos confederados da Guerra de Secessão, daqueles mesmos heróis que defenderam Atlanta durante o sítio dos soldados nortistas, tão bem descritos nas páginas de "E o Vento Levou". Coisas do destino...

a Semana EM REVISTA

O PRESIDENTE PERDEU

Queremos falar do Presidente do Congresso, sr. Melo Viana. Mas esclarecemos desde já que êle não perdeu o cargo, e sim uma questãozinha ligada a leis do trânsito. Na noite de sexta-feira, 19 do corrente, S. Excelência foi ao Municipal assistir a uma das récitas da temporada lírica. No seu belíssimo e custoso "Packard" chegou o Presidente de todos os congressistas; o "chauffeur" saltou, abriu reverentemente a porta e o sr. Melo Viana desceu do auto, subiu as escadarias e entrou para tomar lugar em seu camarote Tudo ia bem; mas, sucede, por infelicidade, que outros clientes da temporada também usam automóveis, e, como o carro do Presidente do Congresso Legislativo Brasileiro tinha ficado irregular e ilicitamente à frente do teatro, impedindo o trânsito, um guarda foi falar ao "chauffeur" para que encostasse o automóvel noutro lugar. Respondeu o funcionário que não faria isso, pois tinha recebido ordens do sr. presidente para permanecer ali. E, deixando a boléia, foi sentar-se nas escadarias do teatro. Houve discussão. Veio outro inspetor de trânsito. Nada. O "chauffeur" repetia que o presidente havia ordenado que ficasse ali com o carro e somente com ordem dele, sairia de frente do Municipal. Juntou gente. Quiseram empurrar o veículo. Então o "chauffeur" foi procurar o dono do auto. Melo Viana apareceu e manteve a ordem anterior. O carro ficaria ali até que êle enjoasse o teatro. Os inspetores lhe disseram que a lei era igual para todos; mas o sr. Melo Viana retrucou que êle era o presidente do Congresso. E voltou para seu camarote; mas surgiu o sr. Edgard Estrêla e, pessoalmente, ajudado por inspetores, retirou o carro e mandou recolhê-lo à Inspetoria de Veículos. O diretor do trânsito não esteve pelos autos...

O MAL JÁ É VELHO

O DASP, ou seja, o Departamento Administrativo do Serviço Público, foi fundado para corrigir a grande anarquia existente no país em matéria de organização do funcionalismo público nacional. O que tem feito êsse Departamento é digno de elogios. A burocracia brasileira do mais modesto município sertanejo à Capital Federal, sempre se manteve naquelas velhas fórmulas de pistolão ou de "empenhos", na linguagem dos portuguêses. Uma pessoa bem recomendada, um afilhado de qualquer político de primeira grandeza na constelação oficial do Partido dominante, não encontrava dificuldades para ser nomeado. Com o Dasp e certos preceitos constitucionais, êsses privilégios um tanto odiosos e antipáticos começaram a sofrer embaraços. O art. 186 de nossa Constituição diz o seguinte: "A primeira investidura em cargo de carreira e em outros que a lei determinar, efetuar-se-á mediante concurso, precedendo inspeção de saúde". Entretanto, com o andar dos tempos foi o próprio Congresso que começou a votar leis e resoluções efetivando funcionários de carreira admitidos em caráter interino, sem a exigida prestação de concurso. Nos próprios Ministérios e Autarquias, o processo de efetivar funcionários sem concurso é coisa vulgar, tudo isso infringindo dispositivos constitucionais. Diante dêsses fatos que atrapalham a vida e a função do Dasp, pediu êsse Departamento à Divisão do Pessoal Civil do Ministério da Guerra, sugestões para os concursos a serem realizados em 1950. A resposta foi imediata: Curso para os analfabetos do Serviço Público! E tudo isso por quê? Porque se nomeiam os empistolados sem submetê-los a qualquer proca de cultura ou competência. Mas o mal já é velho. Data de Cabral...

SÔRO DE LONGA VIDA

Vinha saindo, com absoluta reguaridade, em jornais do Brasil e de outras nações, uma espécie de anúncio em série acêrca de sensacional descoberta de cientista russo, domiciliado na França, capaz de prolongar a vida humana. Num dêsses artigos dizia-se que o biologista havia aplicado o sôro de sua invenção num pobre cavalo velho e desiludido, e o bucéfalo correu no prado como qualquer "Carrasco". Injetou a droga num galo caduco e que já estava dando para cacarejar como galinha, e eis o "Chantecler" a empinar o peitaço, crista erecta e vermelha como o barrête frígio das Repúblicas, denotando capacidade para dominar qualquer terreiro. E assim por diante, vários animais senilizados,, de várias espécies, foram trazidos à juventude. Essas publicações despertaram grande e geral interêsse entre a classe dos setentões. O Diretor do Instituto Pasteur, de Paris, prof. Jacques Trefonel começou a receber cartas e mais cartas de todos os países, especialmente dos da América do Sul, pedindo informações. Os velhos estavam assanhados e já esfregavam as mãos. Mas... que decepção, meus amigos! O Instituto Pasteur, onde, segundo as publicações, trabalhava o cientista Bardach, inventor do Elixir da Longa Vida, publicou um aviso para tôdas as partes do planeta comunicando que ali não se estava fabricando nenhum sôro capaz de tal milagre, não sendo, pois, verdade o que se estava a espalhar pelo mundo. Nem é bom olhar a cara de desconsôlo de milhares de pessoas já voronofizáveis. Que tristeza! Agora só falta mesmo aguardar a conclusão dessa imensa publicidade. Na certa é mais uma edição do **parto da montanha**...

BERÇO DE LIXO

Passava o zelador do prédio 41 da rua Evaristo da Veiga, sr. Araújo Lírio, perto do depósito de lixo do mesmo edifício que tem o nome de "Monroe", quando ouviu uma espécie de chôro de criança ainda muito novinha. Um vagido assim como de menino novo, de bebê recém-nascido. Eram onze e meia do dia 15 de agôsto, festa de N. S. da Glória do Outeiro nesta tumultuosa Capital Federal. O zelador aguçou as oiças e se foi aproximando para o local do chorinho. De repente suspeitou que podia haver alguma surprêsa no deposósito do lixo daquele edifício, repositório de tudo o que sobrava ou era de sujeira digna da Sapucaia ou dos aterros lá pelas imediaçes de Triagem. Remexeu na coisa e ficou espantado. Uma criancinha! Um bebê no lixo, abandonado às moscas no meio da podridão! Carinhosamente, o sr. Lírio procurou amparar o pimpolho e verificou tratar-se de uma menina no máximo com um mês de idade Subiu aos andares procurando saber de quem era a criança. Mas não se apurou nada. Tratava-se de uma linda garotinha que fôra abandonada num montura de lixo em depósito coletivo de apartamentos no centro da Cidade Maravilhosa. Comovido com o seu achado e disposto a dar um destino digno e humano àquela inocente, Araújo Lírio levou-a ao 5.º Distrito Policial, onde narrou o sucedido, sendo registrado o fato pelo respectivo comissário em serviço naquela delegacia. Imediatamente a autoridade pública procurou assegurar a vida da pequenina, e encontrou no coração de D. Rosa da Silva Monteiro, residente na rua Alcindo Guanabara, 26, ap. 6, a chave dessa felicidade. A menina do depósito de lixo foi batizada e tomou o nome de Maria da Glória e; de um monturo infecto, passou às mãos de uma rosa. Deus tarda mas não falta.

AGORA, AS CRIANÇAS

"Deixai que venham a mim as criancinhas". Esta é uma exclamação de Cristo, quando, ao conversar com os grandes, vários garotos o cercaram, sendo afastados pelos adultos. Para êles, os meninos iam incomodar Jesus, perturbando-lhe a pregação moral e humana. Mas Cristo, que tinha a alma de criança e o coração de Deus, reprovou a atitude dos homens, dizendo-lhes: "Venite parvulus ad me", ou seja, em nossa língua, o que está no comêço dêste tópico. Daí por diante todo mundo vem repetindo o convite do divino mestre aos pequeninos. Infelizmente, porém, já a humanidade se vai afastando das crianças, substituindo-as até pelos cachorros. Todos sabemos que, nas grandes cidades, os ocupantes de edifício de apartamentos não viam com bons olhos e co-habitação de cães e gente. Por mais finos que fôssem êsses lulùzinhos, ou mais elegantes que fôssem os policiais, sempre causavam preocupaçes aos moradores dos apartamentos. Enfim, foi encontrada uma fórmula para contornar as dificuldades. Segundo comunica a Sociedade União Internacional Protetora dos Animais, ficou decidido entre proprietários de cães e os donos de edifícios de apartamentos, não ser mais obstada a conservação de cachorros nas residências, desde que estejam todos êles vacinados. Muito bem. Os cães já podem morar em edifícios de apartamentos. Falta agora que, ou a S.U.I.P.A. ou outra sociedade qualquer, descubra um meio de poderem as crianças morar também em edifícios de apartamentos, pensões e casas de cômodos. Contra as crianças se levantam os que só têm consideração para cachorros, esquecidos das palavras de Cristo: "Deixai que venham a mim as crianças".

GRANDE DESFALQUE

De quando em quando surge na imprensa uma notícia sensacional: corre o trâmite legal no Juizo da Fazenda Pública, um processo escabroso. Fulano de tal, funcionário de tal lugar, com tantos anos de vida a serviço do govêrno naquele setor da administração pública, praticara um desfalque e estava sendo processado depois de tudo apurado em rigoroso inquérito. O leitor lê a notícia,. vai-se interessando pelo desenrolar da novela, e, já no final do relambório, êle não pode deixar de soltar uma gargalhada. Sim, gargalhada. E' que desfalque houve, não resta dúvida; mas... de importâncias ridículas! Querem um exemplo? Leiam isto: "O Tribunal mandou arquivar um processo de desfalque da importância de Cr$ 18,70 (dezoito cruzeiros e setenta centavos) pelo qual foi condenado por acórdão de 11 de agôsto de 1924, o agente do correio de Parnarama, Estado do Maranhão. O referido agente foi exonerado por não ter prestado fiança e ficou em débito com a Fazenda Nacional pela importância já referida. Promovido o executivo agora, depois de decorridos vinte e cinco anos, o procurador da República no Maranhão comunica que o responsável faleceu, sem ter deixado bens que possam ressarcir a Fazenda Pública na importância de Cr$ 18,70. Aí está, leitor amigo, mais uma dessas notícias sensacionais, de tanta repercussão nos lugares pequenos em que vivem e trabalham os funcionários criminosos.. Imaginamos o que não provocou em Parnarama o delito do seu agente dos correios. Com certeza se tratava de chefe de família, o que, por causa de uma diferença de Cr$ 18,70, ou sejam, àquele tempo 18$700, deixou a família desonrada...

ANO XLVIII **REVISTA DA SEMANA** N.º 35 ★ 27-8-1949

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-presidente: GRATULIANO BRITO

PUBLICAÇAO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 140,00	Seis meses	Cr$ 70,00
Registrada — Um ano	Cr$ 170,00	Seis meses	Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 270,00	Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Rua Visconde de Maranguape, 15. Endereço telegráfico "Revista" — Rio de Janeiro. Telefones: Gerência 22-2550; Secretaria 22-4447; Publicidade 22-9570; Fotografia 22-1013; Portaria 22-5602. Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569. Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua Brigadeiro Tobias, 615, 2º andar, s. 217, tel. 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira da Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires. Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação

Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos são de responsabilidade dos autores

ESTE NUMERO CONSTA DE 60 PAGINAS



Resolve o Comité de Relações Exteriores da Câmara dos Representantes dos Estados Unidos aceitar o programa de Truman, calculado em 1.160.990.000 dólares, para as nações do Pacto do Atlântico. ★ E' prêsa em Barcelona uma quadrilha de vigaristas que passava dólares falsos. ★ Chega ao seu fim a tremenda sêca de Portugal, com chuvas gerais. ★ Estuda-se a nova sede para a reunião da ONU em 1951, devendo escolher-se o Rio ou Buenos Aires. ★ Retira a Rússia o seu embaixador na Iugoslávia. ★ Derrota de guerrilheiros gregos em Vitsi. ★ Reúne-se em Praga o Conselho de Bispos Católicos. ★ Golpe de Estado na Síria com fuzilamento sumário do presidente e do "premier". ★ O Estado Maior do Exército grego acusou a Albânia de ter invadido território grego. ★ E' decretado estado de emergência em todo o território de Hong-Kong. ★ Vencem os partidos moderados as eleições na Alemanha. ★ Prepara-se o govêrno chinês para resistir em Cantão. ★ Irrompem as tropas comunistas através das defesas de Kanchou. ★ Estudantes chilenos manifestam desagrado diante da autorização do govêrno para aumento de passagens nos ônibus da capital do país. ★ Tropas regulares da Grécia atacam pela retaguarda os guerrilheiros. ★ Declaram os nacionalistas belgas que resistirão até mesmo pela fôrça contra a volta do rei Leopoldo ao trono do país. ★ E' nomeado chanceler da Argentina o professor de direito penal dr. Hipolito Jesus Paz. ★ Será escolhido para presidente da República Alemã da zona ocidental o sr. Teodoro Heuss. ★ Conseguem os estudantes da Universidade Rural a revogação das ordens da Reitoria que determinaram a greve. ★ Otis Barton bateu todos os recordes de investigação submarina em profundidade com 1.830 metros. ★ Rebentam desordens no Chile em virtude do encarecimento da vida. ★ Estudantes, operários e povo atacam e incendeiam em Santiago, capital do Chile, vários ônibus e carros de transportes coletivos. ★ Decreta a Federação Bancária do Chile a greve geral como protesto ao assassínio de seu filiado Sergio Joffre e pelos poderes ditatoriais concedidos ao presidente Videla pelo Parlamento. ★ Decreta o govêrno do Chile a prisão de todos os comunistas dirigentes sindicais ou políticos, acusando-os como os promotores das agitações populares e das greves no país. ★ São presos vários ex-parlamentares do Partido /Comunista chileno. ★ Ocupam a Fábrica Nacional de Sacos, no Chile, grupos de operários da mesma, sendo mandadas tropas a fim de desalojá-los. ★ Prossegue com redobrada violência a grande ofensiva comunista contra Cantão. ★ Abandona a China nacionalista todo o serviço consular norte-americano acreditado naquele país, em face da próxima derrota final e completa do govêrno de Chiang-Kai-Shek. ★ Entram em greve os operários madeireiros da Finlândia. ★ Forte tremor de terra em Puerto Armuellos, no Panamá, alarmando as populações. ★ Pediu asilo nos Estados Unidos o cônsul geral da Polônia em Montreal. O govêrno inglês mandará a Washington os srs. Bevin e Cripps a fim de estudarem com o dos Estados Unidos a solução para a crise de dólares. ★ Deixam Cantão todo o funcionalismo público e famílias, dirigindo-se para a nova capital daquele país, Chung-King. ★ Fogem de Lima os apristas que se refugiaram na Legação de Cuba. ★ Dizem que Gromyko será o futuro chanceler russo. ★ Marca passo a Assembléia Consultiva da Europa em virtude do choque de interêsses inconciliáveis. ★ Sofre o govêrno norte-americano forte revés na Câmara em relação ao crédito para armar os países da Europa pertencentes ao Pacto do Atlântico Norte. ★ Estudam na Alemanha uma coalizão de partidos incluindo o Socialista. ★ Obtém o govêrno de Tito, na Iugoslávia permissão dos Estados Unidos para a construção de uma usina de aço naquele país mediante um empréstimo no Banco Mundial. ★ Renunciam a seus cargos três ministros do govêrno da Guatemala. ★ Aumentam os incêndios no cais do pôrto do Rio. ★ Prepara o presidente da indústria siderúrgica dos Estados Unidos os planos para a greve geral a ser decretada em setembro vindouro. ★ São inumados em Atlanta os restos mortais da escritora Margaret Mitchell, vitimada por um automóvel naquela cidade. ★ Foram pedidas informações ao presidente Dutra sôbre o mandado de segurança impetrado pelo bispo de Maura. ★ Unificam-se as fôrças políticas de Minas Gerais em tôrno da política do Govêrno da União em face do problema sucessório. ★ Inaugura-se no Rio a nova sede da UDN. ★ Viaja para o Uruguai o ministro da Agricultura do Brasil. ★ Notifica o govêrno da Iugoslávia ao diplomata Stefan Horvath, da Tchecoslováquia, que êle deve abandonar o país. ★ E' aumentado para Cr$ 4,00 o preço do quilo do açúcar no retalho no Distrito Federal. ★ Grandes agitações entre a polícia e populares em Belo Horizonte em tôrno dos Congressos da Paz e da Cultura. ★ Os comunistas italianos atingidos pela excomunhão e que seguem o catolicismo se preparam para fundar uma nova igreja católica separada do Vaticano. ★ Anuncia o partido político de Peron, na Argentina, que nenhuma ligação tem com a queima simbólica de exemplares do jornal "La Prensa" de Buenos Aires. ★ Renuncia o prefeito municipal de Nova Lima, Minas Gerais, assumindo o cargo o substituto legal, pertencente ao extinto aPrtido Comunista daquela cidade. ★ E' proibido em Londrina, Paraná, a realização de um Congresso Pró-Paz. ★ Desabamento num edifício em construção nas Laranjeiras, causando a morte de sete operários. ★ Estuda um técnico francês o projeto do "metro" no Rio, incluindo Niterói no mesmo plano. ★ Grandes comemorações por motivo da passagem do centenário do nascimento de Joaquim Nabuco. ★ Rompe o Peru suas relações diplomáticas com o govêrno de Cuba em virtude da fuga de políticos que se asilaram na Legação dêsse país e depois fugiram e se refugiaram naquele país. ★ A imprensa de Buenos Aires tacha de ditador o Govêrno Videla, no Chile, diante de suas medidas de suspensão de tôdas as garantias constitucionais naquele país. ★ Assegura o senador republicano norte-americano Foster Dulles que os Estados Unidos não instalarão nenhuma base militar próxima às fronteiras da Rússia. ★ Morre o líder da Ku-Klux-Klan. ★ Jornais de Praga abrem campanha contra a orientação política do Papa. ★ Tremor de terra em Portugal. ★ Presos duzentos membros do Partido Comunista chileno. ★ Abandonam o trabalho cem mil trabalhadores finlandeses. ★ E' decretada zona de emergência para todo o Chile. ★ Avançam rapidamente as tropas comunistas sôbre Cantão. ★ Dirige a Rússia enérgica nota ao govêrno iugoslavo. ★ Insistem elementos políticos paulistas para que a refinaria de petróleo do Govêrno Federal seja instalada em Santos e não no Rio. ★ Volta Trujillo a temer a derrubada de seu govêrno. ★ Atacam jornais de Londres aos jornais norte-americanos sôbre a crise de dólares. ★ Explodem em Barcelona duas bombas em edifícios públicos sem causar vítimas. ★ Avanço geral de todos os exércitos comunistas, apressando o colapso total do govêrno de Chiang-Kai-Shek e proclamação do novo govêrno popular na China.

ATENÇÃO

Já está a venda "Eu Sei Tudo" de Agosto

Agora Revivendo a Sua Fase Áurea
INFORMATIVO — MINUCIOSO — VARIADO
Com As Suas Seções Principais:

★ ARTIGOS ESPECIAIS
★ ROMANCES
★ PERCORRENDO O MUNDO
★ CONTOS E NARRATIVAS HISTÓRICAS
★ VIDA DOMÉSTICA
★ NOVIDADES E INVENÇÕES
★ A CIÊNCIA AO ALCANCE DE TODOS
★ CONHECIMENTOS ÚTEIS OU CURIOSOS
★ TUDO SE EXPLICA
★ A VIDA NO CAMPO
★ NO MUNDO DOS SELOS
★ REVELANDO O BRASIL AOS BRASILEIROS
★ DIVERSOS — CARICATURAS — INFORMAÇÕES
★ ANEDOTAS, PROVÉRBIOS, ETC

★

Tudo fartamente ilustrado em cem páginas!

★

Compre hoje mesmo o seu exemplar

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDOES LITERARIAS DOS SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariàvelmente datilografados, em rasão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação não dá informações pelo telefone ou por escrito sôbre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que etiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, êste será utilizado apenas para efeito de pagamento. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: Conto para a "REVISTA DA SEMANA".

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literàriamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

¿VOCÊ PREFERE SER ASSIM?



OU ASSIM?



AH! PREFERE SER ASSIM, NÃO É?

Então use "AMARALINA", tônico capilar. Trata-se da famosa descoberta do sr. Alfredo Nery de Almeida, de Salvador, Bahia, da qual a imprensa, em tempo, se ocupou largamente e que acaba de ser industrializada.

Antes de usar "AMARALINA", leia a bula com atenção. No varêjo Cr$ 35,00 Pelo reembôlso postal Cr$ 45,00. Distribuidores: M. M. Burle & Cia. Ltda. — Av. Rio Branco, 137 — sala 616. "AMARALINA" é encontrada nas Farmácias, Drogarias, Perfumarias, etc.

LIVROS Novos — JOÃO LUSO

RESCISÓRIA DE JULGADOS

★

Coleção de estudos de Direito, por AVIO BRASIL

★

Rio de Janeiro
1949

"Êste livro, como outros, aliás, do autor, é pequeníssima contribuição às letras jurídicas do seu país, como resultado da experiência e do labor de modesto profissional, que, na luta pelo Direito, diàriamente se vê a braços com os difíceis problemas da sua advocacia, e recorre aos compêndios especializados e à jurisprudência e repara quão escassas, em determinados assuntos, são as atenções líterocientíficas".

Esta nota liminar nos explica a intenção do livro e a sua natureza. Tanto quanto, em tal matéria, nos será dado julgar, aqui temos aquilo que o velho Montaigne, sempre citado e tantas vêzes, no seu próprio dizer, mal compreendido, chamou "un livre de bonne foy", um livro de boa fé. Com exemplar singeleza, o prefácio nô-lo apresenta, recomendando-o, acima de tudo, pela sinceridade. Não traz rodeios de linguagem; e só poderá oferecer dificuldades de expressão aos homens desprovidos de preparo e familiaridade para bem se fazerem compreender. Não pretendemos chegar a ditoso êsse resultado, que tão singelo parece. Não raro as questões, sob o primeiro aspecto mais fáceis, encerram os mais árduos, mais penosos problemas. E em muitos casos a cultura superficial, a meia erudição, engendra complicações mais graves ou perigosas que a ignorância completa. Pelo menos, os bisonhos de todo não ousam interpretar; apenas, às vêzes, se metem a adivinhar, mas o resultado é pior ainda.

"...A verdadeira ciência — conclui o autor desta obra — não é apenas a teoria colhida nos alfarrábios, nos gabinetes, mas também a penetração dos acontecimentos vivos. E com esta argamassa — de estudo e de observação cuidadosa de fatos concretos — que o autor vem contribuindo a escola que tem tirado os seus volumes, volumes simples, de profissional que não se desvirtuou".

Encerra o volume extensa nota bibliográfica. São muitas páginas, cujos títulos vêm dos princípios da ciência ou da arte do Direito até às mais modernas concepções da Lei a serviço da Justiça — quando não é esta que serve àquela, a seu modo e a seu talante. O sr. Avio Brasil trata com proficiência de honrar e cultuar a ambas, com melhor proveito para as pessoas — empreguemos ainda a fórmula exemplar — de boa fé. E procuremos, sobretudo, ser escrupulosos, quando mais não seja, à maneira do grande humorista Georges Courteline, especialista em assuntos e questões do Fôro, e o qual, num de seus famosos episódios de tribunal, deixou dito:

"A Justiça e a Lei são duas bastardas, filhas de pais diferentes, que levam a cuspir-se na face uma da outra, enquanto as pessoas de bem esperam, entre dois gendarmes, que as duas se ponham de acôrdo".

CANÇÕES DA BRUMA E DO SOL

★

Versos de MARIA DE MARIM MARQUES

★

São Paulo
1949

Versos portuguêses... Versos nascidos e criados, feitos para a compreensão, a inspiração e a música de Portugal. Tudo neles tem rescendência, sabor e graça vindos da chamada "Santa Terra", ou, ainda mais adequadamente, "Santa Terrinha".

Por assim dizer, a primeira palavra os denunciaria, autênticos, inconfundíveis, absolutamente como tais. A poetisa esteve algum tempo, pouco ou muito, do lado de lá. E' coisa que não se esconde; e ninguém por um momento, sentiria necessidade disso. De vez em quando, uma forma ligeira recorda, seja aquela permanência, seja simplesmente aquela passagem... "As horas continuam se arrastando"... ou "uma pobre criatura se orgulhar"... Não há nisso grande mal, nem mesmo certamente, pequeno. E' só para designar alguma coisa que para aqui já veio, e não tão pouco assim, porque, de algum modo, ficou. Em verdade, porém, que importaria apurar um ou outro caso? Formosos versos e pasta. E, por via de regra, bem feitos, em todos os sentidos bons. Fazem lembrar, às vêzes, Antônio Correia de Oliveira e outras vêzes Virgínia Vitorino; já, porém, se distinguem, nitidamente, se afirmam como sendo de Maria de Marim Marques.

Há no livro duas séries de quadras ou trovas do tipo caracteristicamente popular, mas trabalhadas a preceito e dentre as quais, sem, a rigor, escolher, nos apraz separar os seguintes:

As tentações só dominam
Quem não as quer dominar...
A rocha firme que importam
Os arremessos do mar?

★

Bendito seja o moinho
Quando moi, no seu girar,
O trigo de que são feitas
As hóstias para o altar.

★

"Teve por berço uma enxêrga",
Disseste com desprimor;
Em palhas nasceu Jesus
E é nosso Rei e Senhor!

★

Que valor teria o riso
Se não houvesse a tristeza?
E' sempre depois da chuva
Que o sol tem mais beleza.

★

Calúnia: nódoa tão grande
— Nem eu sei doutra maior —
Ainda mesmo que a lavem
Fica uma sombra em redor.

★

Murcha a hera e cai por terra,
Se alguém do muro a separa;
Meu amor, eu sou a hera...
Tu és o muro que a ampara.

★

Dizem que sou pobrezinha,
Não tenho casa nem horta...
Sou rica do teu amor,
O resto... pouco me importa!

HERMAN LUNDGREN

★

Estudo biográfico da autoria de RAUL DE GÓES, com prefácio de ADEMAR VIDAL

★

Editora "A Noite"
Rio de Janeiro
1949

E' um estudo sóbrio e relativamente rápido, mas de alta e ampla significação para a história da indústria brasileira. Foi realmente necessário dizer muito em poucas palavras para se dar aos fatos a devida e exata eloquência. Todo o exagêro laudatório, mesmo que bem intencionado, parecia tornar mais ou menos convencional, senão um tanto suspeito, aquilo que devia residir na lealdade e na franqueza da exposição dos acontecimentos. Êstes se deviam definir e explicar por si mesmos no terreno das realizações práticas, positivas e em tudo reais.

E' dentro dêste critério puro, critério apreciativo, que ressalta a individualidade de Herman Lundgren, homem de caráter e de ação, a ponto de se poder dizer, como de bem poucos, daquilo que foram e realizaram na vida. Vindo para o Brasil sem proteções ou auxílios, além das próprias iniciativas, a elas se entregou com extraordinária fôrça de vontade e espírito de resolução. Teve de lutar, naturalmente, como todos os princípios lutam, para alguma coisa poderem dignamente conseguir; mas a sua têmpera de batalhador era realmente das mais ditosas. Contratempos ou adversidades de nenhum modo o poderiam abater. Caminhava através dos seus projetos e tentativas, sempre como bem sabe para onde vai e tendo a certeza de que, mais dia ou menos dia, há de chegar. Assim se dirigiu para emprêsas verdadeiramente esforçadas e em que outros homens não acreditavam. Iniciando em Recife sua carreira como corretor de fundos, em breve passou aos empreendimentos de caráter industrial. Dir-se-ia, às vêzes, que a chamada "sorte" lhe não queria sorrir. As duas primeiras fábricas de pólvora que se lhe afiguraram propícias e futurosas — como de fato, mais tarde se tornariam — foram simplesmente pelos ares. Herman Lundgren não desanimou com êsse duplo revés, como em nenhum caso, em sentido nenhum, desanimaria. Associou-se àquele que havia de ser o grande industrial Délmiro de Gouveia, num comércio de peles; inovou no Brasil, pràticamente, a produção do sal que, até então, vinha todo êle, do estrangeiro; desenvolveu, em progressivo aperfeiçoamento, o plantio de cereais; outras culturas e negócios se seguiram e excelentemente prosperaram.

Tornou-se na região nordestina uma figura de valor e prestígio em todos os sentidos. Os seus serviços à causa da Abolição foram dos mais notáveis. Teve a honra de figurar ao lado de homens como Joaquim Nabuco e José Mariano, batendo-se pela causa da emancipação dos escravos. Durante a grande sêca nordestina de 1877, seus servicos assumiram extraordinário relêvo e importância. Consagrou-se amigo do povo, dos operários especialmente, a quem sempre se afeiçoara. Viveu até aos 72 anos, laborioso até ao fim, como superior exemplo de amor ao trabalho e fé no seu ideal. Foi em verdade um triunfador e um benemérito.

SILVINHO

★

Páginas didáticas de JOAO CAMARGO

★

Rio de Janeiro
1949

Êste livro foi composto não apenas com a intenção educativa, mas, também, com o propósito de inspirar a bondade e a ternura. São páginas singelas que, nem por isso, deixam de representar um esfôrço interessante e uma tarefa meritória.

O autor se inspirou, sobretudo, nos sentimentos familiares. Quis dar à criança, a quem frequentemente se dirige pelo doce tratamento de "netinho", uma série de exemplos edificantes, já o encaminhando para o culto da História, já lhe ministrando outras noções e ensinamentos salutares. Para isso, se serve de alguns contos ou narrativas, atendendo sempre à condição da facilidade com que a criança possa assimilar as doutrinas expostas ou simplesmente indicadas. Em outras páginas se serve de viagens, aventuras, conceitos de moral, alguma passagem de apólogo que, ao mesmo tempo, se preste para distrair, alegrar os auditórios juvenis...

Há ainda capítulo que fala de escotismo, da escola de valor, abnegação ou possível sacrifício dos bombeiros. E, de vez em quando, alternando com as descrições ou as narrativas, vêm composições poéticas, curtas e singelas, como tudo o mais.

HOMENS E BICHOS...



Os homens se parecem com os bichos, mas às vêzes as aparências enganam. Souza Costa, que parece um hipopótamo, mostrou-se, como ministro, equilibrista como uma foca.



O ministro Raul Fernandes, que dizem dorminhoco como a preguiça, faz um trabalho silencioso de equipe, na política internacional, como a mais laboriosa das abelhas.



O cangaceiro Agamenon, que lembra o venenoso peixe baiacu, porta-se, na política, como o mais hábil jaguar...



João Neves, que tem ares de garnizé de quitanda, bancou o **pato**, em sua última reaparição política.



O ministro José Linhares, que tem a aparência de um Durock, mostrou-se, no govêrno, mais apurado que uma carijó com a sua ninhada...



O **speaker** Marcondes Filho, com o seu perfil de falcão, vem se revelando menos inofensivo que o mais dócil dos gambás...

Viver com AMOR

CAPITULO IX

Desagradável encontro

O Clinto Country Club estava situado a umas cinco milhas do centro da cidade e se orgulhava de possuir excelente campo de golf com dezoito buracos, algumas quadras de tênis e grande piscina para natação. O edifício do clube era de estilo campestre, de baixa altura, pintado de branco com um "hall" dividindo a entrada do salão de refeições e do salão de baile; possuía ainda poética varanda que circundava todo o edifício.

As 20,30 daquela noite as danças ainda não haviam começado, mas a sala de jantar estava repleta de sócios e convidados da sociedade local.

Carol chegou trajando belo vestido de tom verde e se sentou ao lado de Freda, que trajava um vestido negro. A mesa estavam ainda Ian, espôso de Freda, e Scott, que convidara Carol.

Os olhos negros e grandes de Scott denotavam um certo indício de cansaço. Sua cabeleira negra estava, porém, bem penteada e êle, por vêzes, sorria cordialmente. Sua aparência dava a entender que êle tinha um segrêdo a revelar e procurava tornar-se atrativo com os circunstantes e agradável aos que o cercavam.

Ian, magro, alto e grisalho, com seus olhos castanhos e vivos, mantinha-se naquela sua velha atitude de paz eterna, distinto e bem humorado.

Carol passava a vista em redor e via por todos os lados rostos que lhe eram familiares. Ali estavam Dee e Johnny Downs, Lilliam e Browne Williams, Claire e Henry Porter, e tantos e tantos outros. Lilliam e Browne vieram até ela e conversaram. Os outros cumprimentaram com delicados acenos de cabeça e sorrisos amáveis, no velho estilo familiar e cordial.

Carol se sentia intimamente satisfeita por ter vindo ao clube. Sentia-se como se estivêsses em sua própria casa e experimentava um sabor de felicidade. Até o garçon, George, não se conteve e lhe falou:

— Como sinto prazer em vê-la de volta à nossa terra, Mrs. Sturtevant!

Monsieur Corot, um francês polido e professor de dança, aquêle que ensinava a arte coreográfica a tôda a mocidade local e que não cumprimentava uma senhora que não lhe beijasse a mão com tôda a reverência, não se demorou a vir falar a Carol logo que a viu.

— Posso merecer uma dança com madame? Teremos uma rumba especial para nós.

Carol rememorava os velhos tempos. Tudo ainda parecia o mesmo, inclusive aquêle professor de danças. Ela relembrava o seu contentamento e até mesmo o seu orgulho quando veio com Bill àquela mesma sala logo após o casamento e quando entraram como sócios do Country. Bill encostou o carro à frente do edifício e entrou com ela para dançarem.

— Acha que estou bem, Carol? — perguntara.

— Você está maravilhoso. E eu? Que acha?

— Um encanto, querida. Até parece que apostamos em elegância.

Coisas como estas constituíam o enlêvo da vida de Carol e do espôso.

Súbito veio à lembrança de Carol aquêle outro homem seu companheiro de viagem turística e que chegara a beijá-la: Clive Holdridge, que ao referir-se a Clinto lhe dissera: "Eu conheço bem o seu Country Club e o elemento feminino que o frequenta". Essa lembrança surgiu ao espírito de Carol como se se tratasse de um pretendente à sua mão. Sentiu ela uma esquisita reação e uma espécie de prazer íntimo afastando a apatia que parecia invadir-lhe a alma naquele meio social e festivo.

Scott se dirigiu a Ian e lhe perguntou com sua voz grave:

— Você ainda não jogou golf, Ian?

— Não, ainda não joguei — respondeu o companheiro de mesa erguendo o seu copo e bebendo um pouco. — O campo ainda está impróprio para isso e ainda não o prepararam para a estação. Estamos ainda longe, em abril...

Freda não conteve um riso franco e interveio na conversa, dirigindo-se ao espôso:

— Oh! Ian! Não me fale em abril! Ésse mês para mim, em lugar de ser um sinônimo de primavera, com os pássaros a fazer seus ninhos, recorda-me que tenho que arrumar e limpar nada menos de quinze quartos, que o pequeno Ian tem que ir ao dentista e que a tia Minnie nos vem fazer sua visita anual.

— Nosso garoto já lê — disse Ian.

— E' curioso como as crianças aprendem rapidamente hoje. O método de ensino parece coisa de loucos; mas, indiscutivelmente, trabalha-se.

Carol deu seu voto:

— Eu aprendi na escola com lentilhas. Tôdas as crianças iam à escola com um saquinho de lentilhas e formávamos palavras nas carteiras com auxílio daquelas sementes.

— Pois eu — disse Freda — ainda não sei como foi que aprendi. Quanto à matemática, por exemplo, sou uma perfeita nulidade.

Scot se dirigiu a Carol com um sorriso:

— E de rumba, Carol, como vai você? A orquestra vai executar agora uma...

— Dancei uma vez com um sul-americano em Cuba. Como dançava bem!

— Por favor, não vá fazendo comparações.

— Quanto a mim — disse Freda — Ian me escolhe sempre para dançar tudo o que tocam. Tanto aqui como lá fora. — Tocou-lhe o braço e riu com graça.

— E' verdade, minha querida. Continuamos firmes desde o comêço.

Carol ia dizer alguma coisa quando, olhando para Freda, percebeu que algo de sensacional lhe estava acontecendo. Parecia estupefata, olhar fixo à porta de entrada do salão. Súbito Carol sentiu um arrepio. Bill passava roçando sua cadeira.

Scott e Ian o viram. Sorriram ligeiramente e, instintivamente, olharam para Carol. Ela estava gelada.

— E' Bill, não é? — perguntou.

— Sim — respondeu Freda. — E' Bill e... Evelyn. Mas não olhe agora, Carol. Todo mundo está olhando. Você agora precisa manter-se firme e indiferente aos murmúrios. Éste momento é o limite de tudo o que possa ser comentado em tôrno de seu divórcio e do casamento dele com a outra. Sustente a posição, querida, e deixe que êsses idiotas comentem. Logo se esquecerão.

— Quer dançar, Carol? — convidou Scott.

Carol não tinha coragem de olhar para ninguém, pois sabia que todo mundo estaria olhando para ela, quando se erguesse para ir dançar com Scott. Mas era preciso reagir. Ergueu-se e, colocando seu braço sôbre o ombro do par, procurou dominar-se, embora a mão denunciasse o seu estado dalma.

— Não se perturbe — recomendou Scott gentilmente.

Ela lhe fêz um gesto com a cabeça. Já dançara assim anteriormente? Já experimentara um momento dêsses antes? Deus do céu! — pedia ela intimamente. — Dai-me coragem para vencer todos os obstáculos! Ponde um sorriso em meus lábios! Conservai meu corpo ereto! Alentai meu coração de forma que tudo isso não se resolva em lágrimas! Tenho a impressão de que estou em estado deplorável e que todos me fitam! Sou uma emocional, bem sei. E isso é profundamente cruel... Não posso rir nem odiar... tenho o coração sangrando, incapaz de conter ódio...

— Quer sentar-se? — perguntou Scott.

— Não. Isso em nada ajudaria...

— Bill não agiu bem vindo hoje aqui. Perdeu o bom senso, o senso de justiça, de decência... só para humilhá-la... — murmurou Scott.

— Não, Scott. Bill pertence a esta terra. Tem todo o direito de vir até aqui e trazer sua espôsa. Estão olhando ainda muito para mim? Ou já pararam?

— Muitos ainda olham para você. Ian e Freda já acabaram de dançar e Bill se sentou com a espôsa numa mesa. Você quer...

— Sim, quero — adiantou-se ela, adivinhando o que ia falar-lhe Scott.

Quando Carol tornou a sentar-se, ficando de costas para a assistência, Ian, Freda e Scott começaram a conversar animadamente. Procuravam todos divertir o atribulado estado moral de Carol que não sentia nenhum atrativo com o ambiente festivo, nem sabia mesmo quanto tempo esteve a dançar.

Depois de manter-se durante algum tempo sem prestar atenção ao que lhe ficava às costas, Carol se voltou um pouco e viu Bill a dançar com Evelyn. Foi ela quem o viu primeiro sem ser visto por êle, naquele instante.

Pareceu a Carol que o rosto de Bill não denotava ares de satisfação. Em dado momento, seus olhos se cruzaram com os de Carol. Bill lhe dirigiu um sorriso contrafeito e forçado que mais parecia uma carêta.

Carol não sorriu. Ela estava ali sofrendo e olhando para Evelyn. Usava ela um vestido de chifon negro que lhe desenhavam as curvas do corpo e destacavam o rosto de menina viva e exótica, um tipo admirável e algo incompreensível.

Carol olhou outra vez, furtivamente, e viu Bill e se reviu novamente na tela do passado. Via-o terno, ardente, amigo, incapaz de fazer um inimigo; às vêzes egoista, outras vêzes altruista. Que gostava de camisas azuis, de pijamas azuis e roupas-esporte de duas côres. Que gostava de ovos escalfados no almôço, que gostava de creme como qualquer criança... E tudo isso, todo aquêle amor que os unira durante sete anos, estava reduzido a nada, a recordações e saudade...

Carol baixou os olhos como se desejasse fugir de si mesma. Mais uma vez, ao erguer a vista, deu com Bill e Evelyn que conversavam à mesa de Dee e Johnny. Dee era sua amiga, uma das boas amigas de Carol. Johnny trabalhara na mesma Companhia em que atuava Bill, mas ocupando lugar menos importante. Decerto Dee não tinha outro meio que não o de tornar-se extremamente cordial para com Evelyn.

Carol voltou-se para seus amigos e lhes disse com visível amargor na voz:

— Se não venho causar descontentamento a vocês, e se acham que já me saí bem nessa prova de exame, desejaria antes ir para casa. Sinto bastante ter de causar-lhes tamanha contrariedade.

— Está muito bem, Carol — disse Scott suasoriamente. — Também já estou disposto a retirar-me.

Freda pela primeira vez pareceu olhar para Carol com certa pena e se pronunciou:

— Irei vê-la amanhã...

— Você se manteve de forma magnífica, Carol — disse Ian.

Quando Scott e Carol se foram, Freda se virou para o espôso e resmungou de mau humor:

— Isso foi uma crueldade. Nunca pensei que Bill fosse tão perverso.

— Ora... êle não pensa assim. Sendo um homem e homem prático, certamente pensará que Carol, jovem, linda e com recursos, não ligaria tanto. Nada mais sem sentido do que as cabeças que se amam.

— Você chama a isso amor? — perguntou Freda com os olhos luzindo. E prosseguiu com um tom de censura: — Vocês homens estão sempre falando de que são práticos e de que o mundo lhes pertence e somente olham para seus interêsses... E' justamente isso.

Ian riu e coçou o queixo num gesto seu. Em seguida falou:

— Minha querida, isso tudo é uma embrulhada. O melhor é não darmos atenção e não fazer perguntas. Não acha, meu bem?

— Vamos para casa. Já vimos e sentimos bastante.

— E você sempre sensível às dores alheias, tal qual uma boa mamãezinha — pilheriou o espôso.

Logo que entrou no carro de Scott,

RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA

Carol Sturtevant, jovem divorciada, empreende uma viagem de turismo para esquecer o passado. Faz a bordo várias amizades e, já de volta, no pôrto de Havana, entra no círculo de suas relações o engenheiro Clive Holdridge, que a convida para jantar, dançar, irem juntos ao cinema. Ela, porém, aceita apenas o jantar e os aperitivos no bar. Depois de ter chegado a Nova York Carol é convidada por Clive para jantar em sua companhia e se declara apaixonado por ela. Depois de sua excursão, volta Carol à cidadezinha de Clinton, sendo recebida entre abraços por sua amiga Freda, que lhe arranja apartamento. Carol deseja muito conhecer Evelyn, a nova espôsa de seu ex-marido, Bill, e sabe que ela está hospedada com êle no Hotel Beaumont. Em Clinton, Carol é cercada de tôdas as considerações por parte de sua amiga Freda, espôsa de Ian Kelly. Tendo sido convidada para jantar numa roda de amigos no clube, Carol tinha apenas receio de que Bill e Evelyn tivessem naquela noite o mesmo pensamento e os três se fossem encontrar naquele meio social.

ROMANCE DE MARGARET G. NICHOLS ★ ILUSTRAÇÃO DE ARMANDO PACHECO



de volta ao seu apartamento, Carol se dirigiu a êle:

— Sei que você ficou embaraçado com a chegada de Bill e da espôsa, Scott, mas eu não o censuro por isso. Não teve você nenhuma culpa. Nossa amizade permanecerá a mesma. Tinha que suceder inevitavelmente. Lá uma vez eu teria que encontrar com ela, ali ou fora de lá. E' uma circunstância social. Muito me custou passar por aquêles momentos. E eu não quero nem desejo ser uma criatura endurecida e anti-social. Além disso Bill é um homem esportista, os seus amigos continuarão a frequentar sua residência, a jogar poker, golf, e sua espôsa os receberá com a amabilidade que é peculiar a uma senhora de sociedade e educada.

— Êste mundo está todo corrompido — murmurou Scott.

— Nada, meu amigo. Isso é divórcio. O divórcio sobrevem constantemente a uma grande quantidade de casados. Eu possuía até dados estatísticos, mas não me recorda agora dos algarismos exatamente.

Em seguida, como que tomando fôlego, ela prosseguiu:

— O que não revelam as estatísticas são as cenas desagradáveis, como, por exemplo, as que se vão reproduzir esta noite mesmo, ou o que sobrevem aos filhos, quando os há. São pequenas particularidades que envolvem os casados, conjuntamente.

— Você é admirável, Carol — respondeu Scott.

— Não, meu caro. Eu não sou isso. Sou, sim, ciumenta, e sinto ciúmes de Evelyn e chego mesmo a odiá-la... Sou apenas humana e mulher. Só posso odiar a pessoa que tomou uma coisa que me pertencia e a levou para sempre... Embora saiba que Bill estava em seu perfeito estado de espírito e consciência quando se casou com ela. Com certeza êle precisa mais dela do que de mim.

Carol calou-se. Scott se conservou em silêncio, a guiar o carro. Logo que chegaram ao apartamento de Carol, êle parou o auto, desceu e lhe ofereceu a mão para ela descer.

CAPITULO X

O surpreendente Clive

Já fora do auto e diante da entrada do edifício, Carol se voltou para seu companheiro e falou:

— Ainda não é tão tarde, e eu tinha satisfação de mandar que entrasse também... mas, como sabe, tenho que manter minha reputação acima de qualquer suspeita, pois que Bill poderá suspender a mesada que a lei me garante e êle mantém. Preciso viver perfeitamente dentro da lei, como uma puritana, enquanto êle também viver legalmente com Evelyn... E' a lei. Dão a isso o nome de Justiça... Sei que não interessa a ninguém, muito menos a você, estar ouvindo tudo isso. Nem eu mesma devia estar dizendo tais coisas. Que tem o mundo com os meus tormentos e amargores? Tudo é coisa que me diz respeito e pelas quais só eu posso passar e chorar...

— Eu compreendo perfeitamente, Carol — respondeu Scott.

Ela lhe estendeu a mão. Êle a apertou numa despedida afetuosa e disse:

— Desejo auxiliá-la; mas... não quero ultrapasaar os limites da situação.

— Sinto bastante, Scott, ter-lhe causado uma desagradável noitada...

— Ora, Carol! Por Deus! Não pense mais nessas coisas que dão tristezas a você. O que desejo, de todo o coração, é que você veja em mim um amigo sincero, um amigo que tem vontade de ajudá-la. Um amigo, Carol, que a admira cada vez mais.

— Muito agradecida, Scott.

— Eu virei vê-la outro dia. Poderemos fazer alguma coisa em seu favor. Poderemos...

— Sem dúvida... Boa noite.

Carol subiu ao seu apartamento, enquanto Scott voltava ao seu carro de regresso ao centro da cidade.

A jovem divorciada abriu a porta, fechou-a e ficou recostada à mesma, como que a sonhar com coisas de sua vida passada.

Uma série de cenas lhe vieram ao espírito. Via-se ao lado de Bill, alegres, satisfeitos e felizes, voltando do clube, daquele mesmo Country Club, numa noite alegre de um sábado. Ela sempre era quem abria a porta da garagem para êle entrar com o carro. Era ela quem acendia a luz e apagava-a após. Então Bill tirava o paletó e dizia: "Sabe, querida? Estou com fome. Temos alguma coisa para comer?". Ela ia buscar pão e presunto e fazia sanduíches. Iam ambos para a cozinha, sentavam-se comodamente e começavam a tagarelar. Logo que terminavam a refeição, iam ambos lá para cima, para o dormitório. Eram dois entes venturosos. Um casal feliz. No dia seguinte, domingo, acordavam mais tarde como dois bem-aventurados. Estavam em seu lar. Vinham os jornais do dia. Era interessante que Bill ia primeiramente ler as figuras em quadrinhos, as historietas cômicas. Ela achava graça quando êle procurava justificar essa preferência, ao esclarecer: "Isto é minha dieta intelectual para hoje...". A vida lhes corria sem rusgas, sem nada de dramático, serena como um lago tranquilo. Não tinham problemas entre si. Por vêzes ela desejaria que êle gostasse mais de bons livros e de boa música. E, se êle sabia disso, lhe fazia a vontade.

Carol estremeceu. Era como se houvesse acordado de um sonho. Aquela vida de sete anos de casada com Bill não lhe saía com facilidade do espírito. Ela procurou esquecer-se de tudo aquilo. E se sentiu como que profundamente cansada, fatigada, só, tristemente isolada. . . . . . .

(Continua)

BOM HUMOR



— Duvido que adivinhes o que temos para o jantar!



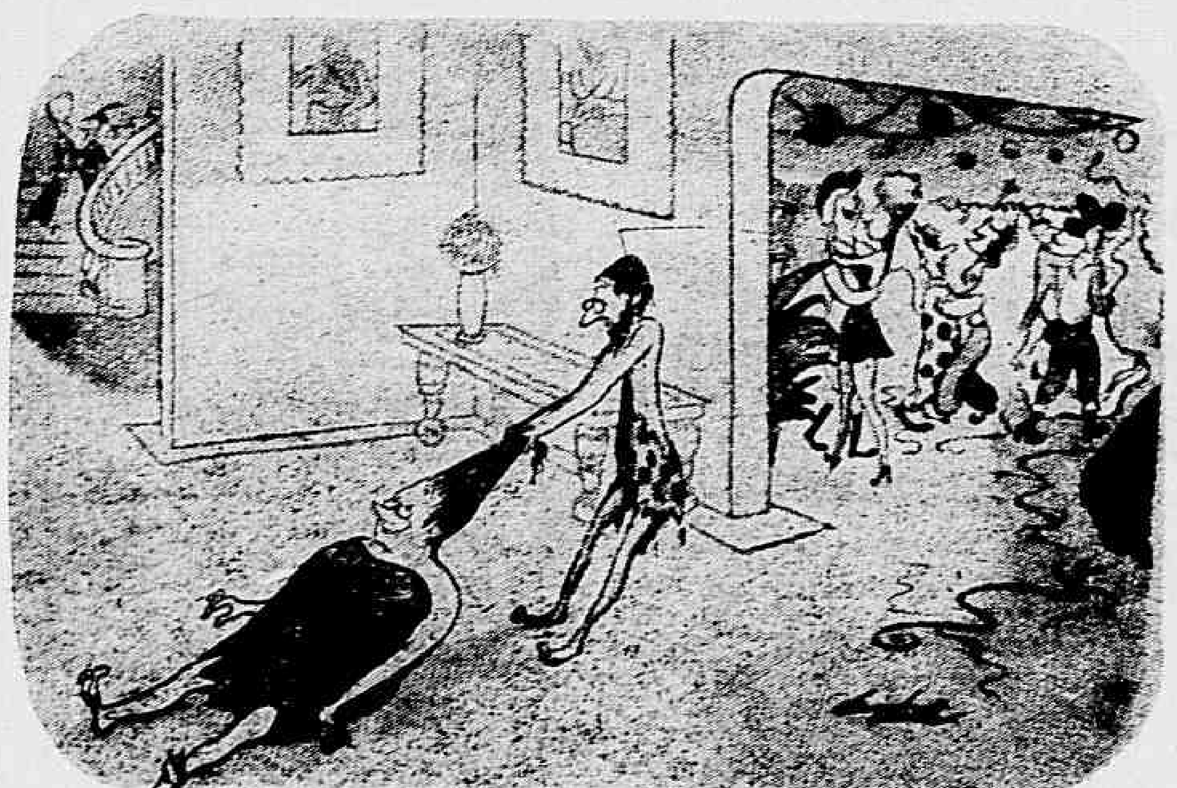
— Lembre-se, só me interessam as obras de Shakespeare.



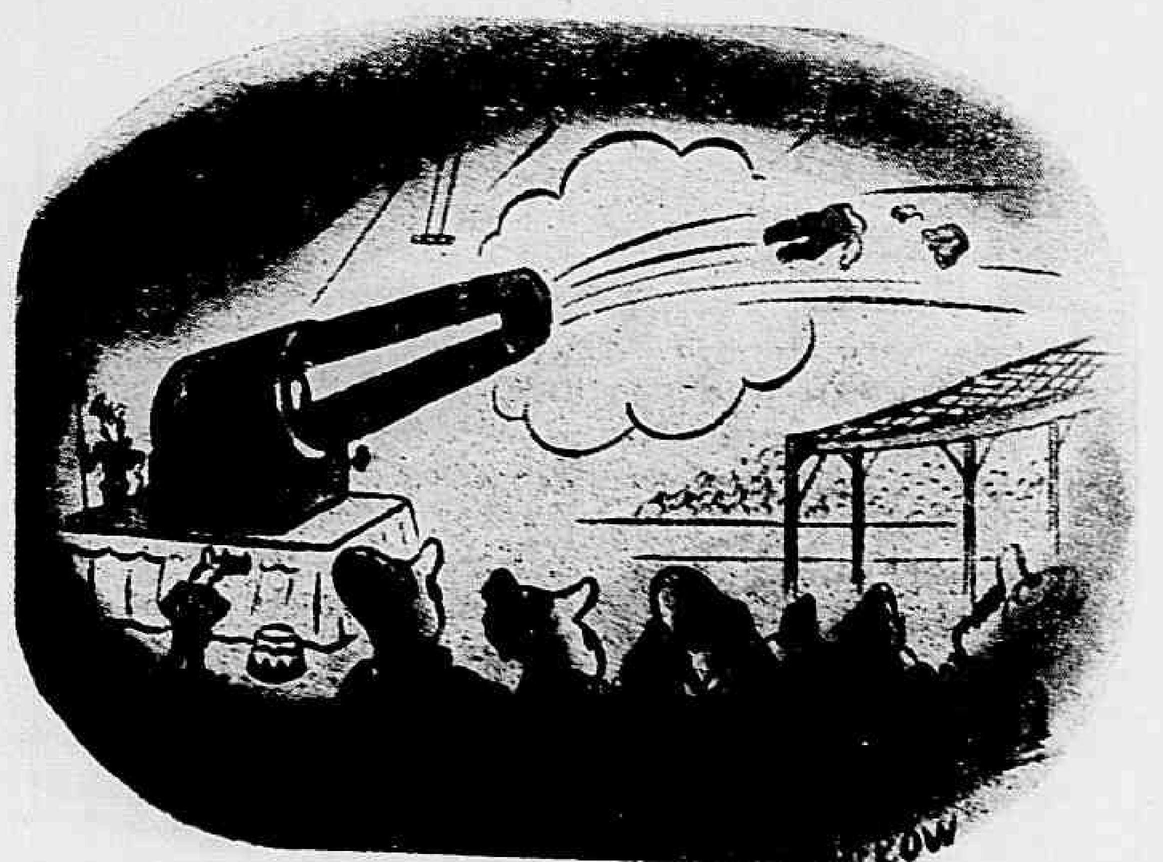
— Êle adora dormir à sesta, todos os dias.



— Bolas, logo agora que êsse negócio foi enguiçar.



— Não achas melhor desistirmos desta entrada tão realista, querida?



— Da próxima vez precisamos diminuir um pouco a carga.

BROADCAST



As irmãs Meireles gostaram do Brasil, razão de entabolarem negociações para uma nova temporada na PRE-8

RADIO-FLASHES

"FESTIVAL CHOPIN"

Com um recital do pianista francês Charley Lilamand, nome conhecido dos apreciadores da boa música, iniciou-se ao microfone da Rádio Ministério da Educação, o anunciado "Festival Chopin", com o qual a PRA-2 associa-se às comemorações que estão sendo levadas a efeito pelo transcurso do centenário dêsse grande compositor polonês. Os demais recitais estão sendo apresentados às quartas-feiras, às 21 horas e 30 minutos, e repetidos aos domingos, às 19,30, em gravações. Êsse programa da emissora do Ministério da Educação estender-se-á até o mês de dezembro.

CURIOSIDADE

Genaro Salinas, conhecido como "a voz de ouro do México", fêz seu debut radiofônico ao microfone da XEW, a maior emissora do pais azteca Nessa ocasião, o feliz intérprete de "Tú dondes estás", contava, unicamente, oito anos de idade. Hoje, êle já entrou na casa dos vinte e nove... Natural de Tampico, seu maior sucesso artístico foi "Granada", número que, além de lhe valer o slogan que possui, serviu para colocá-lo como recordista na venda de discos.

Genaro Salinas, no momento, leva a efeito uma temporada na Rádio Globo e participa dos show de uma "boite". O número de grande sucesso do seu repertório, presentemente, é "Que será de mi?", bonita composição de Mário Clavel.

TRÊS NOVELAS

Lourival Marques, ora à testa da direção artística da Mayrink Veiga, entregou ao desempenho do elenco de teatro-cego da PRA-9, seu mais recente seriado, a que deu o título de "Sangue Vienense" Trata-se de uma história em tôrno da vida e os amôres de Strauss. ★ Também Ghiaroni, autor de inúmeros sucessos no gênero, confiou ao cast da PRE-8, a interpretação de "Paixão silenciosa", novela que foi lançada na última quarta-feira Segundo os entendidos, essa história suplanta os trabalhos anteriores do criador de "Tancredo e Trancado". ★ Oranice Franco, por sua vez, não desejando permanecer na cêrca, finalizou "A marcha para Deus", novela que tem por cenário a cidade de São João Del Rei. Essa produção do autor de "Clarice" está sendo aguardada com interêsse, uma vez que há muito Oranice nada produzia para o elenco de teatro-cego da PRE-8.

NOVIDADES EM FOCO

Fernando Lôbo, através do Programa Cesar de Alencar, está apresentando "Adivinhe se é capaz". ★ Gilberto Martins está sendo apontado como futuro dirigente da Rádio Clube do Brasil. ★ Pedro Veiga confiou a Amélia Ferreira, Cid Camargo, Teixeira Pinto e Tereza Costa, o desempenho de "Sombras que passam". novela irradiada pela PRE-3 ★ Horácio Quintana está sendo esperado em São Paulo, a fim de cumprir contrato com a Record. E' provável sua visita ao Rio. ★ As "Irmãs Meireles" dentro em breve voltarão a cantar para os sintonizadores da Nacional. ★ Lisa Castro é a mais recente conquista do elenco de teatro-cego da PRA-3, ora sob a direção de Benvindo Edinaldo.

CONFISSÃO

Orlando Caldas, cronista radiofônico da "Vida Doméstica", não maldiz a profissão; suas são as palavras que seguem:

— "Bastaria a oportunidade de convivio com todos êsses artistas e estrêlas apreciados dia a dia pelo público para fazer da função um felicíssimo dever. Mas, o cronista é também, ou pelo menos deve ser, principalmente, um crítico, deve saber julgar e com seu trabalho vigilante e constante, velar para que a arte não saia de seu verdadeiro caminho...

Por isso é que, por vêzes, devemos tomar papel antipático, até certo ponto. E' quando devemos apontar erros e corrigir senões.

A contra-gôsto e sem entusiasmo o fazemos... Mas, é dever de consciência e o cumprimos...

Em todo caso, mais frequentemente, preferimos levar nossa crítica para o lado jocoso, que sempre é bem recebido pelos artistas inteligentes.

E... quando não nos acatam, não nos importamos...

Continuamos a bater na mesma tecla, lembrando-nos que a solução já havia sido preconizada pelo grande Horácio em sua "Arte Poética": — como norma à boa crítica: "...Castigat ridendo mores..."



Lisa Castro, uma nova descoberta de Benvindo Edinaldo para o elenco de teatro-cego da PRA-3



O TREM CHEGOU

Balancelo de Hervê Cordovil

O trem de ferro
Chegou na estação, parou.
Bebe água quando quer
Bebe água quando quer.

Seu doutor Agiberto Pires
Partiu p'ra Jequitibá
Seu doutor Agiberto Pires
Partiu p'ra Jequitibá
Chorou morená
Chorou morená
Chorou p'ra o acompanhá...
Chorou morená
Chorou morená
Chorou p'ra o acompanhá...

O trem de ferro, etc.

O Zequinha farmacêti
E' bão qui vancê nem sabe
Curou meu amô
Curou meu amô
Com deztão de sá de grabe
Curou meu amô
Curou meu amô
Com deztão de sá de grabe.

★

ARRIMATE CARINITO

Bolero mambo

Arrimate carinito
Arrimate bien cuquita
Arrimate y dame de tu calorcito
Arrimate carinito
Quiero mirarme em tus ojos
Y besar esa boquita, corazon
Y bailame suavesito
Y bailame zandunga
Moviendo bien la cintura
De aqui para allá
De allá pá cá.

★

THE NIGHT NAS A THOUSAND EYES

De Buddy Bernier e Jerry Brainin

Don't whisper things to me you [don't mean
For words deep down inside can be [seen by the night
The night has a thousand eyes
And it knows a truthful heart from [one that lies
Tho romance may have called in [the past
My love for you will be everlasting [and bright:
As bright as the starlit skies
Ant this wond'rous night that has [a thousand eyes
I've lived my life walking thru a [dream
For I knew that I would find this [moment supreme
A night of bliss and tender sighs,
And the smilling down of a thou-[sand eyes,
The night has a thousand eyes.

RÁDIO — FONTE EDUCATIVA

À primeira vista pareceu contraproducente educar pelo rádio. Dúvidas surgiram quanto ao interêsse que a aula poderia despertar, havendo quem vaticinasse o completo fracasso dêsse sistema. E' que para muitos o rádio não passava de instrumento de diversão, com sambistas cantarolando melodias diversas e locutores anunciando as vantagens de qualquer produto. Porém, a persistência de alguns estudiosos da matéria, venceu a dúvida existente. E' que êstes, desejando utilizar o microfone como fonte divulgadora dos conhecimentos humanos, argumentaram de tôdas as maneiras, conseguindo jogar por terra os "do contra". Assim surgiram os primeiros programas instrutivos. Aulas práticas de linguagem, lições gerais e até mesmo estudo de outros idiomas foram levados a efeito. O rádio passou a ser fonte educacional, criando-se uma "Universidade do Ar", então dirigida pela professora Lúcia de Magalhães. Nomes acatados do magistério vieram para o microfone ensinar, enquanto o número de alunos crescia a olhos vistos. E, nessa marcha, o "broadcasting" passou a cuidar melhor dos problemas educacionais, confiando a pessoas de saber, a elaboração de seus programas instrutivos.

Na luta que se travou para utilizar as ondas hertzianas como poderoso veículo de divulgação, as emissoras oficiais levaram a melhor. Não carecendo do auxílio comercial, elas puderam expandir seus horários, utilizando-os na disseminação de conhecimentos úteis. Dêsse modo, surgiram as aulas de português, dadas pelo professor Rainho, ao microfone da Rádio Ministério da Educação. A seguir, a B.B.C. aproveitando alguns minutos de suas transmissões para o Brasil, inaugurou um pequeno curso de inglês. Logo, outra estaçço, levou a efeito aulas de francês, confiadas, aliás, à professôra Ivone Garnier, nome que dispensa comentários, tais os seus conhecimentos do idioma gaulês. E, nesse caminhar, muitas outras iniciativas dêsse gênero foram lançadas, tôdas de grande aproveitamento para os que gostam de aprender.

A Rádio Roquete Pinto, confiou ao professor Arcílio Papini, a apresentação de um curso de português. O mestre, como que habituado a ensinar pelo rádio, reuniu em tôrno à sua iniciativa, apreciável número de alunos, a julgar-se pela volumosa correspondência que recebe. Tal êxito deve-se, em parte, ao sentido atraente das lições ministradas pelo professor Arcílio Papini. Êle conduz com bastante propriedade suas proveitosas lições, intercalando-as de casos pitorescos, que fogem àquela rigidez observada nos estabelecimentos de ensino. Esse renomado educador, sem fugir ao sentido das aulas ministradas, torna mais agradáveis, razão do interêsse despertado. E' o meio prático de contribuir para o preparo de milhares de ouvintes, sem provocar-lhes cansaço e sem desvirtuar a orientação imposta pelos modernos métodos pedagógicos. — A. MIGUEIS.



MIKLOS GÁBOR e Susy N. Banky em uma das mais emocionantes cenas de "Em qualquer parte da Europa", filme húngaro, que está comovendo Buenos Aires. Com esta película o diretor Géza Radványi projetou-se no cenário cinematográfico mundial



SUSY N. BANKY
Jovem e bela

PREMIÈRE A ZERO GRAU

O PÚBLICO ARGENTINO COMOVE-SE COM OS GAROTOS DE "EM QUALQUER PARTE DA EUROPA" ★ UMA NOITE FRIA E UMA PLATÉIA EMOCIONADA ★ UMA GRANDE PELÍCULA HÚNGARA PARA O MUNDO ★ "KUKSI" MORREU DE VERDADE ★ 40 MENINOS PERDIDOS EM UM MUNDO PERDIDO ★ PATROCÍNIO DAS NAÇÕES UNIDAS ★ NOTAS DE UM REPORTER "MÔRTO DE FRIO"

Por LUIZ ALÍPIO DE BARROS

BUENOS AIRES, agôsto (Por via aérea) — **A cidade mostrava-se agressivamente fria neste fim de inverno.** Um frio terrivel que atravessava a grossura do sobretudo e a casimira pesada da roupa escura. Um frio que fazia o termômetro descer a 0° e, lá pela madrugada aita, chegar mesmo à absurda temperatura de 4° abaixo de zero. Os letreiros luminosos da **Calle Corrientes** anunciavam que a cidade começava a sua intensa vida noturna. Anibal Troilo e sua excelente orquestra gritavam os seus tangos no "Tibidabo". Mas as atenções da cidade estavam dirigidas para a **avant-premiére** cinematográfica da noite.. A **avant-premiére** de "Em qualquer parte da Europa", película húngara que tanto sucesso havia alcançado na Europa.

Convidados especialmente pelo sr. Egídio Alberto de Mayo, exibidor argentino, estivemos presentes à **avant-premiére**, na qualidade de representante da **REVISTA DA SEMANA**.

PRESENTE. TODO O MUNDO CINEMATOGRAFICO

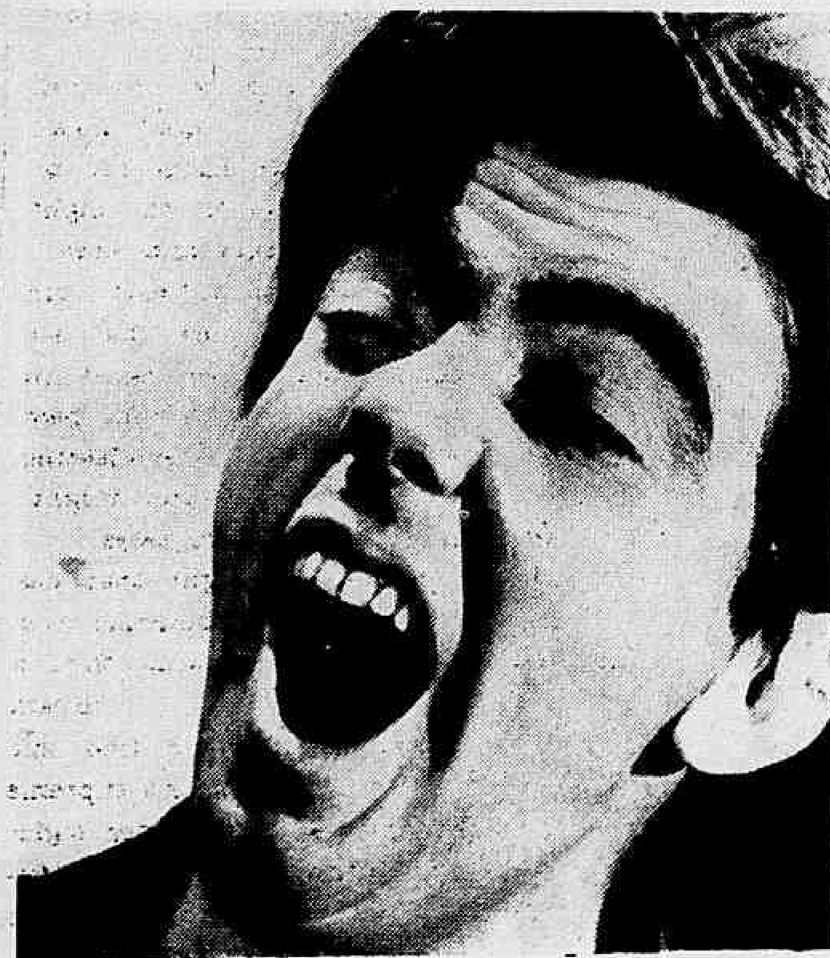
As dependências do cinema "Libertador" foram completamente tomadas pelos mais expressivos representantes da cinematografia argentina: diretores, exibidores, produtores, técnicos, atores e jornalistas especializados. O escritor cinematográfico Francisco Madrid, espanhol radicado em Buenos Aires, conversava com Hugo del Carril, o famoso cantor e ator, e lhe contava passagens das suas experiências cinematográficas na Europa. O mais era expectativa para o filme que havia comovido a França e a Itália, e aos presidentes Truman e Vincent Auriol, e ao escritor André Gide e ao general Delattre de Tassigny.

Passavam das 11 horas da noite quando o filme começou, e ao terminar, as palmas explodiram na sala.

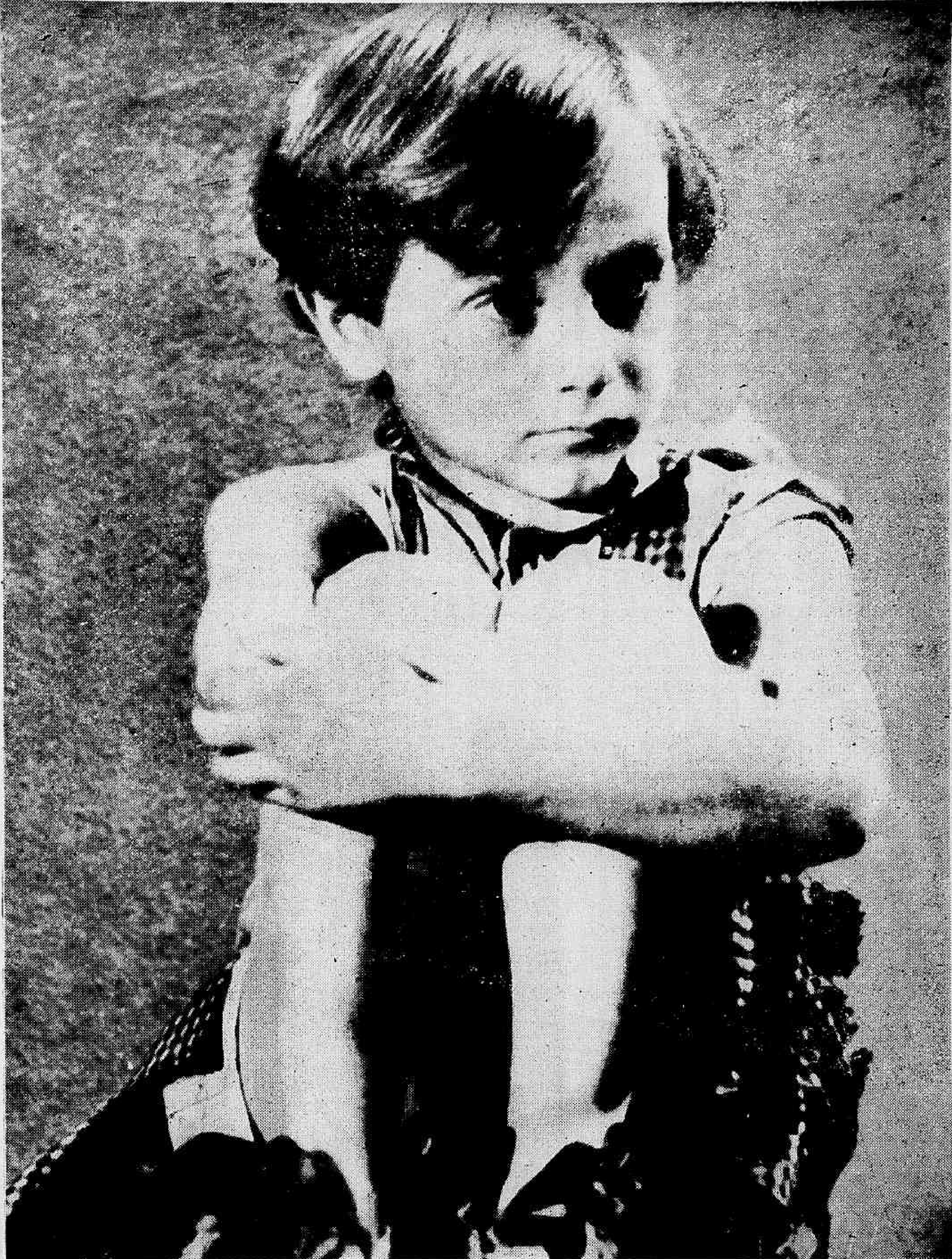
SURGE UM DIRETOR

Mas que filme é êste "Em qualquer parte da Europa"? Nada mais que uma pelicula húngara, realizada por um cavalheiro desconhecido e hoje famoso na cinematografia mundial: Géza Radványi. Com os seus quase quarenta anos, Radványi levou para a tela a história simples e comovedora da infância abandonada e desajustada da Hungria dos dias trágicos da guerra. Mas "Em qualquer parte da Europa" não é um filme de guerra. E' a tragédia de tôda a infância açoitada pelo desequilibrio dos homens, a tragédia dos inocentes que pagam pelos crimes dos que gostam de incendiar o mundo.

Como Vittorio de Sica em "Sciusciá", Radványi reuniu um grupo de crianças (40 ao todo) e escreveu em imagens um drama terrivel. Estas crianças, que jamais haviam visto uma câmera, são os personagens principais da história. E a presença dos atores Arthur Somlay, Susy N. Banki e Miklos Gabor serve somente para mostrar que êles estão inteiramente identificados com os personagens que representam e que ninguém seria capaz de interpretá-los com mais realismo e humanidade. Arthur Somlay está segurissimo no velho maestro que se refugia "naquele lugar perto do Danúbio" porque achava que havia muito barulho no mundo para que a sua música fôsse ouvida. Miklos Gabor, um jovem atlético e profundamente simpático, consagrou-se como um ator excelente. Sôbre Susy N. Banky temos de confessar ser uma criaturinha encantadora e bela e com um forte talento artístico:



MIKLOS GÁBOR
Já um ator



LAZLOS HORVARTH toma conta do filme com a interpretação do pequeno e endiabrado "Kuksi". Notícias de Budapest informam que o garotinho morreu de tifo. Lazlos Horvarth era um ator consagrado pelo seu trabalho em "Em qualquer parte da Europa"

"KUKSI" MORREU DE VERDADE

Mas "Kuksi" toma conta do filme. Êle é, sem dúvida, o responsável pelas lágrimas que vertem dos olhos dos espectadores. "Kuksi" é um garotinho de sete anos chamado Lazlos Horvarth, que não existe mais. Sim, não existe mais, pois não bem terminava a primeira exibição da película em Buenos Aires quando a notícia da morte verdadeira de "Kuksi" (êle morre também no filme) encheu a sala. "Kuksi" é morto, mas o seu único trabalho cinematográfico serve para comprovar o comovente e grande ator. O tifo levou para sempre o pequeno Lazlos Horvarth, mas "Em qualquer parte da Europa" fixou para sempre o seu talento.

CONSIDERAÇÕES CRÍTICAS

O leitor, ao ler as linhas que já escrevemos acima, naturalmente pensará que "Em qualquer parte da Europa" é um filme fora do comum. De fato, a película húngara dêste confuso após-guerra europeu é uma obra superior. Uma película excelente ou mesmo excepcional dentro da orientação social e humana em que foi realizada. Quando dizemos isso não estamos nos baseando somente em nossa opinião pessoal. Sôbre os pequenos personagens do filme, disse Truman: "A mendicância, a mentira e o roubo foram os meios de sobrevivência. São já pequenos anciãos que não conheceram a alegria de viver como meninos. Para êles... somente existe um mundo sem valor, um mundo onde os meninos têm fome e onde o afeto e a ajuda mútua não têm guarida". E Vincent Auriol: "A miséria dos meninos há de comover a todos os homens e a tôdas as mulheres de coração".

Sob o ponto de vista artístico "Em qualquer parte da Europa" tem os seus defeitos. Porém, defeitos originados mais pela fragilidade da história na segunda metade do filme (a primeira metade é um prodígio de cortes e montage e Radványi tem ocasião de mostrar os seus grandes conhecimentos cinematográficos), uma fragilidade proveniente da natural concessão que Bela Ba-

(Cont. na pág. 52)

"EM QUALQUER PARTE DA EUROPA" é o drama tremendo da infância abandonada e desajustada da Hungria, durante os terríveis anos da guerra destruidora. Em baixo, uma fortíssima cena do filme, com os garotos matando um cavalo para comer



AS CARICIAS SÃO PERIGOSAS

De RAUL GALLIEN
Tradução e adaptação de
RENATO DE ALENCAR

QUANDO eu comecei a namorar Alfredo, meu pai, que era médico e muito dado a estudos psico-biológicos, foi acompanhando o desenrolar de meu futuro noivado até que, um dia, me chamou para uma conversa importante em seu gabinete de trabalho, num dia de folga.

Ofereço a tôdas as moças que estejam nas mesmas condições ou que ainda não tenham conhecido o eleito de seu coração, esta página de interêsse feminino, como uma bússola, um farol na grande estrada de nossa vida.

Depois de trocarmos algumas palavras dentro da maior harmonia, meu pai começou a falar:

"Os beijos, os abraços, carícias ou contacto corporal entre dois indivíduos de sexos opostos são parte de uma necessidade natural; mas também são o meio de expressar sentimentos de amor e carinho.

Sob o ponto de vista biológico ou social, as carícias são perigosas, e as carícias íntimas, fora do matrimônio, são consideradas nocivas. A você, minha filha, podem parecer perfeitamente aceitáveis; mas já pensou no prejuízo incalculável que lhe podem trazer do ponto de vista social, pessoal e moral?

Você que é solteira pode, com essas carícias, perder seus ideais, comprometer seu caráter, destruir a confiança de suas amigas, seus conhecidos, seus pais e, até mesmo, o respeito de si própria. Os arquivos de médicos e psiquiatras estão cheios de casos que demonstram que as carícias, numa ou noutra forma, têm provocado grandes dissabores e perturbações mentais, frustração e desespêro na vida de uma mulher solteira.

Não se pode jogar com o sexo e ganhar. Não se pode deixar-se entregar às carícias e seguir sendo a dona da situação. As carícias íntimas podem dar à jovem enamorada uma espécie de popularidade barata; mas nunca poderão oferecer uma felicidade permanente.

Um dos maiores erros acêrca de carícias, é que tôdas elas são iguais. Há, porém, diferentes tipos de carícias, como também há diferentes tipos de beijos. Cada um dêsses tipos tende a alcançar objetivos diferentes.

O mais comum dos tipos é a carícia experimental. E' a primeira etapa na experiência das carícias, e se caracteriza por uma intensa curiosidade, ou desejo de tocar-se ou beijar-se, desejo de descobrir os prazeres do contacto físico e provar a reação do companheiro.

Quase todos, tarde ou cedo, experimentamos êsse tipo de carícias. Quando ocorre pela primeira vez esta experiência, depende do ambiente em que se vive, a educação, a personalidade, os ideais, convivência social, interêsses, códigos de moral, proibições e hábitos de família e de amigos.

O permitir-se essas carícias experimentais, muito ou pouco tempo, depende do grau de satisfação, entre os namorados, dos hábitos que hajam êles estabelecido entre si, namorados ou noivos. Se não se manifesta muito emocionante êsse tipo de carícia, ou se não desperta a reação desejada no companheiro, pode-se então julgar e considerar as carícias dêsse tipo como idiotas e imorais.

Se as primeiras experiências tornam a pessoa atemorizada, culpada ou tímida, ou se não satisfazem a necessidade de carinho, essa circunstância exige que a pessoa procure desenvolver atitudes a fim de evitar que o matrimônio seja uma infelicidade. Mas se durante as carícias experimentais em suas relações trata a pessoa de compreender seus sentimentos e os de seu companheiro, a experiência obtida pode resultar de grande utilidade para combater os muito riscos de outros tipos de carícias.

Nas últimas décadas foi-se popularizando progressivamente um outro tipo de carícias — a carícia dos prazeres físicos.

Aqui, o contacto físico por meio de beijos, abraços, a dança, constitui um esfôrço deliberado para estimular-se a si mesmo ou ao companheiro, até um ponto de excitação e satisfação física e emocional.

O bom êxito dêsse tipo de carícias leva, quase sempre, a condições perigosas, não somente do ponto de vista moral, como ainda porque obriga à obtenção de variadas recompensas, como sejam a popularidade, noivado, presentes em objetos, roupas, jóias e até mesmo de dinheiro.

E' êste o mais perigoso dos tipos de carícias entre os que estão enamorados. E, por maiores que sejam as críticas, censuras e advertências que lhe façam os mais velhos e experientes, os escritores, os sacerdotes, os moralistas, aumenta êle dia a dia, e mais se torna popular. Algumas pessoas, moças e rapazes, procuram justificar êsse tipo de carícias dizendo que todo mundo assim faz. Outros dizem que isso dá oportunidade para saber-se se o outro é emotivo, sensível, capaz de corresponder aos impulsos do amor.

Alguns autores que estudam tais fenômenos dizem que estas atitudes parecem indicar ou sintomatizar certas necessidades básicas do homem, considerado tanto como animal como criatura de sociedade. Mas, para mim, suponho que essas carícias não são problemas tão simples. Tal atitude amorosa será a qualquer um de muito pouca ajuda, se provocam na vida do mesmo, homem ou mulher, certos problemas que preocupam e angustiem. Eu mesmo já tenho encontrado muitos dêsses problemas entre pessoas jovens.

Atualmente a maior parte das moças permitem estas carícias; mas apenas uns cinquenta por cento experimentam satisfação. E' que a satisfação da mulher em casos de amor provém, grandemente, do estímulo a que é submetida, ou da que é capaz de provocar no homem. O grau de satisfação, tanto nos homens como nas mulheres, depende grandemente de suas prévias experiências, suas atitudes, os hábitos estabelecidos de bailar, abraçar-se, beijar-se ou até de beber. Tôdas estas experiências tendem a reduzir as reservas normais e podem, portanto, ser muito perigosas, especialmente no que toca aos hábitos e prazeres de bebidas alcoólicas.

Outro tipo comum de carícia é a chamada "carinhosa". Nesta há poucos estímulos de caráter perigoso, ou mesmo nenhum. Pode haver beijos, ou uma e outra carícia, decerto. Mas o contacto físico serve apenas como meio de expressar sentimentos de amor, afeto, respeito, benevolência ou simpatia, e não está relacionado com a satisfação física.

Pode parecer difícil para um enamorado eliminar desejos perigosos em plena carícia. Mas se o indivíduo compreende a pessoa a quem ama e pensa, antes de tudo, em seu bem-estar, reduz-se consideravelmente o grau de tentação inconfessável. E' êste o caso durante os períodos de noivado e compromisso oficial entre pares que se amem verdadeiramente e que desejem formar um matrimônio feliz e estável.

As carícias de carinho são um tipo seguro de carícias, se está a pessoa projetando um futuro de felicidade com o ser a quem ama. Tendem a unir os pares em estreitos laços de afeto que significa uma fé mútua, mútuos sentimentos de benevolência, confiança e respeito, sentimentos êsses necessários a um matrimônio perfeito, feliz, exemplar. Descobrirá a pessoa, então, que êsse tipo de carícia expressa os mesmos sentimentos que acariciar a cabeça de uma criança, dar um apêrto de mão a um amigo íntimo, abraçar ternamente os pais. Ajuda a expressar o profundo carinho que se acumula no coração.

Êste tipo de carícias não é algo que se possa produzir artificialmente. E' um padrão de conduta que deve surgir de sentimentos profundos e mútua compreensão. Os sentimentos legítimos não podem ser expressados com simulação, nem se revelam em hábitos acariciantes rotineiros.

A carícia em sua justa perfeição é realizada no que poderíamos chamar de carícia consumada ou conjuntiva. E' a combinação de carícia de prazer e a de carinho. A carícia consumada serve, em primeiro lugar, para expressar seu carinho, e, em segundo, para estimular-se a si mesma e ao companheiro, mutuamente, ao clímax amoroso.

A carícia consumada em seu sentido mais profundo e realista, só pode ser encontrada nas relações conjugais. E' aqui que os impulsos físicos e as emoções mais profundas se misturam e se expressam em uma unidade de relação que representa a própria consumação do amor. Somente ao conhecer-se esta unidade se conhece a alegria que vem de um amor profundo e permanente.

Não há um meio adequado de descrever todos os tipos de carícias, pois os distintos tipos já mencionados podem ser interpretados de diferentes maneiras, por diferentes indivíduos. Qualquer tipo pode representar as características de outro tipo, ou podem fundir-se em formas distintas. Entretanto, é muito útil para uma pessoa em suas condições, minha filha, tratar de compreender a espécie de carícias que permitiria, os motivos para assim proceder e as respectivas reações.

Faz algum tempo veio ver-me uma senhorita com um problema difícil e estranho em seu espírito. Mas, depois que conversamos um momento, vi que o seu problema era precisamente o mesmo de muitas outras pessoas.

Revelou-me que não tinha dificuldade nenhuma em possuir namorados. Mas que só podia sair duas ou três vêzes com o mesmo namorado. Gostava de ser cortejada; gostava de ter namorados. Porém sentia medo de não ter qualidades, atrativos, para seduzir um homem e o manter em relação permanente e poderosa como requer um matrimônio ditoso e perfeito.

Eis aí uma jovem que não compreendia as carícias. Qual era, então, seu problema?

Durante a entrevista inteirei-me de que sempre se despedia de seus namorados com um beijo de boa-noite. Mas não era um dêsses beijos simples, mas com um dos que têm o tal "it" cinematográfico. Para ela era êsse beijo o ponto culminante do passeio, das horas em companhia de seu namorado do momento.

Não permitia ela carícias íntimas ou prolongadas. Entretanto êsse beijo de "boa-noite" a estava extraviando. Por que? Porque ela ficava inteiramente satisfeita com êle, mas o namorado não. Ela não compreendia o efeito real que sua conduta exercia no ânimo do namorado.

Quando lhe expliquei que os homens consideram o beijo como um convite para ir mais adiante, ou pelo menos a dar mais beijos como aquêle, a mocinha ficou perplexa. Não havia pensado que aquêle beijo, num curto abraço, era o mesmo que carí-

(Cont. na pág. 48)





"Arome" é o nome desta elegantíssima criação de Agnés Drecoll, executada em jersey de seda branco



SEMPRE DEVE HAVER TEMPO...

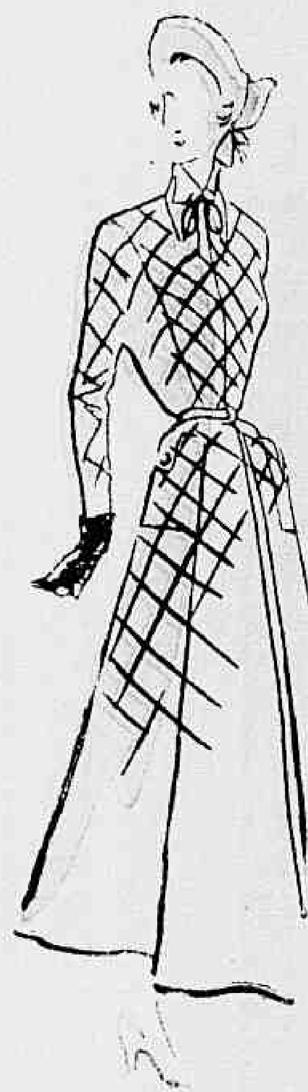
Não se admite como desculpa para negligenciar da beleza e da aparência física, o argumento da falta de tempo. Mesmo as mais ocupadas não podem se prevalecer dele O que é necessário, é que se trace, cuidadosamente, um plano de beleza, levando-se em conta os minutos que se tem disponíveis e o tempo necessário para cada tratamento. Tomemos como exemplo a limpeza da pele. Um dos fundamentos da boa aparência, é ter pele limpa e isto não exige um processo demasiadamente extenso. Tomará, talvez, dois ou três minutos do seu preciosíssimo tempo, duas vêzes por dia. Use, para começar, um creme que se dissolva facilmente ao contacto da pele; estenda-o delicadamente sôbre a mesma, com os dedos, sempre em movimentos de baixo para cima; remova o excesso com um algodão umedecido em água ou com uma toalhinha de papel. Nesta operação foram dispendidos apenas dois minutos. Somente para uma pele muito oleosa ou cheia de "cravos" o tempo deverá ser maior; ainda assim, poderá ser feita diariamente a limpeza de dois minutos e, uma vez por semana far-se-á a limpeza maior, cuja duração não irá além de quinze minutos. A limpeza dos dentes toma dois minutos, o mesmo acontecendo com o banho ocular. E' preciso também não esquecer que ganhará tempo no seu tratamento semanal das unhas se, tôdas as vêzes que for enxugar as mãos, depois de lavadas, empurrar, com a própria toalha, as cutículas para dentro. À noite, deverão ser reservados dez minutos para os cabelos; cinco para a massagem no couro cabeludo, com uma loção tônica adequada ao tipo do cabelo e cinco para a escôva. Pela manhã, em dez minutos você poderá fazer a sua ginástica para conservação da "linha" e, em outros dez minutos você poderá fazer um excelente "make-up". Em dois ou três minutos você poderá fazer uma "revisão" geral, a fim de verificar se tudo está em ordem: as costuras das meias no seu devido lugar: a combinação não está aparecendo; sôbre os ombros e costas não existem vestígios de cabelos ou caspas; o penteado está perfeito e o "maquillage" também. Além disso, leve em sua bôlsa o necessário "equipamento" de retoque, para que você possa, em breves segundos conservar impecável o seu aspecto. Como vê, nada é nem deve ser impossível quando se trata da conquista da beleza.

UM CHAPÉU
PARA CADA VESTIDO







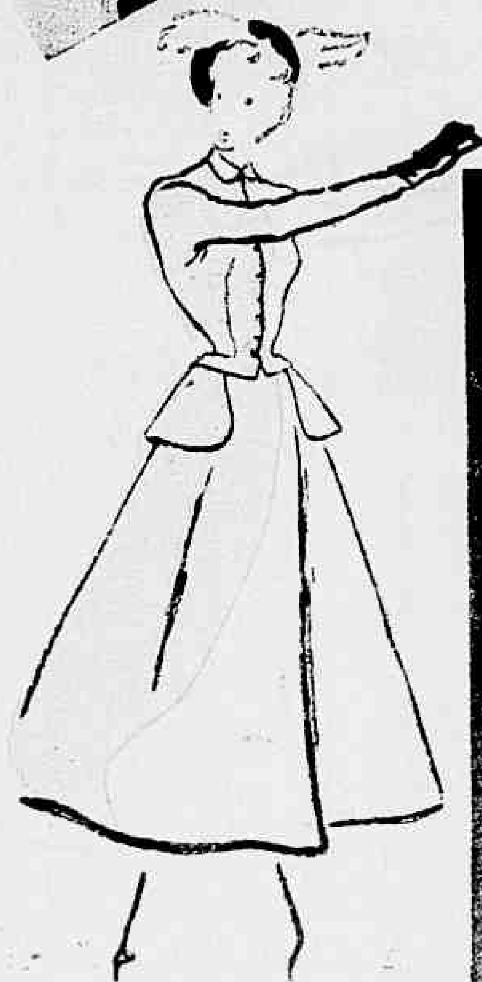














HÁ sempre um chapéu apropriado para cada vestido, é o que dizem Molyneux, Patou, Lanvin, Jacques Fath e Pierre Balmain. Realmente, um vestido elegante não estará completo se não for acompanhado pelo chapéu adequado. As sugestões dos grandes costureiros franceses aí estão. Para cada "toilete" aqui apresentada temos um elegante e sugestivo modelo de chapéu que fará realçar ainda mais a elegância da sua silhueta e a beleza das suas linhas.

PARA complemento de suas elegantes "toilettes", aqui estão alguns encantadores modelos de blusas em variados e sugestivos tipos. Em sêda, jersey, tafetá ou mesmo lã, os modelos aqui apresentados agradarão por certo às nossas leitoras, que com um pouco de habilidade poderão executá-los.













BLUSAS PARA VOCÊ

O AMOR É ASSIM...

LUCILE D'ARLEMONT

Quando êles chegaram naquela casa, desconhecidos de todos os vizinhos, ninguém lhes prestou muita atenção

Mas, com o andar dos tempos, aquele casal ainda muito jovem foi conquistando as simpatias dos moradores da rua, e, depois, até do bairro.

Era gente boa, distinta, educada e sempre solidária diante das necessidades alheias.

Não tinham filhos os recém-chegados, apesar de já estarem unidos pelos sagrados laços do matrimônio há uns quatro ou cinco anos.

Tanto exterior como interiormente, levavam êles uma vida pacata e dentro da maior harmonia. Os vizinhos sabiam dessa concórdia interna por informações de empregadas.

Jamais altercavam. Nunca brigaram. Era um casal feliz. Embora tivesse cada um suas preferências, suas inclinações próprias ,isso não era objeto de choques de interêsses egoísticos. Êles se conheciam e se respeitavam.

Aos mais íntimos causava admiração o fenômeno. Êle era protestante; ela, católica fervorosa. Êle simpatizava com certo partido político; ela, sempre defendia um outro. Mas sempre unidos, amando-se ternamente como dois pombinhos felizes.

Um dia o espôso chegou à casa se queixando de certos sintomas que pareciam de natureza cardíaca. Foi ao médico e se confirmou o diagnóstico

Todos os cuidados eram poucos. Nada de sensações emotivas exageradas. Nenhum esfôrço físico, alimentação dietética. Mas o rapaz era pobre e trabalhava em corretagens. Tinha que andar muito, subir escadas, morros, fazer sacrifícios.

Agravando-se sua moléstia, foi internado. Todos os recursos foram baldados. A espôsa ficou à cabeceira de seu leito durante os poucos dias da crise aguda que o derrubou e da qual não mais se erguera.

Morreu. Levaram-no para a última morada, enquanto ela ficava em casa numa desolação esmagadora.

Cobriu-se de luto e, ao colocar a aliança do espôso em seu dedo, ao lado da sua, ela teve a impressão de que o acompanhia em breve à paz celestial.

Dali por diante, alimentava-se o suficiente para não cair de inanição. A empregada insistia. Ela sorria amargamente a olhar para o lugar em que êle se sentava às refeições e uma lágrima lhe deslisava pelas faces pálidas.

O estado de fraqueza se pronunciava cada vez mais Ela não poderia resistir ao golpe do infortúnio.

Famílias vizinhas e amigas vinham consolá-la. Convidavam-na para passeios. Ela agradecia e ficava em casa. O mundo se acabara para ela.

Não era mais um ser vivente. Era um fantasma a viver de saudades e de recordações. Seu coração moço, incapaz de sofrer tão grande golpe, cedera e se deixara levar pela correnteza dos desenganos. E uma tarde...

O amor, o verdadeiro amor, é assim...



Ao alto: Sugestiva "sweater" para a manhã, com mangas do tecido da saia; à seguir sapatos esportivos em camurça de dois tons; à esquerda: Gola bordada em "paillettes" e com pérolas como pingentes, um vestido para jantar de Audrey Totter, da RKO

À esquerda: Casaco 2/4 em lã escocesa; capuz do mesmo tecido

À direita: Num vestido de lã, o cinto passa sob os bôlsos triangulares

Elegantes luvas em camurça preta com taxas douradas, próprias para noite

DETALHES E NOVIDADES



MÁSCARA DE BELEZA

MUITOS são os recursos que pode a mulher encontrar para salvaguardar a sua beleza, em qualquer fase da sua vida. Para as mais jovens, existem os cremes preventivos, para as mais velhas existem cremes restauradores e existem ainda as "máscaras" de excelente resultado. Naturalmente há que se considerar a qualidade da pele, havendo "máscaras" para a pele sêca e outras para a pele oleosa. Para a pele sêca, existe a "máscara" de gema de ovo misturada com um pouco de azeite de oliva. A sua aplicação deverá ser feita vagarosamente e com as pontas dos dedos, atingindo-se as partes mais delicadas do rosto, como cantos dos olhos, da boca, a testa, etc. E' principalmente para as mulheres de trinta e cinco e quarenta anos que a "máscara" é indicada, visando-se a melhor conservação da pele e o prolongamento da sua juventude.







MÃES e FILHOS

De ANAMARIA CÉLIA



Mesmo as artistas de cinema devem encontrar tempo para completar a sua educação. Gigi Perreau, da R K O, estuda entre uma e outra cena de filme

A AGRESSIVIDADE

Se formos procurar as razões que levam a criança à agressividade, vamos naturalmente encontrá-la dentro do próprio lar. Às vêzes acontece que a agressividade fora do lar venha a ser uma espécie de expansão pelo seu tolhimento dentro dele. Uma criança demasiadamente controlada, uma criança que não tem direito à coisa alguma, uma criança à quem tudo é proibido, tem, como reação natural a agressividade. Aquilo que não lhe é permitido fazer dentro de casa, ela procura fazer fora.

Também a agressividade pode advir de idêntico tratamento recebido em casa. Uma criança tratada com aspereza e a quem se aplica o sistema de "educar" espancando, tende, naturalmente, para a agressividade. Habituado a só receber maus tratos, êle passa a encarar tôdas as pessoas como inimigas; ou se retrai, evitando assim que alguém possa ferí-lo, ou então toma a iniciativa de ferir os outros.

Da compreensão dos pais depende, grandemente, a atitude dos filhos perante o mundo.

Procurem meios de fazer com que êles se sintam úteis, capazes e importantes. Dêm-se oportunidades de seguir os próprios interêsses; ofereçam-lhes "chances" de exercerem atividades que possam provar-lhes que têm valor próprio; dêm-lhes ainda a oportunidade de brincar como tôdas as crianças normais brincam; de correr, de gritar, de pular, de jogar bola, de armar castelos de areia, de fazer, enfim, tudo o que realmente constitua prazer para a criança.

Não é soltá-la inteiramente deixar que se torne indisciplinada; é deixar que brinque livremente dentro do normal, dentro daquilo que deve ser permitido à tôda criança.

Criada assim, num ambiente de compreensão e tolerância, vivendo uma infância normal e feliz, raramente a criança se tornará agressiva. Saberá, outrossim, viver no meio dos outros e assumir uma atitude correta em benefício próprio e da sociedade.



SAIBA QUE: Um dos fatores para a boa formação da criança, é o bom exemplo. Pelo exemplos que ela colhe em casa revelará a sua própria educação. ★ A criança necessita do convívio de outras crianças. Só elas se entendem e conhecem o seu próprio "mundo". ★ A higiene é fator de grande importância na vida da criança. Ensinar-lhe desde cedo os bons hábitos de higiene, é dever de tôdas as mães.

UM CARGO A PROCURA DE UM HOMEM

CIVIL OU MILITAR?

Por **HÉLIO FERNANDES**



NEREU RAMOS
Colocado na posição excepcional de candidato natural do partido majoritário, habilíssimo e dono de uma vontade térrea, Nereu quase que já pode mudar-se para o Catete. Mas Getúlio, Ademar e Canrobert concordarão?



EUCLIDES DE FIGUEIREDO
Para mim servirá tanto um civil como um militar. Civil, se souber usar da sua autoridade sem ser autoritário. Militar, se for bastante civilizado para esquecer-se da farda e lembrar-se somente de que é magistrado, atento às preocupações do Poder Executivo



JURACY MAGALHAES
Com tôda responsabilidade de alto chefe civil e militar, Juracy já declarou que não interessa muito a vestimenta do homem. Mas muitos estão ansiosos para saber com quem votará, no próximo pleito, o chefe baiano



MELO VIANA
O dr. Melo Viana parou em 1890 e adjacências. Teimoso, cismou de não evoluir e não evoluiu mesmo. Deixou de arrancar a folhinha e continua andando de "tilbury" na época do avião a jacto. Se a eleição fosse para prefeito de Montes Claros sua opinião teria algum valor



PEDRO AURÉLIO DE GÓIS MONTEIRO

Regressando há pouco da eternidade, ainda com o rosto amarrotado pelo longo sofrimento, o velho Góis guarda na cabeça já inteiramente salpicada de branco a chave do mistério brasileiro. A um gesto seu as coisas podem complicar-se ou simplificar-se. Sua influência na marcha dos acontecimentos — benéfica ou maléfica o tempo o dirá — é indiscutível. "Eu farei o Presidente", declarou audaciosamente. E velho, alquebrado, quase paralítico, levantando-se há custo da cama e locomovendo-se com dificuldade, é bem capaz de fazê-lo. Há 19 anos diverte-se levantando e derrubando ídolos, escrevendo a história com palavras novas e particulares. E parece que ainda não deu por terminada a tarefa. No futuro a história do Brasil dividir-se-á em dois períodos: pre e post-Góis Monteiro. Essa glória, sem dúvida, não lhe roubarão

Fotos de **AUGUSTO VALENTIM**



APOLONIO SALES

Não importa que seja civil ou militar, pois em ambas as classes se encontram brasileiros dignos, capazes de conduzir o país por uma estrada de paz e de progresso

[illegible] BERTO prematuramente, o problema da sucessão já se arrasta há [illegible] anos e ainda tem mais ou menos dezoito meses de [illegible] caminhar incessante e desordenado, até que atinja — se atingir — sua meta natural, as eleições.

Nesses 24 meses decorridos quase não se falou em outra coisa, nem de outra coisa se tratou.

As soluções "salvadoras" vieram de todos os pontos do país, de trem, de avião, e até de bonde, com os rótulos mais estranhos e diversos. [illegible] elas foram sendo abandonadas rapidamente, existindo apenas neste momento uma que, não obrigando ninguém a definir-se, parece contentar a todos. Gregos do Norte, troianos do Sul e aventureiros do Centro.

[illegible] "Fórmula Jobim", traduzida para o vernáculo político pelo [illegible] Agamenon Magalhães.

4[illegible] CANDIDATOS PARA 1 VAGA

[illegible] a complexidade do problema que as urnas terão que [illegible] dos lumes de 50, só mesmo repetindo aquêle famoso [illegible] cinematográfico: "nunca houve uma eleição como essa".

[illegible]orque desta vez, as dificuldades são tão grandes e tão difíceis de remover, que cavalheiros conhecidíssimos como possuidores de grande número de acções dêste belo país, não hesitam em declarar abertamente que a eleição de 1950 será a nova Batalha de Itararé da nossa história.

Para comêço de conversa todo mundo quer ser candidato e os partidos, dos menores aos maiores, enroscam-se, dispersam-se, dividem-se e multiplicam-se, cada político chefiando uma ala, cada ala sustentando um candidato.

O PSD, pretensamente como partido majoritário, embora tenha perdido muito daquela fôrça de 1945, ainda conta com um eleitor formidável, capaz de sustentá-lo na luta que se aproxima: o presidente da República.

E é garantido e prestigiado por êsse poder formidávexl que o PSD se apresenta na arena da sucessão. Porque, internamente, êle se vê a braços com as mesmas dificuldades dos outros, com a mesma impossi-



NELSON CARNEIRO
Acredito que, no atual momento político brasileiro, a solução ideal seria a que indicasse aos sufrágios da nação um candidato civil

bilidade de apresentar um candidato, que, se não conseguir enquadrar-se no papel da serpente tentando os adversários pelo menos consiga harmonizar o partido e sustentá-lo definitivamente na mão única, nos moldes inventados pelo sr. Estrêla.

A princípio parecia que essa solução havia sido encontrada com a indicação do nome do sr. Nereu Ramos, que poderia favorecer-se ainda com a definição de duas incógnitas importantíssimas: a de S. Paulo e a do Rio Grande do Sul.

Mas viu-se depois que o negócio não era tão fácil como parecia, pois chamado a definir-se, o sr. Valadares, conhecido Papa político de Pará de Minas, torpedeou publicamente o catarinense, lançando como uma bomba o nome do simpático mas inexpressivo sr. Bias Fortes, destruindo assim a tranquilidade da candidatura Nereu.

E o desequilíbrio da candidatura Nereu pelo menos serviu para alimentar velhas ambições a custo recalcadas, e os nomes foram surgindo, provocando surprêsa, decepção, e não raro apenas gargalhadas.

Carlos Luz, Walter Jobim, Pereira Lira, Euvaldo Lodi Canrobert, João Daudt, foram sucessivamente lembrados e esquecidos, aparecendo até quem tivesse a audácia de apontar Israel Pinheiro e Barbosa Lima. Assim já é de mais, senhores.

Agora finalmente o PSD começa a coordenar uma candidatura que poderá inesperadamente conciliá-lo internamente, ao mesmo tempo que satisfará civilistas extremados, militaristas ardentes, getulistas entusiasmados e ademaristas esperançados: a do velho general-senador Góis Monteiro. A princípio contando com a própria recusa do interessado, já vai ganhando terreno rapidamente, e, à medida que o general melhora de saúde, ela vai ganhando novas côres, fortalecendo-se, e neste momento já consegue caminhar desembaraçadamente com as próprias pernas.

A UDN SONHA COM O PODER

A UDN apesar de ainda apaixonada pelo Brigadeiro, tem no entanto novos amôres.

Ama Kelly, adora Mangabeira, morre por Milton Campos, incensa José Américo, corteja Osvaldo Aranha, namora José Augusto Gabriel Passos, Pedro Aleixo, César Obino e Cordeiro de Farias. E de vez em quando manda bilhetes ardentes até a desconhecidos.

E nessa ânsia de amante insatisfeita, consome-se, gasta-se, definha a olhos vistos. E é tal a sua fraqueza orgânica que talvez nem possa aparecer no dia do casamento. E se aparecer nem será notada.

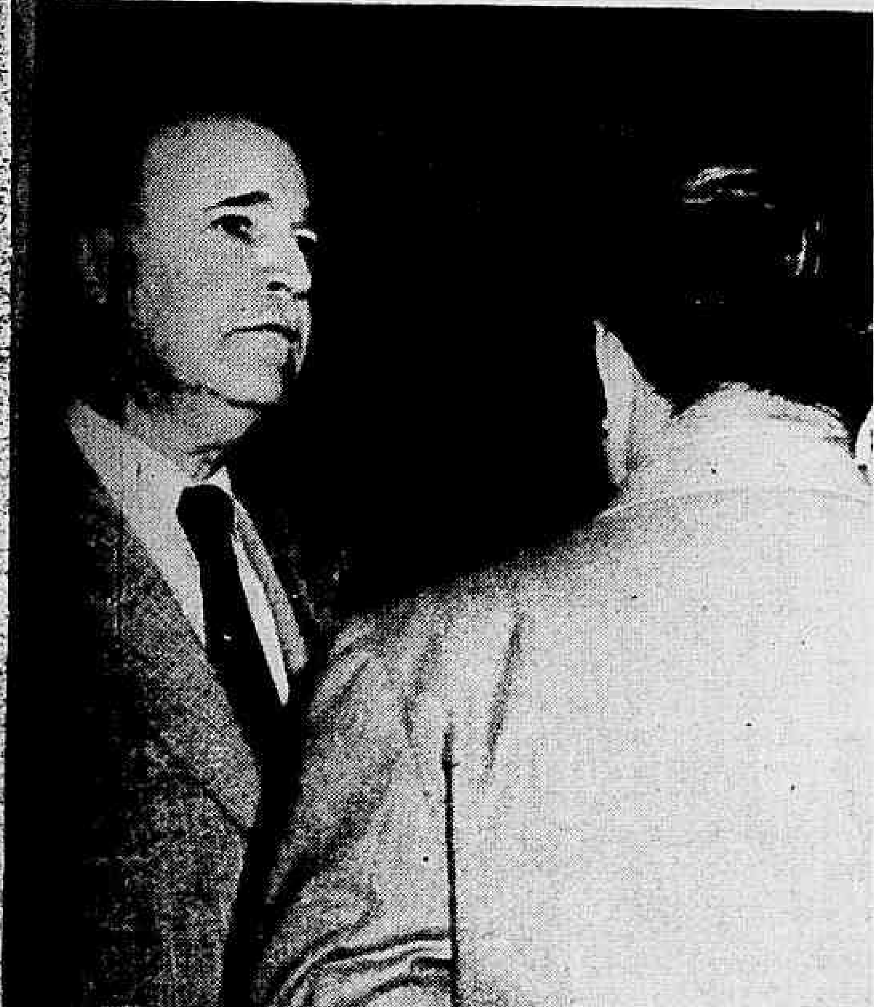
GETÚLIO, ADEMAR E PRESTES

Êsse trio tem tirado o sono a muita gente, e é responsável por uma verdadeira fortuna gasta em remédios para dor de cabeça. Mas ao mesmo tempo faz a fortuna das companhias de aviação, pois os aviões disparam, cruzam e até se chocam no espaço na ânsia desesperada de chegar primeiro aos Campos Elíseos, a S. Borja, ou mesmo a descobrir o local misterioso que esconde o sr. Carlos Prestes.

Mas por enquanto ninguém ainda pode anunciar qualquer avanço nesse terreno pouco firme, e no qual os sismógrafos políticos registram tremores diários e até horários.

E antes de janeiro ninguém ouvirá uma palavra — definitiva ou não — dos lábios dos srs. Getúlio Vargas e Ademar de Barros.

A não ser — e quanta gente espera ansiosa que isso aconteça! — para anunciar a própria candidatura, pois qualquer que seja a marcha



SALGADO FILHO
Não interessa que seja civil ou militar. O candidato deve surgir por imposição exclusiva do povo, pouco importando as suas condições de vida



BENJAMIM GALLOTTI
Desde que seja um brasileiro com qualidades para governar o país, tanto pode ser civil como militar, pois, se militar, ao assumir o govêrno deixará a espada no quartel



JOSÉ AMÉRICO
De preferência civil, porque são êsses postos as naturais aspirações da vida pública para que se preparam os políticos



FLORES DA CUNHA

O velho Flores, o romântico e lendário Flores da Cunha, ainda espanta e assusta muita gente. Mas êle não demora nem hesita em responder. "Acho que tanto pode ser um civil como um militar. Particularmente sou civilista, o que não impede no entretanto de reconhecer que existem muitos militares dignos de exercer a suprema magistratura

dos acontecimentos, Getúlio e Ademar só renunciarão ao Catete se a isso forem obrigados. Pela fôrça ou pela impossibilidade de enfrentar vitoriosamente uma coligação PSD-UDN-PR-CATETE.

Já o sr. Prestes pouco poderá falar no momento, pois sabe que os sensibilíssimos receptores policiais estão a postos para captar-lhe a voz em qualquer ponto do território nacional. Sua esperança é que os laços policiais se afrouxem com a proximidade das eleições, oferecendo-lhe uma certa tranquilidade, e mesmo uma possibilidade de mais fácil locomoção, talvez até em camionetas oficiais, como fizeram certa vez com o sr. Plínio Salgado.

Aí então poderá calmamente dirigir o leilão comunista e entregar os seus trezentos ou quatrocentos mil votos a quem mais oferecer.

BERNARDES GOSTARIA DE VOLTAR

Sem dúvida que o velho Artur Bernardes gostaria de voltar a morar no Catete. Principalmente nessa época de moradia difícil e de aluguéis pela hora da morte. Mas suas possibilidades não são muito grandes. A não ser em Minas onde seu partido é realmente uma fôrça, com quem contaria êle? Talvez com os comunistas, entusiasmados com a atuação do velho Bernardes na campanha de "O petróleo é nosso" e com as acusações a Mr. Shopell.

Mas isso pouco adiantaria. O seu grande sonho mesmo, a sua grande esperança, esperança de todos os dias e horas, é ser indicado como candidato do acôrdo interpartidário. Mas parece que não passará de esperança, pois há muita gente, gente mais nova e desembaraçada, com as baterias assestadas para o mesmo objetivo.

Talvez então, como último recurso, tente acertar o passo na direção de Mário Brant ou Afonso Pena Junior. Mas também nesse caso pouco poderá obter

AFINAL: CIVIL OU MILITAR?

Muitos acreditam que o candidato que não contar com o beneplácito militar estará fatalmente destinado ao fracasso E que em caso de vitória não chegará a tomar posse. Outros, com a responsabilidade de chefes militares, tachativamente afirmam que o Exército não tomará posição contra ou a favor de







ETELVINO LINS

O candidato pode ser civil ou militar. Indistintamente. Exige-se unicamente que seja político militante

FERREIRA DE SOUZA

Tanto faz civil ou militar, pois a farda não dá nem tira qualidades intelectuais ou morais a quem a veste

MAYNARD GOMES

Acho qut é perfeitamente indiferente a condição de civil ou de militar. A única exigência é que seja político



BENEDITO VALADARES

Falso coordenador do acôrdo mineiro, falso coordenador do Catete, falso coordenador da política nacional, o famoso deputado — perdão: romancista! — só deseja mesmo articular a própria candidatura ou os próprios interêsses. Dentro dêsse ponto de vista apoiará um civil ou um militar



IVO DE AQUINO e SAMUEL DUARTE

Ivo acha que não há diferença entre civil e militar, embora entre aquêles cabelos dispersos pelo tempo esteja bailando um civil com duas iniciais enormes: Nereu Ramos. Já Samuel não pensa tão alto, embora deixe transparecer que votará em qualquer um, paisano ou soldado



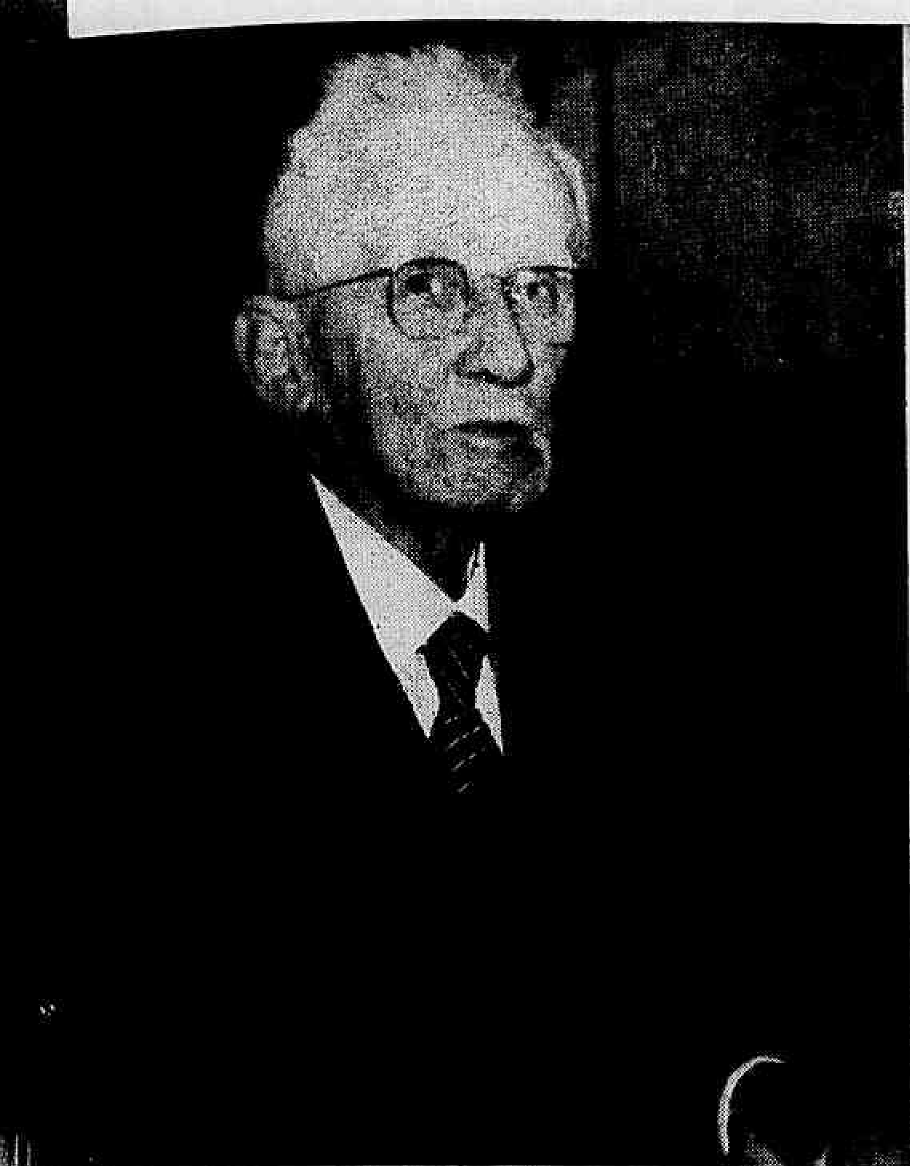
COELHO RODRIGUES

Apesar de militar, o deputado piauiense não hesitou. "Civil e nada mais. Nem há como fugir ou procurar outra solução para o problema"



LINO MACHADO

Coronel, médico e deputado, o maranhense Lino Machado é francamente pela fórmula civil. "Civil e nada mais", foi sua declaração peremptória



qualquer candidato, limitando-se ao papel de fiador da lei, da ordem e da tranquilidade. Mas o que parece mais visível é que são alguns civis os interessados em tumultuar o cenário político, para daí então conseguir a realização dos seus interêsses mais imediatos.

E arrastariam nessa aventura o Exército, como aconteceu em 10 de novembro de 1937.

Parece no entanto que existem muito poucas possibilidades de um novo 37, embora os filósofos e historiadores apregoem diariamente que a história se repete.

Mas se os golpistas levarem a melhor e as eleições não se realizarem, então é certo mesmo que êste país não tem salvação, e que a democracia positivamente não se dá bem no clima sul-americano.

Então a solução será desistir de tudo e, unidos pela mesma dor comum chorarmos em massa na campa da desventurada democracia brasileira, morta no cumprimento do dever. E para testemunhar diante dos vindouros o nosso pesar e desespêro não ficará mal uma lápide com uma inscrição bem simples mas bem explicativa:

Aqui jaz a democracia brasileira, vitimada pelo remédio que iria salvá-la.

PIRES FERREIRA
Sendo bom e amigo do povo qualquer um serve, venha da caserna ou do escritório, fardado ou à paisana



CIRILO JUNIOR
Estarei com o general Góis Monteiro em qualquer terreno. Faço minhas as palavras dele

A LISTA DE CARIDADE

CONTO DE **EDIE AUGUSTO DA SILVA**

O caso era realmente contristador. Um amigo do doente aparecera no banco e contara a história ao gerente. O senhor Cordeiro prometeu ver o que podia fazer no caso. Só se fôsse uma lista; o banco não podia fazer nada. O rapaz estava doente, enfermeira — uma alma generosa — à cabeceira, era quase um caso perdido. O médico recomendara Belo Horizonte, o bairro da Floresta é muito bom para êsses casos, a sua temperatura é muito amena. Mas o infeliz não tem posses, está sem dinheiro, jogado num beco escuro do corredor da pensão. Viera de S. Paulo, e agora estava arruinado, doente, uma considerável mancha no pulmão esquerdo, sem meios. Trabalhara na filial do estabelecimento, na capital bandeirante, por isso o amigo lembrara-se de recorrer aos colegas cariocas. O rapaz precisava, p r e c i s a v a muito.

O banco tem médico próprio, mas convém mais mandar o informante, que tem ôlho clínico nos casos embrulhados. O informante foi. A pensão era na rua General Câmara, as casas velhas ainda estavam de pé, tinham começado a derrubada no quarteirão além da rua Uruaguaiana, mas ainda levaria algum tempo para chegar ao local. Subiu as escadas antigas, deu na sala de jantar; o pessoal estava almoçando. O enfêrmo estava no corredor que ia da sala para a cozinha, urgia removê-lo por todos os meios. A casa logo ia ser derrubada, as picaretas iam pôr abaixo os velhos pardieiros, rasgando a nova avenida, ampla, moderna.

— Desejo falar com o sr. Domingos.

O informante perguntava pelo amigo do doente; morava na mesma pensão.

— Às suas ordens, sou eu mesmo — atendeu um vistoso jovem, bem trajado, escanhoado, rescendendo perfume. Era o mesmo que tinha estado no banco. — Êle está ali... — e indicou um tabique, dotado de uma porta de pano de chita. O doente dormia, no momento em que o empregado do banco, cauteloso, abriu a cortina. Examinou-o por alguns momentos. O rapaz suava por todos os poros; estava com a testa ensopada, macilento sob as cobertas. Antes de acordá-lo, para umas breves perguntas, correu os olhos pela pocilga. O aspecto metia asco. Uma bacia, metade debaixo da cama dava ânsias, um líquido meio esverdeado, meio alaranjado. Por que não tiram isto do quartinho do coitado? Ao canto, a mesinha, cheia de poções, vidros, algodão, esparadrapo, remédios por todo o lado.

Roupa suja pelo chão, a barra do lençol misturando-se com a côr terrosa do soalho, de tão encardida. O aspecto era mesmo de cortar o coração de um cristão. Como é possível deixar-se um infeliz atirado assim, sem mais nem menos, sem recursos, sem ninguém? O govêrno é que tem a culpa; nesta terra não há garantias sociais. Um desgraçado que tiver perdido a saúde, se não puder contar com alguém, acaba assim, jogado, feito indigente. O informante se comovia, se revoltava, isso devia ter um jeito; era preciso pôr um paradeiro nesse estado caótico. Não, por êle é que o infeliz não ia ficar sem socorro. Faria um relatório muito bem feito. Contaria direitinho tudo o que vira; êle próprio abriria a lista. Era pobre, também, mas duzentos mil réis — andam falando em mudar o dinheiro para cruzeiro... — duzentos mil réis não lhe fariam falta; eram muito bem empregados. Cortaria um pouco as despesas meio supérfluas, mas ficaria com a consciência bem limpinha; tinha ajudado um pobre. O rapaz está pálido, respira com dificuldade. Ah, sim, a lista teria que render bem. Falaria aos colegas. A gente estava vendo; o moço está muito doente, mas que pelo menos seja atendido o conselho médico. Quem sabe êle melhora... O ex-bancário se remexeu no leito, virou de posição, acordou. Ao dar, num relance, com a presença do estranho, abriu os olhos, a esclerótica exageradamente branca, gotículas de suor porejando a fronte.

— Desculpe por incomodar. Eu sou do banco.

— Ah, sim.

— Vim ver o que se pode fazer. O banco mesmo não pode fazer nada. Mas nós vamos fazer uma lista. Quando é que o senhor precisa ir para Belo Horizonte?

— O quanto antes. O médico disse para eu ir logo. Eu quero aproveitar; uma dessas moças que estão aí na sala vai pra lá, prometeu acompanhar-me.





— Está bem. Hoje já é quinta-feira, creio que até segunda já dá p'ra ter corrido a lista no banco todo.

— Ah, mas a moça vai domingo. Eu precisava disso no sábado.

— Está bem. Vou fazer a lista correr ainda hoje.

Dois dias depois, sábado cedo, o informante agora teve até escrúpulo em entrar no tugúrio. Abriu o cortinado, de fora mesmo esticou o braço, deu uma espiada no ambiente, estava mais sujo. Colocou o dinheiro sôbre a cadeira, de longe.

— Foi possível arranjar só isso. Um conto e pouco. Se tivesse tempo até segunda-feira, aí sim. Daria mais. Muita gente nem viu a lista...

— Obrigado. Agradeça por mim ao pessoal do banco.

Seu Domingos, o amigo do doente, também chegou ao corredor. — Quanto arranjaram?

— Um conto e duzentos. Creio que dá...

— Dá sim, não resta dúvida. E' bem melhor que nada.

— Quando é que êle vai? Amanhã mesmo?

— E', sim. Ainda hoje vou tirar as passagens em D. Pedro II.

Nisto, uma hemoptise atacou o enfêrmo. O empregado do banco afastou-se, prudentemente; largou a cortina. Fora, no corredor, procurou obter detalhes, por piedade. Era boa alma, queria conhecer pedacinhos dessa mocidade corroída pela peste branca. Seu Domingos fala com desembaraço. E' o bom amigo. Fêz muito pelo doente, agora não podia fazer mais nada. O moço chegara de São Paulo. Começou logo trabalhando de correspondente para uma firma da rua Camerino. Depois, as constantes faltas ao serviço. Perdeu o emprêgo. Morava na pensão, num quarto com mais dois comerciários. Seu Domingos, que tinha um quarto grande só para si, estava esperando o pai, abastado comerciante em Ubá, no Estado de Minas. Quando o moço deu de si, uma tossinha sêca, impertinente. Foi a um médico; estava doente. A falta de dinheiro e por motivos preventivos, mudaram-no para o corredor. Seu Domingos já tinha ajudado muito, comprara remédios, injeções, pagara alguns meses, fizera listas entre os pensionistas, todos os meios estavam esgotados. Aí é que se lembrou que o rapaz tinha sido bancário. Procurou saber o nome do estabelecimento e tivera a idéia de procurar o gerente. Graças a Deus, que ainda há gente boa neste mundo. Seu Cordeiro, o gerente, tinha sido muito gentil; atendera-o bem. O resultado ali estava, um conto e duzentos e pico. O rapaz podia ir p'ra Minas. Êle ficava muito agradecido. O informante se despediu de todos; falou na inutilidade das coisas terrenas, a gente não é mesmo nada. Todos tinham feito muito bem, ajudando o enfêrmo. Deus não esquece. Quem dá aos pobres a Êle empresta. O brasileiro é rico nessas frases feitas, adequadas para todos os momentos. Todo mundo estava em sã harmonia com a consciência. Todos tinham feito o que puderam.

Para o pessoal da sala, aquêle movimento todo era esquisito. Na verdade, êles nem sabiam direito o que estava se passando, concordaram com o informante por ser mais prático, e porque o seu Domingos cortava sempre, nos hiatos, e entrava na fila precatória de graças do "sherlock comercial" do banco. O fato é que dois dias antes, o Gerson estava sadio, muito bem sadio. Alguns nem sabiam mesmo que êle estava doente.

— Mas ainda ante-ontem êle não estava de pé?

— Estava, sim — acudia seu Domingos — mas teve uma recaída.

Nisso entrava outro, com nova pergunta: — O que êle teve? — e o primeiro nem tinha tempo de sair da surprêsa. Recaída? Recaída, como, se o homem não estava doente!?

— Doença antiga... — socorria o amigo do doente, respondendo, reticencioso, às duas perguntas de uma só feita.

— Nem vale a pena a gente falar em doença — asseverou uma das moças.

— E' mesmo, coitado. Vamos sair daqui, êle precisa de repouso.

O informante desceu. Os pensionistas foram saindo, aos poucos; logo a casa estava vazia. A dona da pensão estava esperando, ansiosa, o seu momento de receber os quatrocentos mil réis atrasados. Ela sabia de tudo o que estava se passando, mas nada lhe importava. Queria era o dinheiro.

Qundo todos se foram, o "doente" levantou-se, lépido, apanhou a toalha, um aparêlho de barbear, foi para o banheiro, enquanto o tintureiro não vinha. Vestiu o terno de linho, pagou a dona Maria, perfumou-se todo, também. À noite, Gerson e Domingos estavam no Icaraí, forcando ainda mais a sorte, pois já a tinham tido bastante durante o dia. Mediante um golpe fácil, de cara-duras, a dupla tinha arranjado para as despesas imediatas, para tirar o terno do tintureiro, a conta atrasada da pensão, e para a velha roleta...

ILUSTRAÇÃO DE M. QUEIRÓS

SELECIONADO PELA **REVISTA DA SEMANA**



Aspecto das arquibancadas do Hipódromo da Gávea durante a maior prova turística do Continente

JOCKEY CLUB MUNDANO

ÉCOS DA TARDE MEMORAVEL DO GRANDE PRÊMIO BRASIL



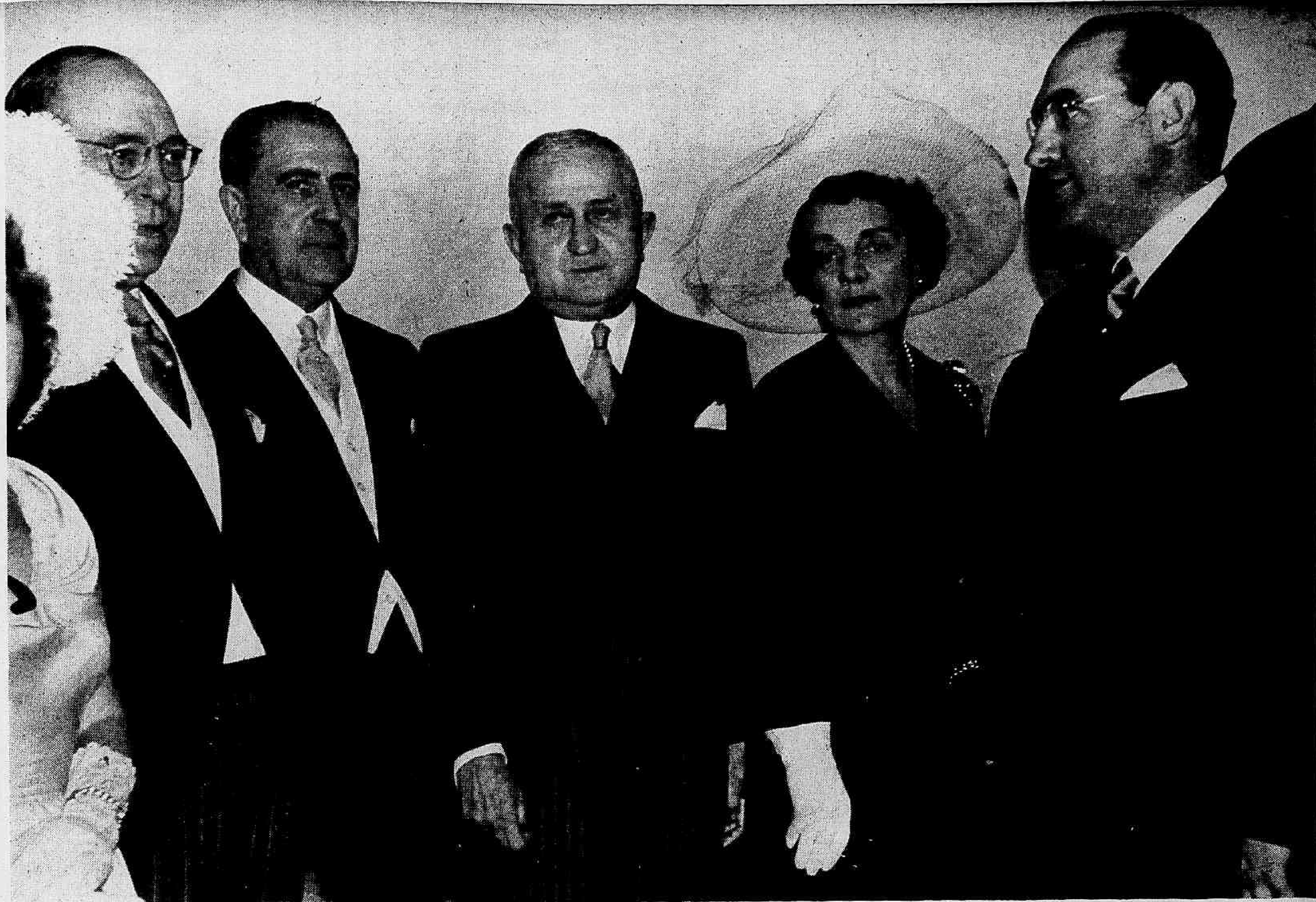
Neste grupo destaca-se, em animada palestra, a figura do senador Melo Viana

Transpôs de há muito as nossas fronteiras a fama de fidalga distinção que a sociedade carioca empresta às competições do Jockey Club Brasileiro, e isto tem contribuído para aumentar sensivelmente o movimento turístico do Rio quando se anunciam corridas de grande relevância, dentre as quais se destaca o Sweepstake.

Na linda tarde de domingo, 7 de agôsto, milhares de adeptos do "esporte dos reis" superlotavam tôdas as dependências do majes-



Nesta saudação, ao champagne, aparecem os srs. Presidentes da República e do Jockey Club Brasileiro



A partir da esquerda: Dr. Nereu Ramos, Vice-Presidente da República; Dr. João Borges Filho, Presidente do Jockey Club Brasileiro; General Eurico Gaspar Dutra, Presidente da República; Mme. João Borges Filho e Dr. Moysés Lupion, governador do Paraná





Na parada de distinção e bom gôsto do Grande Prêmio Brasil, notavam-se originais e graciosos modelos de chapeus como os dois que acima são vistos



O "Sweepstake" de 1949 foi, sem dúvida, uma autêntica parada de elegância. A graça fascinante da mulher brasileira ali estava para tornar inesquecíveis os momentos vividos naquela tarde de esplendor e beleza. Na foto acima, elegantes damas da sociedade carioca exibindo os últimos modelos que a moda impôs



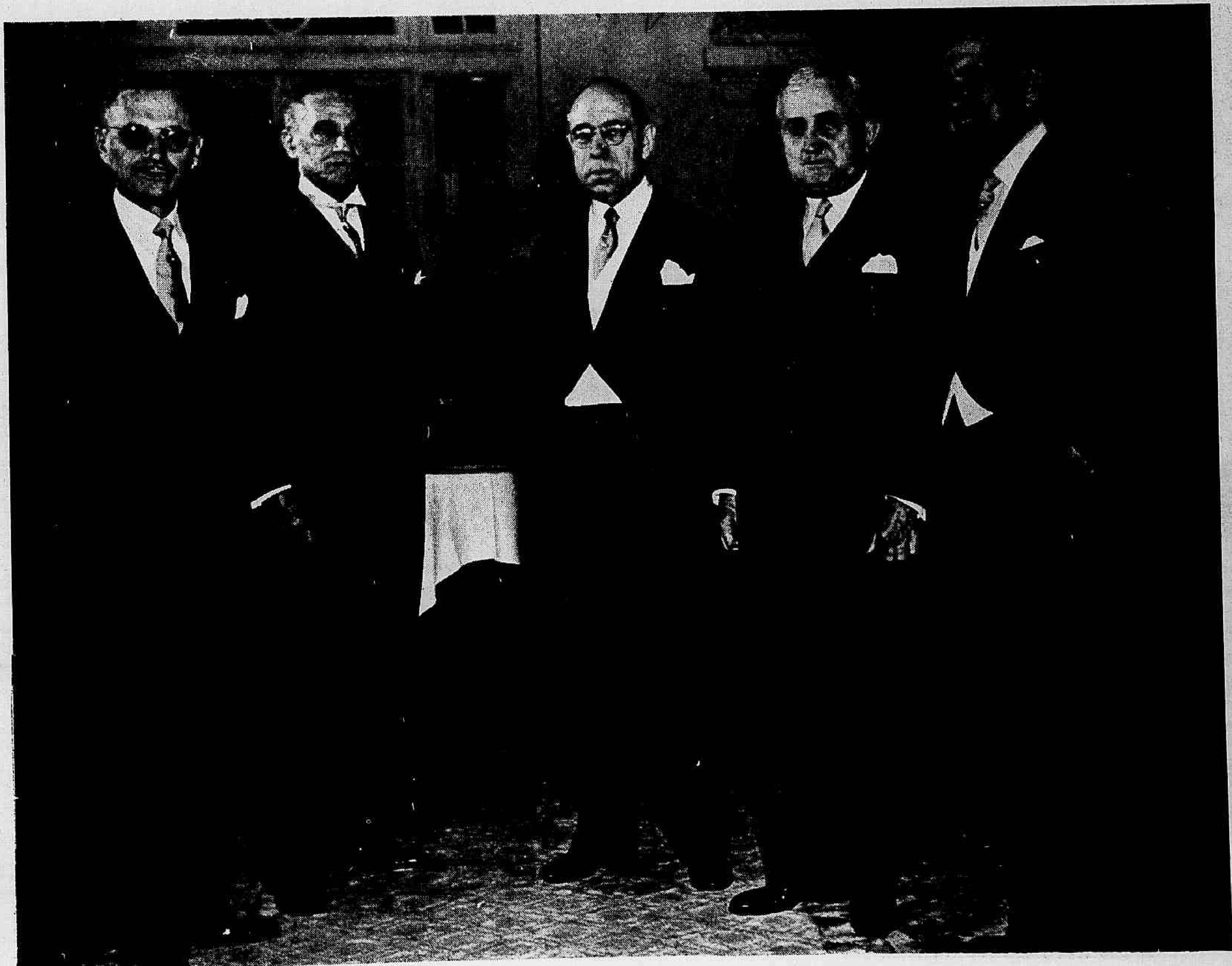


o casal Salgado Filho posando para nossa objetiva, e, à direita, o Dr. Artur Pires palestrando com ilustres damas da sociedade carioca





A cada sinal de partida, os binóculos se agitavam no ar, e todos procuravam, nervosamente, acompanhar a trajetória eletrizante dos páreos. Em baixo, num flagrante feito pelo nosso reporter, vêem-se os Srs. Ministro Honório Monteiro, Senador Melo Viana, Vice-presidente Nereu Ramos, Presidente Eurico Gaspar Dutra e Dr. João Borges Filho










Entre as senhoras elegantes que superlotavam as tribunas ou passeavam pelas "pelouses", predominava as toilettes de côr preta, ou porque fôssem esperadas chuvas naquela tarde, ou por ser esta a última imposição da moda feminina. Aqui e ali, entretanto, s urgia a nota alacre de um vestido estampado, de um véu ou de uma pluma colorida








Ao alto: Outro aspecto do grande público que superlotou as arquibancadas do Hipódromo da Gávea. À esquerda: O Presidente do Jockey Club Brasileiro cumprimenta o Dr. Jorge Jabour, co-proprietário do cavalo "Carrasco", vencedor do Grande Prêmio

toso Hipódromo da Gávea, notando-se entre os presentes centenas de pessoas vindas de vários pontos do país e turistas estrangeiros que aqui se encontravam para abrilhantar o empolgante espetáculo que teve como palco o magnífico prado do Jockey Club, e como cenário o deslumbrante conjunto de belezas naturais do aristocrático bairro da Gávea.

Foi, sem dúvida, a afluência ao Hipódromo uma das maiores ocorridas nestes últimos anos, tendo o elemento feminino constituído a nota elegante, o ponto alto e marcante da festa máxima do **turf** nacional. As cinco tribunas e as "pelouses" estavam repletas de damas, senhorinhas e cavalheiros da melhor sociedade brasileira, os quais se aglomeravam, vibrando de entusiástica alegria, para assistir ao desenrolar da maior carreira turfista do Continente.

A nova arquibancada do Hipódromo Brasileiro, além de completar o imponente conjunto arquitetônico do prado, serviu para acomodar melhor a enorme assistência do Grande Prêmio Brasil.

Prestigiando a realização das tradicionais corridas que fazem todos os anos vibrar de emoção não apenas a multidão que se comprime e mal se movimenta pelas "pe-



Numeroso grupo em que são vistos, entre outros, trocando saudações, o Presidente João Borges Filho e o Sr. Gualberto Larreta, Diretor de Turismo de Montevidéu





À esquerda, o General Eurico Gaspar Dutra em palestra com a Sra. João Borges Filho e o Dr. Clemente Mariani, Ministro da Educação. À direita, vê-se o Embaixador de Portugal

louses" e tribunas do prado, mas a população inteira desta metrópole, ali comparecia êste ano, sem se fazer anunciar, o Exmo. Sr. General Eurico Gaspar Dutra, primeiro magistrado da Nação, a quem o público tributou carinhosa homenagem saudando-o com calorosas e demoradas palmas.

"Carrasco", o parelheiro argentino que para aqui veio trazendo como recomendação nove expressivas vitórias conquistadas anteriormente, sagrou-se, com grande classe e brilhantismo, ante a multidão delirante, o herói da tarde inesquecível de 7 de agôsto, contrariando as esperanças da quase totalidade dos espectadores, concentrados em Helíaco e Saravan, os famosos "cracks" das nossas pistas.

A parte social da festa teve a sua nota predominante, como dissemos a princípio, na distinção e na fidalguia com que se apresentaram no Hipódromo da Gávea os elementos mais representativos da sociedade carioca, conforme assinala o amplo serviço fotográfico colhido especialmente pela nossa reportagem e estampado nestas páginas, através das quais os nossos leitores terão uma idéia aproximada do imenso esplendor e do êxito insuplantável alcançados pelo Grande Prêmio Brasil de 1949.



Neste grupo aparece o Dr. Pedro Berro, Presidente do Club Hípico de Las Pedras, de Montevidéu, ladeado pelas Exmas. Sras. Pedro Berro, Gualberto Larreta e Armando Fajardo



NOVOS "TAILLEURS"







OS mais encantadores e sugestivos "tailleurs" são aqui exibidos para a apreciação das nossas leitoras. Todos êles, com exceção de um, apresentam-se no sempre apreciado estilo clássico, "três botões, bôlsos amplos e golas originais". No canto esquerdo da página, vê-se o mais notável de todos, pela originalidade de suas linhas tipicamente parisiense. Casaco debruado com pele negra.



LANÇADO com grande êxito, dia a dia mais se acentua a sua aceitação por parte das elegantes de todo o mundo. No entanto, êle oferece algum perigo àquelas que não possuam uma figura delgada, pois **engrossam** ainda mais o talhe. As magras e as "fortes" sem exagêro de volume, têm nesses casacos um grande aliado. Os modelos aqui apresentados são de Jean Farell, Alice Corne, Jeanne Lafaurie, Marcel Rochas, Marcelle Chaumont, Madeleine de Rauch e Jeanne Lanvin.







CASACOS DOIS QUARTOS

SELECIONADO PELA REVISTA DA SEMANA



A LENDA DE SÃO NICOLAU

CONTO DE **RACHEL CALDAS DE OLIVEIRA** ★ ILUSTRAÇÃO DE **P. CARVALHO**

S. Pedro andava triste. Trist e eaborrecido. Naqueles últimos tempos eram poucas as almas que conseguiam entrar no Céu. Anjos, sim; êsses entravam alegres, aos bandos. Eram anjos pequeninos, anjos grandes, todos muito lindos, todos muito puros, que chegavam sorrindo, embevecidos pelo som da música celeste que seus irmãos tangiam nas harpas divinas. Mas alma de gente adulta, de gente que houvesse vivido na terra, depois de haver perdido as asas da pureza, raramente entrava alguma.

Essas almas chegavam, eram submetidas a julgamentos quase sempre recusadas. Mas não demonstravam sofrer com isso; tomavam o caminho do Inferno, ligeiras e indiferentes, como se já soubessem que não mereciam o lugar divino e não sentissem perdê-lo.

Outras vêzes chegavam umas almazinhas que haviam pertencido a pessoas adultas mas tão murchinhas, tão tímidas, que mais pareciam almas de crianças. E, na verdade, essas almas já vinham purificadas pelo sofrimento. Haviam vivido de mais na terra, tornando-se fracas e indefesas.

E então os portões celestes abriam-se para dar entrada a êsses anjos trêmulos e quietinhos, aos quais faltava a alegria espontânea que possuem os inocentes que não conhecem as maldades da Vida.

Outras vêzes chegavam uns anjos grandes, mas com tal expressão de pureza e bondade estampadas nas faces que logo eram recebidos com hosanas e aleluias. Êsses anjos, acolhidos tão festivamente, eram as almas das virgens — das que viveram sós, das que morreram puras — espalhando na terra o Bem em forma de Caridade.

Mas essas almas eram mais raras ainda.

E S. Pedro, desolado, punha-se a pensar que, então, o Mundo que Deus criara, para que nele os homens vivessem felizes, deveria estar muito ruim, e que os homens, que Êle fizera à Sua imagem e semelhança, deveriam andar muito maus, uma vez que tão grandes e pesados eram os seus pecados, que os arrasiavam para o Inferno.

E sentidas lágrimas de dó desciam por sua face, e orvalhando suas longas barbas iam empapar sua túnica, sôbre o coração dorido e que batia angustiado pela pobre humanidade pecadora, enquanto contemplava o Céu azul e infinito, que Deus fizera imenso para que nele se pudessem acolher as almas de seus filhos, mas no qual havia ainda tanto espaço vazio. E tremia de horror, ao pensar que o Inferno, apesar do fogo eterno, que tudo abrasava, se achava tão cheio que Satanaz precisava valer-se de um forcado para conseguir que lá coubessem as almas que chegavam aos magotes, de instante em instante.

Nesse momento através das lágrimas que lhe embaciavam a vista, discerniu uma alma que se apresentava para ser julgada. Tinha a aparência de uma pessoa no vigor da idade e que tivesse vivido no esplendor da riqueza. Era tão raro a uma alma que se apresentava como aquela, conseguir entrar no Céu que S. Pedro suspirou apreensivo, lembrando-se das palavras de Jesus: "E' mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha que um rico entrar no reino do Céu". Mas ao espírito do pescador que fôra na terra ocorreu que aquela, talvez, fosse uma boa pescaria, e animou-se.

. . . .

E' sabido que quando uma criança vem à terra, no Céu um anjo fica encarregado de velar sôbre ela, fazendo-se ouvir, pela voz da consciência, zelando por sua alma e protegendo-a contra o perigo. Êsse anjo custódio fica também encarregado de recolher, em duas sacolas, separadamente, as boas e más ações que sejam praticadas por ela, durante tôda a sua vida. Na ocasião do julgamento estas sacolas são apresentadas. As boas ações transformam-se em diamantes puríssimos, e as más em negros carvões. Algumas vêzes quando a alma está tocada por um profundo arrependimento, alguns dêstes carvões podem ser purificados no fogo do purgatório, mas para isto torna-se necessário que o pecador segure os carvões diante do fogo, o que é extremamente penoso e leva tempo indeterminado, até que os carvões se tornem tal qual os diamantes. Estas sacolas são pesadas quando a alma se apresenta, e predominando as boas ações a alma é recompensada com o Céu; de outra forma está perdida para sempre.

. . . .

Depois de considerar algum tempo a alma, S. Pedro fêz as perguntas de costume: Quem foi? Que fêz? Quanto tempo viveu na terra?

— Chamei-me Natalino Nicolau — respondeu a alma. — Completaria amanhã setenta anos...

— Setenta anos? — perguntou S. Pedro, admirado, olhando atentamente a alma e sacudindo a cabeça.

— Parece ter apenas a metade. Mas... enfim, nunca vi um homem aumentar a idade, principalmente aqui onde se fala somente a verdade. Diminuir sim, às vêzes as mulheres, tentam talvez por fôrça do hábito...

— Setenta anos — confirmou a alma. — Viajei... escrevi... fiz caridade...

S. Pedro estava absorto, fitando a alma, como se duvidasse do que ouvia.

— Não me casei — disse a alma, como querendo desculpar-se de parecer tão conservado.

— Ah! — tornou o Santo. — Compreendo agora. Não viveu. Não. Não quis ter uma responsabilidade séria na vida. Não foi esteio de um lar. Não sofreu por amor de um filho... não teve sôbre os ombros o pêso que, embora às vêzes pareça um fardo, os verdadeiros homens carregam com amor e receio de perder. Mas, também, não conheceu a ventura. Nunca ouviu o balbucio de uma criança querida... nunca sentiu o seu coração desdobrar-se em outros corações e não soube como é venturoso procurar a felicidade para êsses corações queridos...

S. Pedro voltou a inquirir:

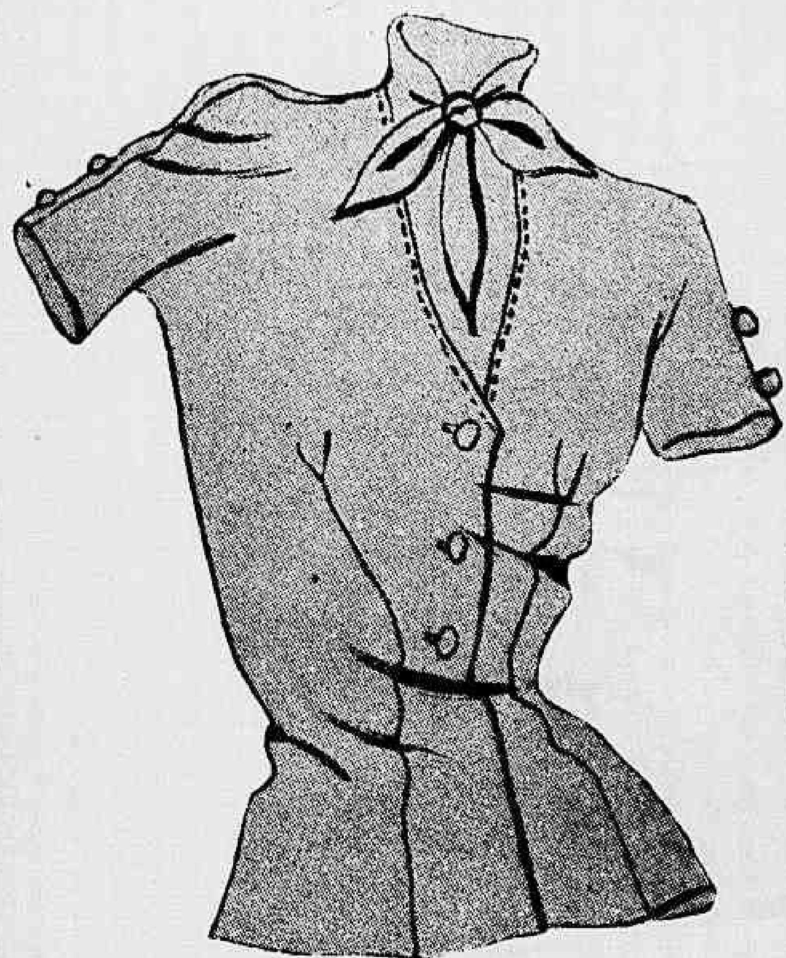
— E o que escreveu? Livros? Versos? Embelezou as horas de alguém, elevando-lhe o espírito, com idéias elevadas? — perguntou.

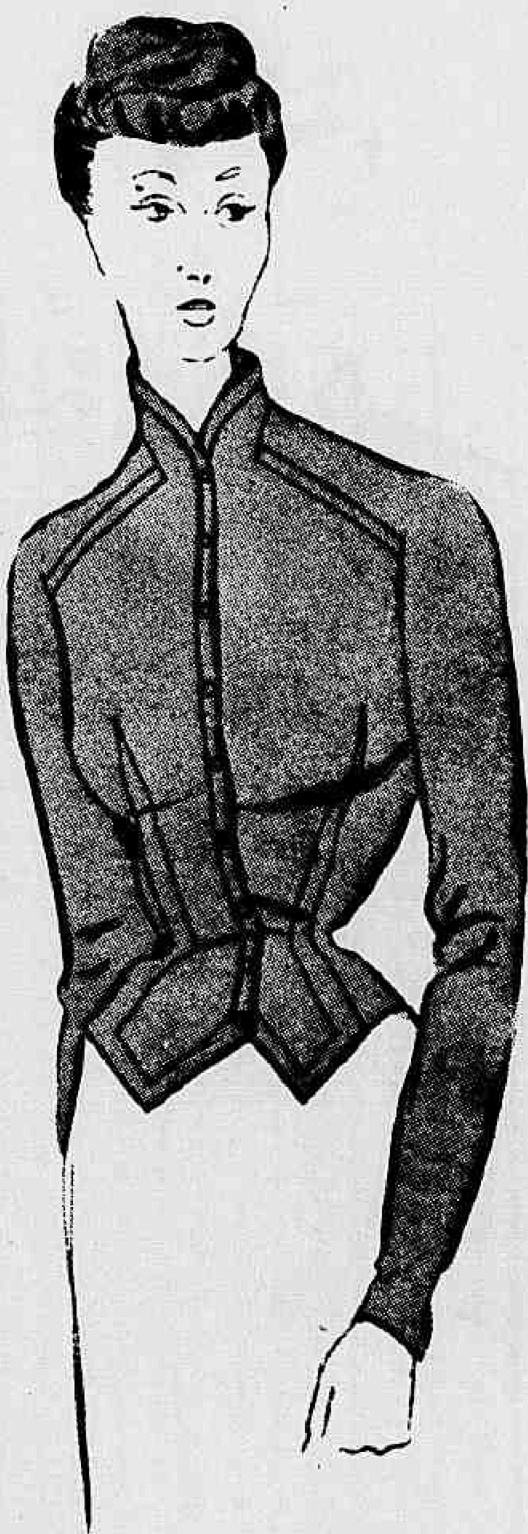
A alma baixou a cabeça, sem responder.

— Morreu cedo, talvez — disse S. Pedro, sacudindo as chaves para chamar o anjo custódio da alma.

Sem demora êste apareceu. Vinha triste, cabisbaixo, como que envergonhado. Tra-

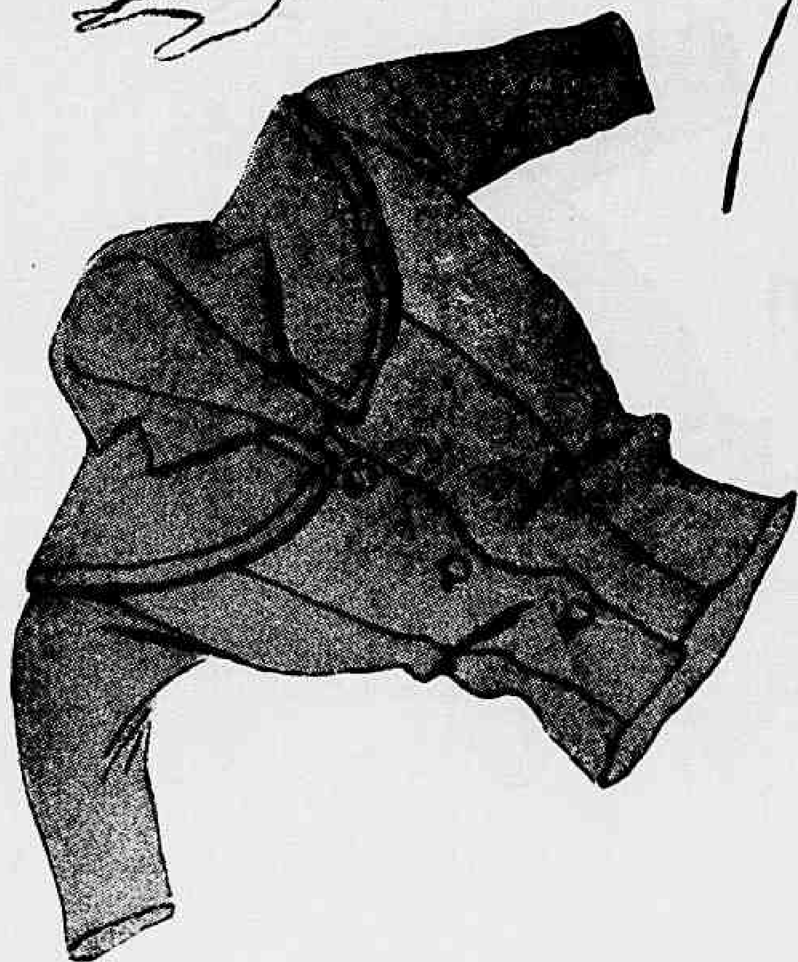
(Cont. na pág. 50)









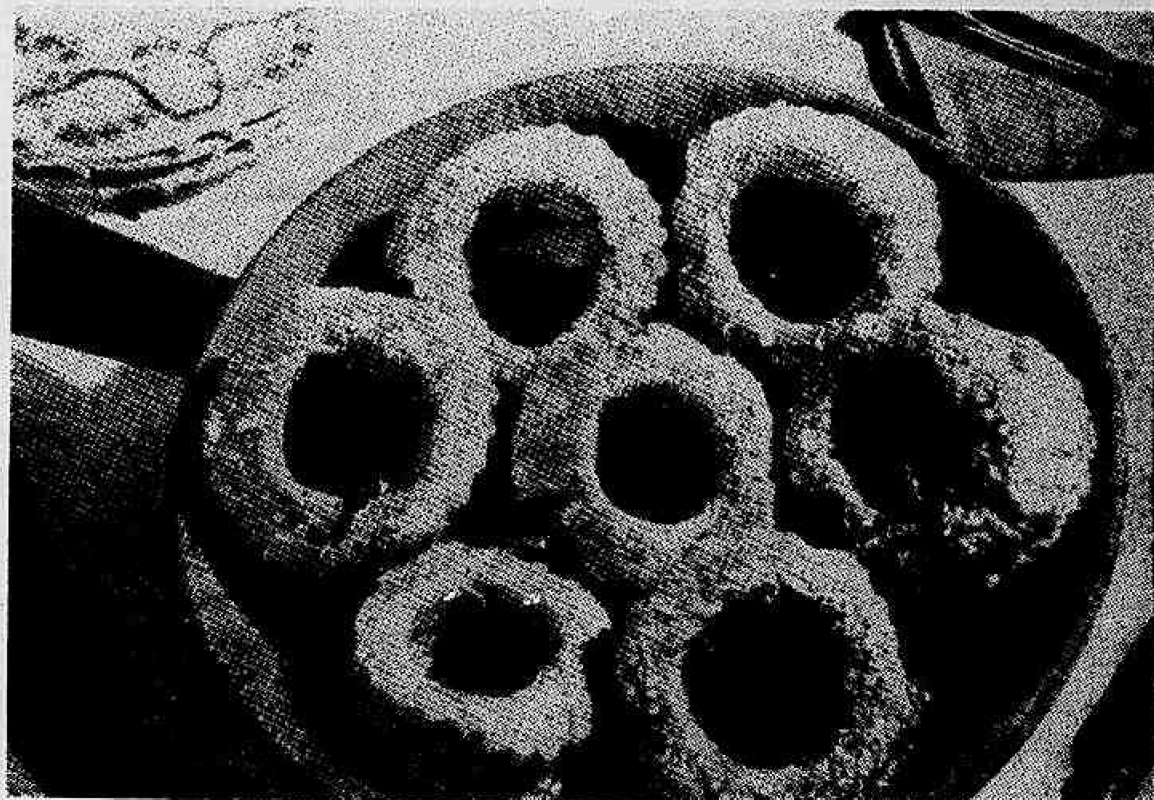


BLUSAS

EM seda ou em lã, as blusas aqui apresentadas são de muita elegância e distinção. Algumas têm golas altas, outras maiores decotes, tôdas no entanto se prestam para serem usadas somente com saias, formando um conjunto agradável.

week-end NA COZINHA





CROQUETES DE SALMÃO

Abra 1 lata de salmão, tire espinhas e peles, amasse e leve ao fogo com 1 colher de manteiga, o caldo de 1 lata de champignons, 2 xícaras de leite, sal, e engrosse com farinha até desprender bem da panela. Incorpore então os champignons picados, 2 gemas e faça croquetes pequeninos. Passe em pó de pão, em ovos, novamente em pó de pão e frite em banha quente.

★

BIFES DE GRELHA

Corte 12 bonitos bifes do mesmo tamanho; tempere de sal e leve a assar na grelha, de ambos os lados. Depois vá deitando num prato quente, onde deve estar uma boa colher de manteiga e 1 galho de salsa. Calque com um garfo, tire fora a salsa e sirva com batatas duquesa ao redor.

★

BATATAS DUQUESA

Cozinhe ½ quilo de batatas descascadas nágua fria e sal, passe no passador e despeje numa panela com 1 colher de manteiga, 2 gemas, sal e um nada de noz moscada, leve ao fogo mexendo sempre até despregar do fundo. Deixe esfriar, faça bolas como nozes grandes e arrume num tabuleiro untado. Com uma rolha faça uma cavidade em cada uma, doure com uma gema desmanchada em um pouco de leite, salpique com amêndoas torradas e picadas, deite um pouco de manteiga no centro e leve a assar.

★

SALADA DE ALFACE E BANANAS

Arrume pequenas fôlhas de alface na saladeira como um repolho e coloque no centro rodelas de umas 8 bananas. Regue tudo com 1 gema cozida desmanchada e 2 colheres de creme de leite, gotas de limão e sal.



★

FIGOS EM COMPOTA

Escolha figos maduros, descasque deite em calda fina e leve a cozinhar em fogo brando por uns 10 minutos



e deixe esfriar na panela. Escorra e sirva com creme de leite batido e gelado.

★

DOCE DE BATATA ROXA

Leve a cozinhar batatas roxas com cascas, depois tire as cascas, passe na peneira ou na máquina e ponha num tacho com igual quantidade de açúcar. Misture bem e leve ao fogo sempre mexendo até soltar bem do fundo. Sirva num prato ou enrole como rolhas, passe no açúcar e deixe secar no sol ou na estufa.

★

CULINÁRIA Para se obter manteiga clarificada, ferva-se a manteiga, coando em seguida num pano fino. Tôda a manteiga para firtar deverá ser clarificada, senão queima logo. Para môlho só de manteiga, fica mais transparente. ★ Para esquentar em banho-maria, tome-se um tabuleiro curto e alto, coloque dentro panelinhas ou mesmo latinhas com môlho, legumes, purées, etc., encha de água a ferver até o meio e deixe em fogo fraco para conservar o calor.



A saúde do BEBÊ

DR. SABÓIA RIBEIRO

ALIMENTAÇÃO INFANTIL E TÉCNICA

NA alimentação da criança, e sobretudo da criança de peito, há sempre proceder de modo que nunca deixem de figurar, no seu regime, certas categorias de substâncias que integram o **alimento completo**, sob pena de instalar-se nela, mais cedo ou mais tarde, e com maior ou menor intensidade, alguns estados ou afecções que o exame atento da criança irá pôr de manifesto. Essas categorias são constituídas pelas albuminas (ou protídios), hidratos de carbono (ou glicidios), gorduras (ou lipídios), sais minerais e as vitaminas.

O predomínio de uma dessas categorias sôbre as outras, e sobretudo o uso exclusivo e prolongado de uma delas, cria necessariamente o "deficit" alimentar, logo a refletir-se no desvio nutritivo da criança, agravado o quadro, naturalmente, sob a dependência de múltiplos fatores, entre os quais, representam saliente papel, a idade, a constituição e as influências ambienciais.

Entre as manifestações dêsses "deficits" e respectivos desvios nutritivos na criança, cumpre principalmente assina as seguintes:

Distrofia Láctea — pobreza de glicídios na alimentação; o regime é leite animal puro exclusivo;

Distrofia Farinácea — excesso de glicídios (farinhas), e escassez de protídios. Às vêzes, à farinha junta-se o sal de cozinha. Outras o excesso não é de farinha, propriamente, mas de açúcar, no regime do uso exclusivo de leite condensado

Distrofia Alipogenética — escassez de lipídios. No regime a leite muito diluído nágua, por exemplo; no uso prolongado de leites em pó **magros**, dados indefinidamente.

As Avitaminoses (disfunções A, B, C e D na criança).

Na verdade são mais encontradiças as **formas mistas** dos "deficits" nutritivos acima enumerados, ou suas **formas frustas**. Isto quer dizer que, às mais das vêzes, os quadros da nutrição deficitária da criança mesclam-se entre si, umas com as outras, de modo que, por exemplo, se encontram ao mesmo tempo os sinais de uma Distrofia Farinácea e da Avitaminose A, como comum é, na **Distrofia Láctea**, coexistir ao mesmo tempo manifestações do Escorbuto ou outras que correm por conta de uma carência de outra ou outras vitaminas (falta de apetite ou atraso da dentição, respectivamente, por carência de vitamina B e D).

Como, por outro lado, as carências são muitas vêzes apenas relativas, isto é, não faltam de todo as respectivas substâncias no regime da criança, que são apenas insuficientes mas não ausentes, as manifestações são apenas **parciais**, não, portanto, **típicas**; daí tantas **distrofias e avitaminoses frustas**;, diluídas em estados de aparente saúde da criança, mas que o exame atento da criança vai identificar como ligadas a esta ou aquela insuficiência dos respectivos fatores no regime da criança.

Efetivamente, as citadas substâncias (protídios, glicídios, lipídios, sais minerais e vitaminas) constituem verdadeiras **unidades alimentares** no regime da criança, cuja supressão ou redução nele trazem logo manifestações da doença, refletindo-se não só nas próprias funções digestivas da criança (prisão de ventre, diarréa) como no seu anormal desenvolvimento corpóreo e seu próprio humor natural.

Na idade infantil o organismo requer o consumo dessas unidades alimentares associadas entre si no **alimento completo**. Nessa idade essa exigência mais cresce de importância.

Não figura naquela relação a água, mas cumpre destacar a sua importância excepcional na alimentação infantil. De resto, o alimento infantil deve guardar sempre um certo grau de concentração, verdadeiramente **fluido** nos seis primeiros meses, logo mais **denso**, porém sem esquecer a água no intervalo das refeições. São muito conhecidas dos pediatras as chamadas **febre de sêde**, por insuficiência de água na alimentação do bebê.

A água, ou quota da água, faz parte, portanto, do regime alimentar da criança, como integrante do alimento, como **diluente**, ou como **supletivo** — no leite, nos mingáus ou no intervalo das refeições.

Mas é evidente que não basta ao alimento infantil encerrar as **unidades alimentares** supra-mencionadas, e agora dizemos, inclusive a água; mas é ainda necessário que as mesmas guardem entre si uma certa proporcionalidade recíproca. Sobretudo os protídios, gorduras e hidratos devem, entre si, estar na proporção, nos primeiros seis meses da criança, de 1 : 3, 5 : 7, como guardam aliás, no próprio **leite humano**.

O **alimento completo** deve ser ainda, portanto, **correto**, do ponto de vista do equilíbrio, entre si, das várias substâncias que o integram.

Combinadas entre si em proporções variáveis de um para outro **alimento completo** (o leite, ovos, etc.), as "unidades alimentares" abrangem um certo número de substâncias similares dentro da respectiva classe, dotadas de certas propriedades comuns, mas exercendo ações diversas no organismo.

Não existe, portanto, uma **albumina**, mas **albuminas**; o mesmo acontecendo em relação aos glicídios, lipídios, etc. As **albuminas** divergem de uma para outra, conforme se agrupam nelas certos corpos menos complexos de que são formadas, os **amino ácidos**. Dêstes varia a utilidade e seu papel no organismo, de maneira que, conforme entram êstes ou aquêles nas albuminas, variará naturalmente a ação destas no processo vital, através da alimentação.

A formação de novos tecidos depende, principalmente, das albuminas; porém, do que ficou dito logo se vê que existem albuminas de valor nutritivo elevado e outras não. Leite, carne, ovos, peixe, figuram entre os alimentos de valor nutritivo elevado pelas suas albuminas. Mas como uns encerram êstes, e outros aqueloutros amino-ácidos, há sempre necessidade de variar os alimentos que encerram albuminas, a fim de evitar que se instale no organismo a ausência de certos amino-ácidos existentes numas e não noutras albuminas. Nesse particular a inclusão de visceras, pela sua riqueza em amino-ácidos, no regime — fígado, timo, rins, etc. — é muito para aconselhar-se

Exemplificamos acima, com as albuminas, mas a mesmo diversidade existe entre as gorduras e os carbohidratos.

O regime da criança deverá, portanto, levar em consideração êsses conhecimentos a respeito do alimento não só **completo** mas **correto**, para que em todos os tempos sempre entrem nele, as albuminas, lipídios, etc. etc., como variem, periodicamente, os mesmos, atendendo essas diversidades já apontadas.

Na criança, nos primeiros meses, criada ao seio, supondo-se evidentemente **bom e suficiente** o próprio **leite materno**, o alimento por excelência é êsse mesmo leite assim bom e suficiente.

O **leite animal** mantém uma composição apenas análoga; entre as albuminas, por exemplo, o leite humano encerra 60% de albuminas solúveis (lacto-albuminas e lacto-globulinas), o leite animal, apenas 15%. Por outro lado, o leite animal é pobre de um elemento muito importante para a saúde do feto — o **ferro**; de modo que, dado muito tempo como alimento exclusivo à criança, esta torna-se pálida em virtude da falta de ferro para a formação da hemoglobina do sangue.

Outra coisa é que o leite animal encerra gorduras, cuja correção é sempre necessária, na criança de tenra idade, principalmente pelo acréscimo de farinhas. Não menos importante é que, nele, com a fervura, é sempre destruída a vitamina C, de que é veículo, de modo que a insuficiência desta não tardará em manifestar-se pela palidez e outro ssinais da sua carência, na criança.

Daí, por tudo isso, sempre há necessidade de um preparo do leite animal que, ainda podendo ser considerado um alimento **completo**, não é **um alimento correto**, como não existe nenhum leite, em pó ou outro, que deva ser usado indefinidamente sem os mesmos inconvenientes apontados.

A criança que se desenvolve, tem necessidades que exigem também mudanças periódicas de regime. Se, em princípio, as vitaminas, por exemplo, lhe são dispensáveis no começo, não o são, porém, em absoluto, já no sexto mês. O consumo de cereais já é impôsto ao sétimo mês, também, e cada vez mais, daí a necessidade das sopinhas a essa idade. A carne já poderá entrar, ao começo, como caldos engrossados, mais logo como bife mal assado, e fígado, e outras visceras. Em suma, até fazer um ano, a criança terá passado do leite às frutas, legumes, cereais e carnes, mediante um regime bem orientado.





O VÉU

JÁ não se admite que uma criatura elegante possa sair — é claro que não nos referimos ao trabalho — sem que a sua "toillette" seja completada por um chapéu. E, para isso, os chapeleiros franceses estão sempre presentes com as suas verdadeiras tentações... Sabedores de quanto o véu enfeita e embeleza as mulheres, êles raramente o esquecem em suas coleções. Aqui, modelos de Maria Guy, Simone Cange, Maud et Nano e Georgette.



PROBLEMAS DA MULHER

M. MERCÊDES SANTOS

INGE, É O SEU NOME

QUANDO saltei do automóvel, o sol agonizava lentamente afundando-se num mar de sangue. A natureza, àquela hora da tarde, naquele pitoresco recanto de Itatiaia, era um convite festivo às belezas da vida, muitas vêzes friamente desprezadas Sentia-me hipnotizada diante de tão maravilhoso cenário e só dei conta de mim no momento em que uma linda jovem, muito tímida, indicou-me, num português arrevezado, o número do quarto em que eu devia ficar. Ao agradecer-lhe, não me foi possível deixar de reparar a tristeza infinda que tão cruelmente maculava aquela fisionomia quase infantil. Facilmente, pude perceber, que aquela criaturinha encerrava um drama cuja extensão não podia aquilatar. Contudo, nos primeiros dias da minha permanência no pequeno e alegre hotel, sentia que sua timidez de flor atirada brutalmente na sargeta, sem piedade, era uma grande barreira à minha curiosidade de mulher e de cronista. Não desisti, porém. Esperei pacientemente que se me apresentasse uma oportunidade e esta, sem que eu me apercebesse, chegou repentinamente.

Era um sábado e estava anunciada para as oito horas da noite, na portaria do hotelzinho, uma audição de acordeon. A expectativa entre os hóspedes era geral. Finalmente, os acordes de uma linda melodia cortou o silêncio daquela noite enluarada. Na sala, onde todos estavam reunidos, percebi atrás do acordeonista um vultozinho que o acompanhava com uma voz doce e calma — era Inge. Creio que jamais esquecerei a grande impressão que me deixou aquela figura de mulher que, numa amabilidade contagiante, dissimulava tão bem a imensa dor que lhe ia na alma. A sua fisionomia bela e tranquila inspirava tanta bondade e doçura, que parecia gritar a todos que o sofrimento, na maioria das vêzes, purifica e enobrece. Depois da audição — que foi dada pelo seu próprio espôso — sem que eu pudesse compreender o verdadeiro motivo daquele gesto, convidou-me à seu quarto e ali, numa atitude de respeito religioso, retirou de um envelope amarelecido pelo tempo uma série de fotografias de Milão, Hamburgo, Veneza, Inglaterra e outras tantas de membros de sua família, tiradas em sua residência, num subúrbio da Alemanha, antes dos horrores que marcaram a era nazista — e, entre cruéis recordações contou-me, num simples e correto inglês, tôda sua história.

— Como você pode testemunhar, sou igual a milhares de outras, uma vítima da brutalidade odiosa da guerra. Tudo perdi, fortuna, casa, parentes e noivo. Passei fome e sofri na sua ferocidade irrecusável os regimes dos campos de concentração nazistas e russos. Quando veio a vitória, conheci um engenheiro polonês e com êle me casei. Ficamos residindo no setor de ocupação britânico. Um dia, porém, sob miséria extrema, concebi um filho e meu espôso, acusado por um seu amigo de espionagem contra a Rússia, foi levado para um campo de concentração. Desesperada e em adiantado estado de gestação, tentei, de bicicleta, atravessar a divisa russa; não foi possível, entretanto. Estávamos no rigor do inverno e depois de ter percorrido, sem um agasalho sequer, quase 20 milhas de território russo, fui perseguida e espancada brutalmente por soldados soviéticos, até que, caída sôbre a neve, abortei o meu filho. Fiquei detida por vários meses. O meu estado de saúde era por demais precário. Fui levada à presença de um oficial russo. Êste, ao ser cientificado da irregularidade, por mim praticada, mandou que me vedassem os olhos. Julguei que me fôssem matar e implorei, entre lágrimas de dor, que me deixassem voltar para minha pátria e continuar a viver para o meu espôso. Botaram-me num automóvel. Sei que viajei por longo tempo. No entanto, ao ser retirada a venda dos meu solhos, encontrava-me junto ao meu marido no campo de concentração em que êle estava. Aí, fui tratada com mais benevolência, pois, a inocência do meu espôso havia sido provada e dias depois, estávamos de regresso ao setor de ocupação britânico. Concebi outro filho. Êste, porém, dado o regime de fome que eu era obrigada a levar, teve o mesmo destino do primeiro. Queria um bebê, mas, compreendi que era verdadeiramente impossível. Finalmente, foram selecionados os emigrantes que deviam vir para o Brasil. Eu e meu espôso fomos escolhidos. Pela primeira vez, durante dez anos, chorei de felicidade. Viemos para o Brasil e hoje fazem precisamente vinte e seis dias que pisei o solo dêste dís, "onde espero continuar com meu espôso, ter uma casinha, um filho, cinco galinhas e dois coelhos".

Inge, que a sua história dolorosa, idêntica a de milhares de vítimas do após-guerra, sirva de lição à muitos homens que a todo custo tentam fomentar uma terceira guerra mundial. Que o seu desejo, tão simples e quase infantil, seja realizado neste país de vastas perspectivas, são os meus mais ardentes votos. Trabalhe, portanto, para que não se torne um problema entre tantos outros de soluções imprecisas aqui existentes e tenha certeza que você será benvinda à nossa terra.

CORRESPONDÊNCIA

Angela G. C. — Florianópolis — Santa Catarina.

"Tenho 22 anos e há 8 sou casada. Vivo com meu espôso em companhia dos meus pais. No entanto, êle é um desajuizado e só vive me maltratando. Não trabalha e ainda sente-se com direito de desrespeitar o lar que tão bondosamente o acolhe".

Angela, é de lastimar que a sua família ainda não tenha tomado uma atitude diante da situação amoral que leva o seu espôso. Você é muito jovem ainda e não tem direito de arruinar a sua vida por um homem irresponsável e cínico. Peça-lhe que se emende e diga-lhe mesmo que não permite outra mulher na vida dele. Caso a conduta dele não melhore, imponha-lhe a anulação dêste casamento que, graças a Deus, não lhe deixou nenhum filho. Continue a conservar a sua dignidade de mulher, minha filha, e tenha certeza que a vida ainda haverá de lhe sorrir. Escreva sempre, que terei imensa satisfação em saber notícias suas.

Tôda correspondência para esta seção deve ser endereçada a M. Mercêdes Santos — Problemas da Mulher — Redação da Revista da Semana — Rua Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro.



DE HOLLYWOOD

ALGUMAS novas e encantadoras sugestões de Hollywood, apresentamos nesta página, para a apreciação das nossas leitoras. Em cima, para mocinhas, modêlo de Barbara Hale, em mousseline branca, mangas amplas e babado na gola. À direita, para a noite, modêlo de Myrna Dell, em jersey, saia beige, blusa listrada em marron e beige, com "paillettes" aplicados. Thereza Wright, com um modêlo para noite em tulle branca. Corpo justo, saia ampla. (Fotos R.K.O.).





A TERCEIRA MENSAGEM DO GOVERNADOR OSWALDO TRIGUEIRO

ACABAMOS de receber um exemplar da terceira mensagem que o sr. Osvaldo Trigueiro de Albuquerque Melo, Governador do Estado da Paraíba, enviou ao Legislativo estadual em 1.º de junho do corrente ano.

E' um livro com cêrca de duzentas páginas, inclusive quadros demonstrativos, por meio dos quais o administrador aborda com clareza os problemas do Estado, revelando perfeito conhecimento dos assuntos da unidade que governa.

A orientação dada ao trabalho em causa oferece a melhor impressão. Depois de uma apreciação geral dos assuntos e das soluções que o poder público vai adotando, seguem-se exposições mais desenvolvidas a respeito dos diversos setores administrativos E tudo revela que o sr. Osvaldo Trigueiro tem a percepção exata dos problemas e aborda os temas com a noção segura e pessoal de todos êles, apontando as soluções que dá ou que gostaria de poder dar.

do plano rodoviário estadual, prossegue com entusiasmo no seu programa de abastecimento dágua e esgotos dos centros populosos e faz o máximo que pode em favor da educação do povo. "Em dois anos o Estado criou cêrca de 200 novas unidades escolares e aumentou de mais de 500 o número de professôres primários".

"De Cr$ 6.208.000,00 no Orçamento de 1947, elevaram-se as novas despesas com serviços de saúde a Cr$ 11.797.000,00 em 1949 ou seja um aumento de 90% em dois exercícios" — diz a mensagem.

"As verbas do Departamento da Produção tiveram em dois anos, um aumento de 100%. Os campos de cooperação que, em 1947, cobriam 4.020 hectares, elevam-se a 10.000. As máquinas agrícolas em uso elevaram-se de 1.400, em 1948, a 3.905 no ano em curso."

"O volume dos encargos do D.E.R. para o período do atual Govêrno, pode ser estimado aproximadamente em Cr$ 70.000.000,00, contribuindo o Estado com cêrca de 25% dêsse total."

"No plano dos empreendimentos materiais é de se destacar o projeto de ampliação e reforma dos serviços elétricos da capital, o qual vem sendo executado desde 1947, estando orçado em Cr$ .. 16.989.912,00". São textos da mensagem

Os tópicos acima transcritos constituem apenas exemplos colhidos ao correr do exame da exposição de que tratamos. São alguns dos pontos que sublinhamos durante a sua leitura.

No tocante ao ensino agronômico não podemos deixar de destacar êsse trecho: "Os recursos orçamentários para a manutenção da Escola que, em 1947, eram Cr$ 1.544.622,00, passaram em 1948, a Cr$ 1.822.935,00 e figuram no orçamento em vigor com a importância de Cr$ .. 2.072.314,00". Estado em que as atividades agrícolas são muito superiores às atividades industriais, é a Paraíba um grande centro de produção que proporciona receitas sempre crescentes. Mas, sendo relativamente densa a sua população, elevaram-se muito e sempre os encargos públicos, exigindo do govêrno o máximo de eficiência. Ainda bem que a mensagem que recebemos, informa que o Estado tem uma administração à altura das circunstâncias, para o que vem contribuindo o respeito, a compreensão reinante entre os poderes estaduais num ambiente sereno que propicia um campo de labor fecundo a uma população realmente laboriosa.



Sr. OSWALDO TRIGUEIRO

Comparando sempre a situação atual do Estado, no terceiro ano de sua administração, com o estado das coisas, no segundo e no primeiro ano do seu govêrno, o jovem e culto estadista comprova uma ação continuada dentro de um pensamento diretor uniforme e consciente. Sente-se, em tudo, uma diretriz, um sentido, um programa.

Escrupuloso no reconhecer as obras que foram iniciativas de outros; honesto ao relacionar o que é realização federal ou obra em cooperação com outros poderes, demonstra que "o Govêrno do Estado nestes primeiros quatro anos de regime democrático, dotará a Paraíba de um acervo de obras públicas no valor aproximado de Cr$ 100.000.000,00 E isto, apesar dos onus sempre crescentes que as despesas com pessoal vão criando aos cargos públicos o que, na verdade, comprometem as verbas destinadas a obras e benefícios de caráter geral. E' a tragédia dos orçamentos brasileiros diante da qual se rende, vencida, a maioria dos nossos administradores públicos, quando não se desesperam nos desvarios dos empréstimos.

A mensagem em causa demonstra que, antes de tudo, o sr. Osvaldo Trigueiro consegue manter em perfeito equilíbrio a vida orçamentária do Estado, que tem as suas operações em dia e de pé o crédito do Tesouro.

Luta o govêrno pelo desenvolvimento da produção vegetal e da produção animal, atende com carinho às exigências

VIDA LITERARIA

E. CATTETE REIS

MARGARET MITCHELL



Margarida Mitchell

QUANDO, há poucos dias, segundo noticiaram os telegramas, Margaret Mitchell declarava que não mais voltaria a escrever, talvez satisfeita, historicamente, com a glória que lhe dera o famoso romance histórico "...E o vento levou", é provável não pretendesse esconder nenhum laivo de vaidade ou orgulho literário, tão cabíveis, aliás, em quem com apenas uma obra se fêz conhecida e admirada em todo o mundo.

A morte, pode-se dizer prematura, da escritora mais lida, nestes últimos tempos, veio fazê-la cumprir, de modo irrevogável, a sua recente declaração. Estaria, porventura, a laureada romancista vaticinando sua próxima partida para o desconhecido? Margaret foi, na verdade, um meteoro, cheio de luminosidade na constelação literária da América. Talvez que ela sentisse mesmo, em meio à grande satisfação que lhe causara o retumbante sucesso do seu livro universalmente consagrado, a nostalgia e o fastígio dos deuses.

Na verdade, não seria fácil reproduzir, em futuras obras, tamanho êxito como o que lhe dera a gigantesca epopéia, que tão bem reproduziu os lances dramáticos da Guerra de Secessão; entretanto, todo o vigor das magníficas páginas dêsse livro que emocionou grandes multidões em todos os quadrantes da terra, bem poderia ser a promessa de outras realizações de vulto. Não quis porém o destino que quaisquer outras expectativas se pudessem ter em relação à romancista.

Com isso se confirmou, tão somente, a disposição em que se achava Margaret de esperar, depois das consagrações em vida, as reverências póstumas ao seu talento invulgar e ao seu mérito inquestionável, virtudes que a alçaram e a destacaram como uma das maiores afirmações da literatura norte-americana dêste século.

A desolação não será apenas para as elites intelectuais: todos deplorarão a sua morte porque quando Margaret surgiu para o mundo, trouxe a mensagem que pôde ser acolhida não somente pelo espírito como também, e principalmente, pelo coração, porque o que se destaca nas centenas de páginas de "...E o vento levou" é a própria vida, em suas mais intensas vibrações de alegria e de dor.

REEDIÇÕES

Os srs. Raimundo de Castro Maia e Ricardo Xavier da Silveira, membros da Sociedade dos 100 Bibliófilos do Brasil, ofereceram ao sr. Presidente da República os dois últimos volumes editados pela referida sociedade: "Espumas Flutuantes", de Castro Alves, e "Pelo Sertão", de Afonso Arinos.



Noël Coward

"MENTIROSA"... — Por trás dos bastidores de um teatro de Paris, Noel Coward conversava com um amigo.

— Dize-me o que lês e te direi quem és — sentenciou o teatrólogo.

— Eu leio Shakespeare, Dante, Plínio, Spinoza — disse Madeleine Azeray, que o escutava. — Diga-me agora quem sou.

— Uma mentirosa — replicou, sarcasticamente, Noel Coward.

BI-CENTENARIO DE GOETHE

Na Biblioteca Nacional, realizar-se-á, sob os auspícios da Academia Brasileira de Letras, uma exposição de obras, originais e retratos de Goethe, em comemoração ao bi-centenário dêsse grande vulto das letras universais.

Em S. Paulo, o professor Fritz Joachim Rintelen, da Universidade de Mogúncia, continua em sua série de palestras sôbre o criador de "Werther".

PADRE HAROLD F. RYAN

Encontra-se nesta capital, onde, a convite da Universidade Católica, está realizando um curso de Literatura Norte-Americana, o padre Harold F. Ryan, professor de inglês na Universidade de Loyola, em Los Angeles. Além dêsse curso, o ilustre visitante vem proferindo várias conferências, versando seus trabalhos sôbre assuntos da antiga e moderna literatura dos Estados Unidos.

Analisando autores e correntes literárias, examinando tendências do pensamento contemporâneo, num estudo comparativo em que demonstra de como a literatura norte-americana foi influenciada pela cultura européia e de como da mesma se libertou, nacionalizando-se, o padre Ryan objetiva, com isso, corrigir o êrro muito comum de interpretar a civilização estadunidense, através da leitura de autores que nem sempre representam a totalidade do país, mas apenas grupos de pensamento.

Falando à imprensa, rapidamente, à sua chegada, o padre Ryan fêz observações em tôrno de vários autores modernos, tendo declarado, a propósito de John Steinbeck, que o mesmo não apresenta em sua obra senão uma expressão do que chama "corrente jornalística", que oferece, apenas, "verdadeiras reportagens, sem essência literária".

LITERATURA DIRIGIDA

Na Rússia, os intelectuais continuam (e até quando?) na bitola do Kremlim. Qualquer saidazinha mais em falso, um pequenino "desajuste" fora da "linha" é quanto basta para que sejam logo advertidos. Os escribas oficiais, investidos da função crítico-policial, promovem os libelos acusatório que vão formando um "dossier" de consequências imprevisíveis.

Ainda recentemente, o "Koultoura y Jizn", órgão da seção de propaganda do Partido Comunista, atacou os críticos literários das revistas soviéticas, recriminando-os "por apoiarem insuficientemente o realismo so-

cialista e dar aos artigos um caráter formalista".

De tudo, o que se infere é que, mesmo enfrentando reações nada suaves, os escritores russos não estão cem por cento "enquadrados" no dirigismo de Moscou, o que não deixa de encerrar uma esperança de libertação futura...

TOLERANCIA

O grande escritor húngaro Tibor Déry, discípulo de Proust e cujo livro "A Frase Inacabada" foi uma das obras literárias que maior sucessco obtiveram ultimamente na Europa, disse certa vez a Mme. Sandor Kemery, antiga secretária de Anatole France e que vive atualmente em Budapest:

— A tolerância deve ser tolerante com a própria intolerância.

SEMANA DOS NOVÍSSIMOS

Terminou sábado último, em São Paulo, a "Semana dos Novíssimos", durante a qual se realizou uma exposição de poesias, com ilustrações feitas pelos próprios poetas. Participaram dessa exposição, entre outros, Cyro Pimentel, Radhá Álvaro, Edgard Braga, Sérgio Pires, Décio Pignotari, Auro Yeddo Martins, Vicente Augustus Carnicelli, Amélia Martins, Hilda Hilst, Fernando Henrique e Reinaldo Bairão, sendo apresentados, também, trabalhos do jovem poeta recentemente falecido, Paulo Sérgio.

Além de numerosas conferências, foi levada a efeito uma homenagem à memória de Mário de Andrade.

O OUTRO LADO DA VIDA

Antes da loucura de Maupassant, Mirabeau escreveu-lhe:

"Há em tudo que fazes, uma graça, uma verdade, uma desenvoltura forte e livre, que excluem todo traço de esfôrço. Chegaste, meu caro amigo, à perfeição e a uma bela serenidade de arte, que invejo."

Pouco depois do entêrro do seu "caro amigo", Mirabeau escrevia a Monet:

"Maupassant não amou nada, nem sua arte, nem uma flor, nada. Interessava-se pela justiça das coisas".

CONGRESSO DE LINGUA VERNACULA

O sr. Aloysio de Castro, que, no dia 11 do corrente, seguiu para a Europa, onde tomará parte no Congresso de Neurologia, renunciou à presidência do Congresso Brasileiro de Língua Vernácula.

Por proposta do sr. Peregrino Junior, a Academia Brasileira de Letras designou para substituí-lo o sr. Gustavo Barroso.

JORNALISTA LUIS EUGÊNIO PASTORINO

No dia 14 do corrente faleceu, em São Paulo, o jornalista sr. Luis Eugênio Pastorino.

O extinto, que, durante muitos anos, militou na imprensa desta capital, se transferira para São Paulo, onde exerceu importantes cargos em diversos órgãos da imprensa paulistana.

Nesta capital, o sr. Luis Eugênio Pastorino trabalhou em "O País" e foi, juntamente com Bastos Tigre, o fundador do "D. Quixote".

Em São Paulo foi diretor de publicidade do "Correio Paulistano" e da "Fôlha da Manhã", e um dos fundadores da sucursal de "A Noite" em São Paulo, e da Rádio Excelsior, da qual era diretor.

O sr. Luis Eugênio Pastorino distinguiu-se, ainda, como cronista de mérito, sendo de ressaltar-se sua colaboração em jornais e revistas desta capital e de São Paulo.

PRÊMIOS LITERARIOS PORTUGUÊSES

O Júri Literário, reunido no Círculo Eça de Queiroz, distribuiu os vários prêmios instituídos pela Secretaria de Informações de Portugal.

Entre os laureados figuram Américo Cortez Pinto, prêmio de História, por sua obra "Da famosa arte da impressão"; Thomaz Figueiredo, prêmio de romance, pelo livro "Toca do lôbo"; Olavo Eça Leal, prêmio de novela, pelo seu trabalho "Processo arquivado", e Ribeiro Dias, prêmio de poesia, pela coleção de poemas "Selva do Mistério".



I EXPOSIÇAO DE "EX-LIBRIS"

Por intermédio do seu Departamento de Difusão Cultural, vem realizando a Secretaria de Educação e Cultura uma interessante série de exposições culturais e artísticas no belo Salão Assírio do Teatro Municipal, dando assim cumprimento ao programa traçado pelo prefeito Mendes de Morais para o aprimoramento espiritual e intelectual do povo carioca.

Após o sucesso obtido nas Exposições de Caricatura, de Gravuras, de Arte Religiosa, de Fotografias Autografadas e de Filatelia, aquêle Departamento inaugurou, no dia 15 do corrente, a I Exposição de "Ex-Libris".

Na gravura aparece o "ex-libris" da sra. Ignez Mariz, executado por Alberto Lima, presidente do Clube Internacional de "Ex-Libris".

A legenda que se vê no centro do mapa é uma referência à seção mantida pela romancista na revista "Eu Sei Tudo"; a paisagem reproduz um trecho da cidade paraibana de Souza, terra natal da escritora, e o rio do Peixe, em cuja margem direita está localizada; à esquerda uma carnaubeira, árvore típica da região, e à direita um coqueiro, planta característica do litoral nordestino.

VÁRIAS

A Federação das Academias de Letras do Brasil designou o professor Alberto A. Roveda, educador e escritor argentino, para seu membro correspondente.

O sr. Alberto Roveda é presidente da Union Cultural Americana e publicou, entre outros trabalhos literários de vulto, "Rio de Janeiro, Terra do Sonho".

★

Foi recebido na Academia de Letras Amazonense, o escritor e jornalista Aristophano Antony, novo membro dessa instituição.

★

Já está circulando o segundo número do mensário "Jornal de Letras", dirigido pelos irmãos Condé. Como na estréia, sua publicação apresenta variada matéria literária, artigos de colaboração, ensaios e estudos críticos e prossegue na apresentação das "Memórias", de Afrânio Peixoto.

Figuram ainda no texto uma entrevista de Álvaro Lins, concedida a Lêdo Ivo, uma novela completa de Gasparino Damata, uma minuciosa reportagem, na qual se faz o julgamento literário de Coelho Neto, uma "enquete" com a novíssima geração, além de inúmeras e interessantes seções especializadas.

NOTAS BIBLIOGRAFICAS

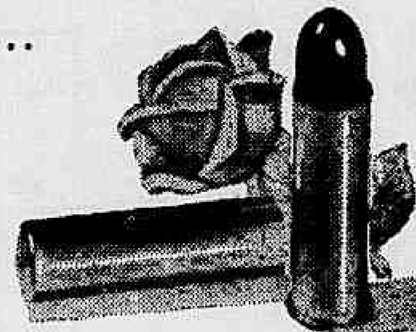
A UNESCO integrou na série das grandes obras literárias da América Latina, a serem vertidas para o francês e inglês e editadas oficialmente, a "M i n h a Formação", de Joaquim Nabuco. ★ Já estão no prelo os primeiros volumes das Obras Completas de Paul Claudel. ★ "Praia Oculta" é o nome do volume de versos que o poeta paulista Domingos Carvalho da Silva lançará dentro em pouco. ★ Igualmente se epera para breve "La Via dans les Plis", de Henri Michaux. ★ A Livraria Gallimard prepara um livro de contos de Paul Valéry — "Les Contes Brises". ★ Foi editada em Paris uma coletânea de versos de Murilo Mendes; o título é "Janelas do Caos". ★ Já foram entregues ao editor os originais do novo livro do sr. Gustavo Barroso, intitulado "Tamandaré". ★ Com introdução e notas críticas de Roberto Alvim Corrêa, virá a lume, em setembro, pela primeira vez em língua portuguêsa, "O Cemitério Marinho", de Paul Valéry. ★ "A fiscalização do imposto de consumo e o seu lado pitoresco" é o título do livro do sr. Dilermando Duarte Cox. ★ Trinta e poucos contos de Soares Faria são reunidos em seu novo livro "Chapadões e Veredas". ★ Clarice Lispector, em seu romance "Cidade Sitiada", estuda o destino de uma mulher em uma cidade invadida pelo progresso. ★ Desta vez em edição da Pongetti, foi reeditado o romance de Manuel Antônio Machado, "Memórias de um sargento de Milícias". ★ Numerosos sonetos de inspiração modernista, de autoria de Hélio Chaves, são enfeixados em seu livro "Mosaico". ★ Em edição da Orfeu, foram publicadas poesias de Edson Régis no livro "O deserto e os números". ★ "Memórias de Lázaro" é o título do novo romance de Adonias Filho. ★ Paulo Ronai escreveu o prefácio para o romance de Lima Barreto: "Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá", que a Editora Mérito apresenta agora em nova edição. ★ Um grupo de "homens representativos" é focalizado pelo sr. Humberto Grande na sua obra "O Culto da Grandeza". ★ A vida do cárcere, assunto inédito, pode-se dizer, é estudado pelo sr. Ismaelino de Castro em seu livro "Maria China". ★ Em recente reedição apareceu, com o título de "A filha do Inca", a novela "República 3000", de Menotti del Picchia. ★ Diversos poemas, inspirados em motivos japonêses, são enfeixados no livro de Afrânio Licínio Miranda, "O Espêlho de Izanagui". ★ Na Coleção Nobel, da Livraria Globo, apareceu em tradução de Leonel Valandro o romance de W. Somerset Maugham, "Férias de Natal". ★ Ciro Vieira da Cunha prefaciou "Orvalho", livro de versos de Waldir Ribeiro do Val.



Teus labios sugerem amor...

com o novo baton *VAN ESS "ROSE"!*

A expressão dos labios da mulher bonita... e o realce que só o baton Van Ess sabe dar! Harmonia... sedução... nas tonalidades modernas e brilhantes de Van Ess, o baton perfeito! Van Ess, preferido pelas mulheres elegantes, permanece nos labios por muitas horas.



Adquira hoje o seu VAN ESS em novo estojo de gala!

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

Artes PLÁSTICAS

ANGELUS RAVEL



"O Penitente", obra de Lu Duble



"Briga de Galos", escultura de David Smith

CONTRA o que muita gente leiga ou não, vivia a dizer, a Arte Moderna, tanto na pintura como na escultura está empolgando todos os centros culturais do mundo civilizado.

As exposições dessas "loucuras" saídas das concepções de gênios ainda pouco compreendidos da estirpe de um Picasso ou de nosso Portinari, continuam a ser realizadas nos mais famosos "Salões" do mundo, havendo obras de críticos que procuram explicar aos leigos a razão psicológica e artística de tais obras.

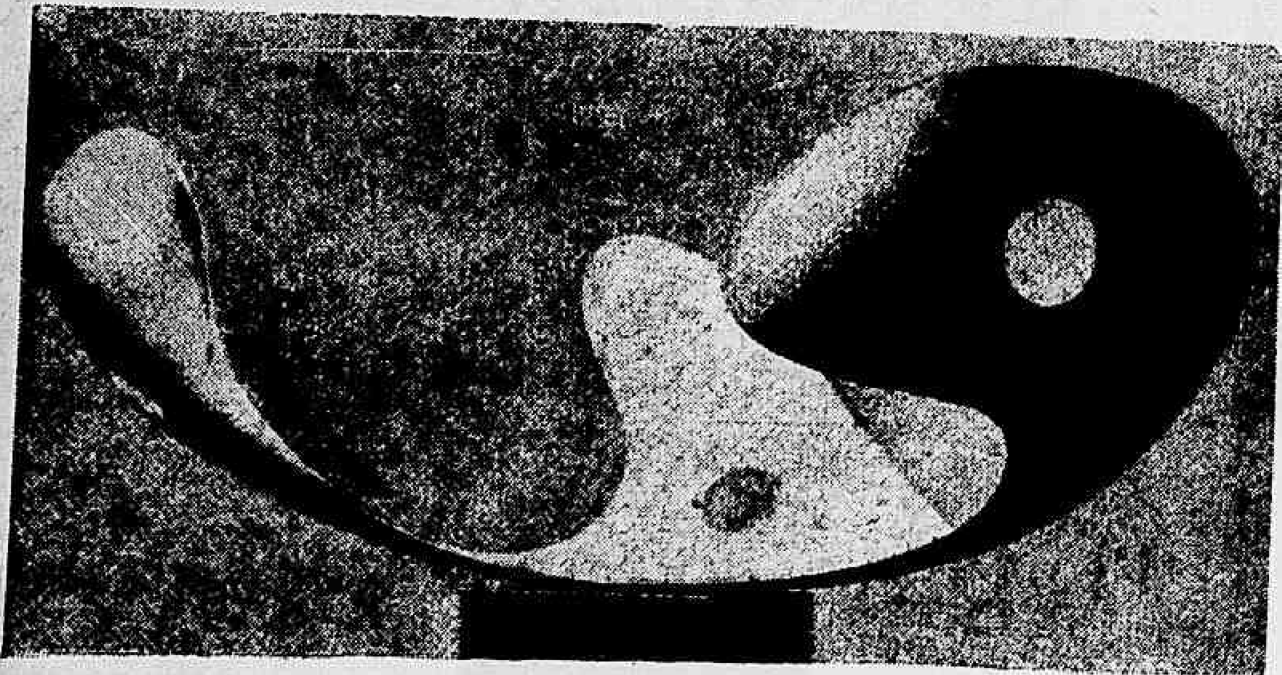
O fato é que o classicismo com as linhas comuns, as tintas repetidas, as perspectivas tradicionais como fotografias coloridas, vão sendo desbancadas pela Arte Moderna, prestigiada por intelectuais, críticos de renome e artistas de grande valor que tudo suportaram até ver seus ideais vitoriosos.

Nesta página oferecemos aos nossos leitores alguns exemplares extraídos da obra "Contemporary American Sculpture", de C. Ludwig Brumme, editado em Nova York e que causou sensação.

O volume contém cento e trinta fotografias e exibe obras de oitenta e sete escultores americanos.

O livro traz uma introdução de William Zorach, que também é escultor e assim se dirige ao leitor: "Esta é uma vigorosa e criadora fase da escultura, uma nova era. Tais coisas causam choque e as novidades confundem; mas essas concepções trazem benefício àqueles que já estão firmemente consolidados em sua base mental de forma que todo o seu caminho nessas rotas só lhes pode trazer vigoroso proveito e uma seara prolífica em face das novas sugestões que a vida oferece. O belo em escultura não importa em que forma apareça, ou em que tempo ou época venha a surgir".

E', inegàvelmente, a consagração da nova era das Artes Plásticas.



"Amarelo-prêto", por José de Rivera

AS CARICIAS SÃO PERIGOSAS

(Cont. da pág. 18)

cias prolongadas entre moças e rapazes. Não lhe ocorreu pensar que os homens, geralmente, não se satisfazem tão fácil e prontamente, ou que, assim animados, não estão dispostos a conformar-se com um beijo, apenas.

Em quanto pôde compreender que a sensibilidade pessoal muda, e que o que satisfaz a um pode não agradar a outro, pôde resolver o seu problema. Sabia que apenas se podia esperar um matrimônio permanente ou feliz, se não retinha a um homem mais de uns quantos passeios, pelo que tinha três caminhos a seguir. Podia permitir mais beijos, estimulando ainda mais a seu namorado; podia suspender seu beijo sugestivo e estimulante; podia discutir seu modo de sentir com seu namorado e ajudá-lo a compreender sua conduta.

Era óbvio que seus ideais e esperanças de matrimônio feliz impediriam de seguir o primeiro daqueles caminhos; mas, como julgava os beijos muito satisfatórios e se haviam convertido em parte essencial de sua experiência sentimental, pensou na terceira possibilidade e explicou sua posição a um de seus namorados. Resultou disso que êle compreendeu sua atitude e se mostrou disposto a ajustar-se ao ponto de vista da jovem, que não havia mudado muito. Apenas mudara sua atitude em relação a carícias. Se uma jovem tem problemas com seu noivo ou conjugais, talvez não se compreenda a si mesma nem há procurado auxiliar o seu companheiro a compreendê-la. Seus problemas podem ser indício de que algo está mal, assim como o problema daquela jovem que mencionei foi o seu meio de corrigir sua conduta.

Ainda que suas dificuldades, minha filha, sejam diferentes das daquela moça, o princípio básico é o mesmo na solução de todos os problemas dessa natureza.

Se você faz um esfôrço para compreender-se a si mesma, para descobrir os motivos ocultos de sua conduta e enfrentar, honradamente, os fatos, pensando nos objetivos que fixou na rota de sua vida, terá então vencido a maior das dificuldades de qualquer problema relacionado com a questão das carícias.

Mas não pode deter-se alí, se quer achar a máxima felicidade possível no matrimônio. Deve você tratar franca e honradamente e, por vêzes, sutil e astutamente, tratando de auxiliar o seu companheiro a compreender suas atitudes, sentimentos e atos.

Somente por esta compreensão poderá você transformar a conduta imatura da adolescência na conduta madura que prevalecerá, quando se espera a felicidade do matrimônio.

Um noivado feliz e relações conjugais satisfatórias, não são coisas casuais. Formam-se como resultado de um esfôrço contínuo para compreensão recíproca entre os casados ou os noivos. Mesmo que tal esfôrço deva começar muito antes do casamento, qualquer hora é boa para isso, mesmo quando já se está casado... O segrêdo de um noivado ou de relações conjugais felizes está no desenvolvimento da compreensão no que toca às peculiaridades de você mesma e as do seu companheiro.

E' importante, minha filha, que você reconheça que as carícias são expressão de uma necessidade normal que é imprescindível compreender e controlar antes do matrimônio, em lugar de entregar-se ao acaso, desordenadamente e abusar. Depois do casamento, faça o mais que puder para compreender as necessidades afetuosas de seu companheiro e adaptar-se às mesmas, de forma que isso ofereça a ambos a maior ventura possível, pois somente assim é possível a um casal descobrir a plenitude da vida que se encontra em um matrimônio feliz."

Quando meu pai terminou esta bela lição de moral para os que se amam, eu, entregue à maior alegria, como se houvesse recebido um rico presente de núpcias, abracei-o e o beijei ternamente, e lhe garanti que seguiria êsse roteiro e tudo faria por proporcionar ao meu eleito e a mim mesma os meios de alcançar a verdadeira felicidade no casamento.

E cumpri. Faz hoje doze anos que me uni, para sempre, a Alfredo. Já temos filhos. Nosso noivado obedeceu estritamente às lições de papai e nunca nos arrependemos disso. Somos felizes porque sempre procuramos compreender-nos, aclarando cada dia os caminhos de nossa união. Que tôdas as moças procurem fazer o mesmo.

A lenda de São Nicolau

(Cont. da pág. 42)

zia nas duas mãos pendentes as duas sacolas vazias. S. Pedro ao vê-lo teve um sobressalto e perguntou-lhe:

— Como? Não recolheste as ações desta alma?

Era a primeira vez que tal coisa acontecia, desde que êle era porteiro do Céu.

O anjo sacudiu a cabeça negativamente e murmurou:

— Nunca as praticou.

— Mas não lhe fizeste ouvir a voz? — perguntou o Santo, colérico.

O anjo sacudiu novamente a cabeça; de tão envergonhado mal podia falar.

— Jamais consegui fazer-me ouvir. O orgulho desmedido e a vaidade abafaram sempre a minha voz. Agiu sempre como um inconsciente, ou levado pelo respeito humano, ou pelas convenções do meio em que viveu...

A alma estava estarrecida.

Depois de um silêncio profundo, sob o olhar severo de S. Pedro, disse:

— Mas dei esmolas. Nunca deixei de dar as somas que constantemente me eram solicitadas, por grandes que fossem...

S. Pedro olhou o anjo, como que à espera de um esclarecimento.

— Dava por egoísmo e vaidade — disse o anjo. — Dava muito e ostensivamente, quando em presença de outros, para bem impressionar; mas quando só, dava apenas o suficiente para afastá-lo de si rapidamente. Detestava a pobreza e a miséria com seu cortejo de horrores e mantinha-se longe delas a poder do ouro que lhe sobrava. Mas a verdadeira esmola, aquela que é feita com o coração e que mesmo pequena consola, a esmola de uma palavra amiga e carinhosa, que às vêzes conforta mais que uma moeda, essa jamais deu a alguém... Era muito egoísta para tanto... mas dava contando certo que com aquilo conseguiria abrir as portas do Céu, assim como se abriam as do mundo para recebê-lo... Jamais usou do seu poder ou da sua influência para levantar a voz a favor do pobre ou do oprimido. O sofrimento alheio foi-lhe sempre indiferente...

— Mas fui religioso frequentei a Igreja — interrompeu a alma.

— Por comodidade, por ostentação e por amor ao belo — disse a alma. — Frequentou as grandes catedrais, para admirar a arte, o grandioso. Usou a religião como um adôrno. Se os seus lábios às vêzes murmuraram uma oração, foi com o espírito a vagar pelas coisas mundanas, sem pensar em Deus, e com os sentidos voltados para o esplendor das músicas sacras.

De vez em quando os grandes portões da Celeste morada abriam-se para deixar passar os anjos que entravam sem cessar, e a luz e os cânticos que jorravam magnificentes, mostravam à alma a bemaventurança que ela acabava de perder. E então, humilde e abatida, ela voltava os olhos súplices, ora para o anjo, ora para S. Pedro, que, penalisado, não sabia que fazer. Apesar de rude, seu coração era bom e generoso, como costumam ter os homens que vivem sempre em contacto com a natureza. E S. Pedro, na terra, fôra um pescador. O anjo tornou a erguer a voz.

— Entretanto, senhor, o principal responsável não foi êle. Foram seus pais que, à fôrça de quererem fazê-lo feliz, tornaram-no inconsciente. Não despertaram em seu coração o amor ao próximo. E, assim, êle não compreendeu nunca que a felicidade consiste mais em dar do que em receber, principalmente amor e carinho, duas coisas que nunca conheceu. Rico de mais para trabalhar, não encontrou em tôda a sua existência o interêsse que o labor desperta e assim sentiu todo o amargor de um viver inútil e ocioso. Não se sentindo necessário a ninguém, desconfiou sempre dos que dele se aproximavam julgando-os interesseiros. E embora nada lhe faltasse, nunca foi feliz, conquanto sempre procurasse aparentar que o era. Não conheceu a única felicidade verdadeira, a felicidade íntima.

A alma estava pasma. Como dizia o verdade aquêle anjo. Como lia o seu íntimo, como se fôra um livro aberto.

— Não posso recebê-lo — disse S. Pedro.
— Embora tudo o que me diz o seu anjo custódio cause profunda pena. Aqui no Céu não cabem almas sem ação.

A alma, desolada, retirou-se, rumo ao Inferno, caminhando vagarosamente, a fim de retardar a hora sinistra. De longe ouvia o chôro e o ranger de dentes que vinha das profundas. Nisso um bando de almas que passou em louca algazarra, envolveu-o completamente, arrastando-a.

Quando Satanaz o viu, riu sinistramente. Pelos espíritos bisbilhoteiros (e deles o Inferno está cheio) já tinha ciência do que se passara na porta do Céu. Foi logo gritando, desabridamente:

— Aqui não temos lugar para alma sem ação. Volte lá para cima onde há muito espaço vazio.

A alma respirou aliviada, embora não tivesse a mínima esperança de entrar no Céu. E Satanaz gozou ao pensar no apuro que colocara S. Pedro e, sobretudo, por saber que a volta do Inferno é sempre feita por um caminho pedregoso e cheio de cardos. Mas, mesmo assim, a alma caminhou impávida. Uma leve esperança começava a lhe acenar, e a esperança é o supremo alento, mesmo em ocasiões como aquela, em que tudo já parece perdido.

Fazendo a alma voltar, Satanaz tinha em mente afligir S. Pedro que, êle sabia, não podia recolher aquela alma no Céu. Era uma alma apagada. E somente aquelas que na terra tivessem sido pobres de espírito poderiam ser apagadas. Mas aquela não.

Ao ver a alma de volta, S. Pedro respirou aliviado. Desde que a mandara embora sentira-se horrivelmente angustiado. Via o sofrimento do pobre anjo que lamentava ter sido tão tíbio. Subitamente teve uma idéia, e chamou a alma ao pé de si.

— Como não podes ficar no Céu e nem no Inferno vou dar-te uma oportunidade. Talvez seja a única solução. Vais voltar à terra e levarás as duas sacolas que deverás encher somente de boas ações. Mas nota bem. Uma só má ação que pratiques tisnará tôdas as boas que tiveres praticado. E terás então que esvaziá-las e começar novamente.

E entregando-lhe um horrível calção e uma bata de lã vermelha, com uma grosseira bota, acrescentou:

— Para não seres reconhecido, levarás esta indumentária.

A alma fitou com expressão de horror e nojo aquêle esquisito vestuário. S. Pedro que na vida terrena fôra um homem do povo, e que vira na casquilharia com que aquela alma se lhe apresentara um pecado que era preciso combater, escolhera bem aquêles andrajos para combater a vaidade que tanto havia influenciado aquela vida. Vendo-a porém vestida teve dó e então, apanhando um pedaço de nuvem, disse-lhe:

— Toma, arranja com isto uma cabeleira e uma barba, e espera por aí, a algum canto, que venha a noite para desceres.

A alma sentou-se a um canto e abismou-se em dolorosos pensamentos. O que iria fazer na terra naquela triste condição, se em setenta anos, em condições muito superiores, nada conseguira fazer? E ainda mais, metido em tão ridícula vestimenta.

Lágrimas amargas de dor e arrependimento correram de seus olhos. E através das lágrimas, enquanto seu olhar vagava por ali, entreviu um amontoado de objetos que lhe chamou a atenção. Curioso, levantou-se e caminhou para o canto onde se achavam êsses objetos, no meio da maior confusão. Era uma miscelânia de flores, brinquedos, moedas, guloseimas. Ao lado de ricas bonecas, bruxinhas feitas de pano, sujinhas e maltratadas, como sujinhas e maltratadas deveriam ser as inocentes mãozinhas que um dia as havia aconchegado ao peito, de encontro ao coração, num transporte de amor e de ternura, como a primeira ilusão da vida que se não completara. Havia também bolas, gaitinhas, tambores, e mais uma infinidade de objetos, que os pequeninos anjos ao entrar no Céu ali haviam deixado, felizes e desapegados de tôda a lembrança da terra, para irem se transformar na substância imaterial e divina, que forma a legião de serafins que adeja sem cessar em tôrno de Jesus. Subitamente seus olhos deram com um objeto seu conhecido. Tomou-o nas mãos e ficou longo tempo a mirá-lo. Era, bem o reconhecia, um barquinho que lhe pertencera na já tão longínqua infância. Ali estava o seu nome gravado. Lembrava-se agora, com nítida clareza, do dia em que o recebera das mãos do velho guarda-portão do castelo que habitava então. O bom velhinho levara dias e dias trabalhando a faca naquele objeto para dar-lhe de presente no seu natalício, que era também o dia de Natal. E embora nesse dia houvesse ganho dezenas de ricos e vistosos brinquedos, nenhum lhe agradara tanto como aquêle. Para brincar com o barquinho, havia abandonado a festa e os convidados, a fim de ir pô-lo a navegar no lago do castelo, sem atender aos rogos dos pais e da aia, que receavam pela sua saúde, brincando na água quase gelada.

E, coisa interessante! Tantos anos haviam passado e êle ainda sentia a frialdade da água, frialdade que lhe subia pelo corpo imaterial e lhe causava uma dor aguda no lugar do coração, dorido. E essa dor que o magoava tanto era a dor da sua consciência que começava a despertar, lembrando-o como havia sido estupidamente egoista, a ponto de esquecer aquêle bom velhinho, que com certeza havia morrido pobre e desamparado, enquanto êle vivia no fausto e na riqueza.

Recordou-se de outros aniversários, num dos quais havia ganho um poneizinho, e passara tôda a tarde a cavalgá-lo pelas áleas do parque. Dois filhos do guarda haviam ficado tanto tempo expostos ao frio, com as cabecinhas descobertas para vê-lo galopar, que em consequência morrera um deles dias depois. Eram duas crianças grandes, de olhos tristes e assustados, que pareciam estarem sempre vendo coisas horríveis. E só agora êle compreendia que as coisas horríveis que viam essas crianças eram a miséria e a pobreza. E êle jamais dirigira uma palavra, um olhar sequer àqueles pobrezinhos, porque a sua educação de aristocrata não o permitia. E pensou então, como tendo vivido sempre na abastança, nunca lhe ocorrera distribuir um pouco das suas sobras, um só de seus brinquedos, o resto das mesas fartas, que tanta alegria e esperança poderia ter levado àqueles sempre desconsolados semblantes.

E onde andariam os outros brinquedos seus, ou que haviam sido seus? Naturalmente estariam de há muito destruídos pelos ratos, no quarto das arrecadações, onde eram recolhidos, quando êle se sentia enfarado dos mesmos. Ou então, talvez, algum empregado os houvesse levado para dar a algum filho ou a algum neto, como com certeza, acontecera com aquêle barquinho que agora lhe trazia tão tristes e amargas recordações. E reconhecia que a pessoa que o tirara não havia procedido mal, diante da sua criminosa e egoista inconsciência.

E então, sem saber por que o fazia, começou a recolher nas sacolas aquêles brinquedos. Mal acabara de enchê-las S. Pedro chamou-o para baixar à terra. A noite estava escura. S. Pedro, acomodando a alma numa grande nuvem, soprou-a em direção à terra.

Esta foi baixando lentamente, até que pousou à orla de uma floresta. Ao longe, o mar bramia. O resto era silêncio.

Nicolau (então já não era só a alma) desceu da nuvem e principiou a caminhar sem destino, até que foi parar em uma aldeia. Parou junto às primeiras casas, e viu ao longe uma capelinha de onde saíam rumores de cânticos e rezas.

De repente, os sinos repicaram, festivamente, e as vozes ressoaram mais alto e mais alegres.

— Noite de Natal — disse Nicolau —, a mais santa entre tôdas.

E chorou, vendo-se só e sentindo-se desamparado sôbre a terra.

Da capelinha, o povo começava a dispersar rumo às suas casas, com alegres rumores de despedidas. Depois tudo recaiu em silêncio.

Então Nicolau aproximou-se da primeira casa. Era pouco mais que uma choupana. Escutou a voz de uma criança que dizia:

— Mãe, é certo que amanhã vais levar minha cabrinha à feira para ser vendida?

DR. MOISÉS FISCH

ESPECIALISTA — Vias urinárias — Doenças de senhoras — Distúrbios sexuais — Esterilidade — Ondas curtas — Cirurgia. — Assembléia, 98, 7º andar. S. 73-74 — Diariamente das 10 às 13 e das 15 às 18 horas — Telefone 22-1548

PELAS estradas do CÉU

ANDRÉ MAX

O deplorável acidente que destruiu, em grande parte, um avião da VARIG próximo à cidade de S. Francisco de Paulo, Estado do Rio Grande do Sul, e que causou a morte de várias pessoas e pôs em perigo mais de vinte outros passageiros, é uma advertência aos que viajam pelos ares, quanto ao risco que oferecem certos líquidos inflamáveis, mesmo quando levados na maior boa fé.

O lutuoso acontecimento não foi uma resultante de defeitos no aparêlho nem descuidos de sua tripulação. O possante PP-VBI "Curtis Commander" foi vítima, com todos os seus trinta passageiros, de dolorosíssima imprudência de algum dos seus viajantes que conduzia, inadvertidamente, qualquer ácido facilmente inflamável em contacto com o ar.

Nos começos de nossa navegação aérea, costumavam os empregados de aeroportos, antes dos embarques, fazer uma ligeira inspeção nas valises dos passageiros, muitas vêzes retirando dali vidros com líquidos perigosos. Depois, naturalmente por maior confiança nos mesmos passageiros e desenvolvimento da aviação civil e comercial, essa praxe foi sendo relaxada, não se fazendo mais nenhuma pesquisa na bagagem dos que embarcam.

Uma coisa, porém, ficou provada nesse desastre doloroso. A competência de nossos aviadores, seu sangue frio, sua energia e imensa coragem diante do perigo. O nome do comandante Goetz Herzsfeld que dirigia o avião da VARIG, merece os louvores do presente e as glórias do futuro. Êsse jovem,



Eis aqui um tipo de avião que inspira romances de amor e dá vontade de uma viagem de lua de mel pelas nuvens

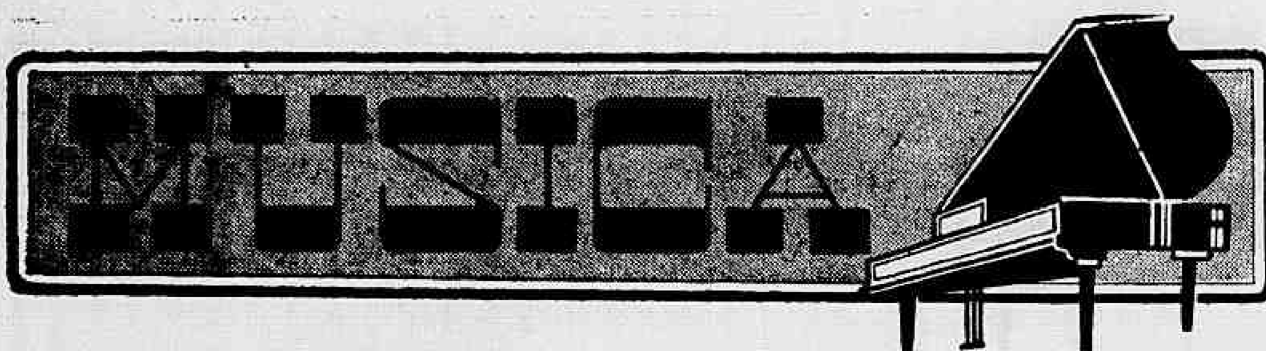
avisado do que ocorria, tratou de realizar uma aterragem de emergência em lugar improprio, já que lhe era impossivel alcançar melhor situação para pousar. Com os trinta passageiros aglomerados na proa, desequilibrando o avião, sem poder respirar pela densa fumarada que invadiu a câmara de comando, êsse comandante procurou inspirar confiança e calma aos mais nervosos e, com a cabeça do lado de fora do aparêlho, desceu e aterrou de maneira incrível, salvando os passageiros, embora já cheio de queimaduras!

Dizem que as mortes que houve foram resultado de precipitação de alguns passageiros que se lançaram do avião em momento ainda inoportuno, na ânsia de salvamento. Êsse aviador honra as tradições de bravura e valor técnico da grande família aeronáutica brasileira e merece as homenagens do povo como exemplo de forte personalidade e competência na carreira que abraçou.

★

A aviação comercial vai oferecendo certos aspectos curiosos. Segundo informações de Londres, acaba de verificar-se ali êste episódio absolutamente inédito: Um padre da igreja sueca de Liverpool celebrou há dias, em um avião, o casamento de uma sueca e de um marinheiro inglês, "que não podiam casar-se em terra". O fato é que a noiva não tinha o mínimo de quinze dias de permanência na Inglaterra, exigido pela lei para poder casar-se neste país. Acabara mesmo de chegar de sua pátria; e mais, o noivo estava na iminência de sair barra fora no seu navio. A atrapalhação se resolveu da seguinte forma: os noivos tomaram um avião, acompanhados do padre, e êste celebrou a cerimônia acima da baía de Liverpool e a mais de cinco quilômetros de distância do litoral inglês. Nesse ponto o casamento não estava mais sujeito, legalmente, às probições ou restrições inglêsas; era como qualquer casamento "em alto mar" ou, no caso, "em alto ar"...

Em face disso podemos também incluir o avião como veiculo que decide de dificuldades entre os que se amam e os levam através das nuvens até o sétimo céu da felicidade...



ARTISTAS NACIONAIS ★ PAULO FORTES, NADIR MELLO COUTO E DIVA PIERANTI ★ DESPEDIDA DE MAGGIE TEYTE

De ROBERTO LYRA FILHO
(Especial para a REVISTA DA SEMANA)



Nadir Mello Couto

Mais uma temporada lírica vem povoar o palco do Teatro Municipal com os vultos bem conhecidos dos personagens que integram o repertório tradicional. Aida, Tosca, Carmen...

O público assiste à estréia de artistas novos. Mas as antigas partituras mantêm o seu prestígio. As saborosas melodias de Verdi continuam vivas. Puccini ainda se faz ouvir — a apaixonada Tosca, a delicada e terna Mimi... Bizet traz o drama de Carmen. Massenet, Donizetti... Outros nomes acorrem, para completar a lista.

Mudam os intérpretes, mas ficam os papéis, prontos para a renovação constante, com cada cantor que os ressuscita, na série anual de espetáculos.

ARTISTAS BRASILEIROS

Das temporadas nacionais passaram à lírica oficial, que tem elenco selecionado, elementos que se destacaram: artistas brasileiros que podem, sem susto, aparecer ao lado de celebridades importadas, e não raro, levam vantagem no confronto.

Citemos alguns.

Paulo Fortes é um jovem barítono que cumpriu as profecias lisongeiras da crítica, feitas por ocasião de sua estréia. Quem acompanhou sua carreira, teve oportunidade de admirar o aperfeiçoamento crescente das qualidades logo demonstradas. Desde o desembaraço com que pisa no palco até a correção e o brilho da parte vocal, tudo indica o artista consciencioso, seguro.

Não quero esquecer um soprano que vem construindo sua carreira com uma série de sucessos merecidos: Nadir Mello Couto. A encantadora Mimi de temporada anterior já concorreu, recentemente, para o sucesso da Carmen, surgindo como Micaela, na ópera de Bizet.

Uma figura nova, que estreou recentemente, despertando a atenção da crítica e do público é Diva Pieranti. Muito jovem, cheia de vivacidade e elegância, é, seguramente, uma das grandes vocações que apareceram, ultimamente.

A voz não decepciona. Extensa, revelando boa escola, mostra-se à vontade sobretudo na interpretação de música leve e brilhante, como a que Puccini compôs para Musetta ou a que Verdi reservou para o pagem Oscar, no Ballo in Maschera.

Movimentando-se agilmente, Diva Pieranti deu a êste personagem um colorido todo especial, numa verdadeira criação vocal e dramática.

Impressiona, não somente pela segurança, na parte vocal, como pela riqueza do seu "jeu de scène". Êste chega ao requinte coreográfico, no último ato da ópera, quando ela canta e dansa, ao mesmo tempo.

Não pretendo organizar uma lista completa dos novos elementos da nossa cena lírica, deixaremos para outra oportunidade o comentário que merecem alguns outros artistas contratados.

UM NOVO FAUSTO

Num verdadeiro milagre de conservação, a cantora inglêsa Maggie Teyte, depõe a crítica de vários países, conserva, ainda, aos sessenta anos, a mesma voz fresca e suave. Sua arte cada vez mais burilada, mais requintada, continua a prender a atenção das platéias que a ouvem.

Há vários anos que ela vem anunciando sua intenção de recolher-se a uma aposentadoria desoladora, mas sempre muda de idéia. Já falava em abandonar o teatro lírico quando, no Pelleas et Mélisande, de Debussy, cantado nos Estados Unidos, obteve um dos maiores sucessos de sua carreira. Isso aconteceu há alguns anos...

As notícias que nos chegam da Inglaterra mostram que, apesar dos reiterados propósitos de encerrar suas atividades artísticas, Maggie Teyte continua a fazer projetos e a organizar concêrtos. A iniciativa mais recente à qual emprestou o prestígio de seu nome foi uma nova versão do Fausto, de Gounod. Num recital, depois de cantar várias canções de Fauré, Duparc e outros compositores franceses, ela incluiu uma audição do Fausto, na interpretação de elenco por ela mesmo selecionado. Os trechos selecionados eram ligados por uma narrativa, em verso, escrita especialmente para a ocasião por Stephen Spender. Maggie Teyte limitava-se a declamar a poesia de Spender.

Foi um sucesso o espetáculo. A imprensa, Maggie Teyte declarou:

— "Estou ficando fatigada. Os srs. sabem que não sou lá muito moça... Assim, em recitais como êste, poderei manter o contacto com o público..."

Sem pensar mais em afastar-se do povo, que a admira e aplaude há tantos anos, Maggie Teyte prepara uma forma nova de recital, que a conserve ligada a êsse público, poupando-lhe a amargura de assistir à inevitável decadência de uma voz belíssima.



Paulo Fortes

— Sim, filhinha — respondeu a mãe —, preciso vendê-la, já nada temos para comer. Faltam ainda alguns dias para receber o meu salário, e envergonho-me de pedir mais farinha emprestada aos vizinhos. São pobres como nós e não devemos importuná-los com as nossas necessidades.

— Mas não podíamos passar com o leite da cabrinha êsses dias que faltam? Eu quase não tenho fome... ah! mãezinha, que triste foi o pai morrer. Mas logo hei de crescer, mãe, e então ajudarei...

— Deus é Pai, minha filha,e sabe o que faz; não devemos clamar contra a Sua santa vontade. Aceitemos as provações que Êle nos manda. O leite da cabrinha é fraco, e teus irmãozinhos chorariam por pão. Depois, quando puder, hei de comprar outra cabrinha ainda mais bonita para ti.

— Mãe, e se eu fosse à vila amanhã e pedisse, dizendo que somos muito pobres?

— Cala-te, filhinha. Sabes lá o que é pedir? Antes de abrires a bôca fugirias envergonhada. E se te ofendessem com palavras duras, como me doeria o coração, filha, ao saber-te humilhada. Mas dorme, filhinha, é tarde.

Fêz-se uma pausa. Novamente se ouviu a voz da criança.

— Mãe? E se pedíssemos a êsse Jesus que acaba de nascer e veio ao mundo para salvar os homens? Êle não nos viria acudir?

— Talvez viesse, filha, mas os homens maus haviam de persegui-lO e maltratá-lO outra vez, e tu não quererias vê-lO sofrer por tua causa... mas reza. Reza e dorme. E' tarde e pela madrugada tenho que ir à feira.

Novamente fêz-se silêncio, e dentro dêsse silêncio ouviu-se um soluço, não se sabe se do coração amargurado da mãe, do peitinho opresso da criança ou do íntimo da alma de Nicolau, que, junto à porta, abismava-se em dolorosos pensamentos.

O que? Então naquela noite santa havia boquinhas sem pão e corações como o daquela mãe, angustiados de dor e apreensão... e de uma dor tão fácil de ser remediada? E homens, como êle fôra, gastavam essa noite em prazeres vãos, sem pensar nos pobrezinhos, nos humildes, sem lhes ocorrer sequer que uma parcela mínima do que despendiam em suas festas poderia socorrer criaturas de Deus, que choravam por um bocado de pão?

A pensar, esperou algum tempo,até que pelo ressonar tranquilo percebeu que estavam todos adormecidos. Devagar, empurrou a porta e entrou.

Eram tão pobres que não precisavam trancá-la com receio de ladrões.

Chegou junto ao fogão que estava frio, como se há muitos dias não tivesse lume. Então, abrindo as sacolas, retirou delas o que havia de mais bonito, os mais lindos e variados brinquedos, e foi depositando com cuidado, sem fazer o mínimo ruído, sôbre o fogão.

E, interessante! Tudo estava renovado e brilhante como se fossem novos. As moedas então pareciam estrelinhas apanhadas no firmamento.

Depois Nicolau dirigiu-se para a porta, mas ao alcançá-la sentiu um leve roçar. Abaixou-se para ver e ouviu um meigo balido da cabrinha, que o olhou como se estivesse agradecendo.

Saindo dali, Nicolau encaminhou-se para outras casas, e em tôdas penetrando ia deixando sôbre os fogões uma dádiva oportuna.

Já em meio da aldeia, ouviu vozes, numa casa. Parou e ficou à escuta.

— Amanhã irei ter com os patrões e pedirei um adiantamento para chamar o médico e comprar os remédios para nossa filhinha, e, se como da outra vez, negarem, eu gritarei tanto, ameaçarei tanto que hão de temer — dizia a voz de um homem.

— Cala-te — respondeu a voz meiga da mulher. — Com ameaças nada conseguirás. A violência é sempre prejudicial, e poderás até perder o emprêgo.

— E então eu me vingarei...

— A vingança só nos tornaria mais desgraçados. Devemos aceitar a sorte que Deus nos deu. Êle é o Pai, e sabe o que faz...

— E se eu não agir, nossa filha morrerá.

— Irei à igreja, e pedirei tanto à Virgem que ela se condoerá. E se for da vontade de Deus que ela morra, aceitemos os seus designios, e quem sabe se será para livrá-la de uma sorte infeliz. E dizem que os que morrem nesta santa



Maria da C. P. Gama (Pôrto Alegre) — Aprovado o seu conto "A Carta Mentirosa".

Neyde Jopper (Petrópolis) — "As Broas de Milho" vai sair.

Maria Thereza M. de Souza (S. Leopoldo, R. G. do Sul) — Idem com o seu "Revelação".

General Electric — Depart. de Propaganda (Rio) — Recebemos a folhinha. Agradecidos.

Belinda (Belo Horizonte) — Nada tem que nos agradecer. Vamos verificar o que há com aquêle conto. Quanto à sua sugestão, o assunto tem sido objeto de cogitações desta REVISTA.

Fred (S. Luiz — Maranhão) — Não pôde ser aproveitado o seu conto "O Canavial". Procure melhorar seu português.

W. G. Almeida (Goiânia) — Muito pequeno o seu conto "Um verdadeiro amigo". Leia, por favor, as condições para remessas e aceitação de contos que esta REVISTA publica sempre.

Lahira (Niterói) — Seu trabalho "O Espêlho Mágico" também está muito curtinho. Naquela qualidade de papel e com aquêle espaço, pode encher seis fôlhas.

Nina Albuquerque (Rio) — Quando a senhorita escrever para a imprensa não se esqueça de que só deve fazê-lo numa só face do papel. Seu conto "Estava na massa do sangue" veio escrito em ambos os lados e, por êsse motivo, não pôde ser aproveitado.

L. A. M. (Rio) — Seu conto "João da Silva", além da pobreza do título, absolutamente inexpressivo, não possuía uma particularidade indispensável em tais produções literárias: objetivo, conclusão interessante. Veja se manda um outro. Você tem jeito para a narrativa.

M. L. (Rio) — Muito fraquinho o seu "Vingança". E do mesmo mal sofre o outro "Estranha Loucura". Mas continue.

M. A. A. M. (Rio) — Não foi possível aproveitar "O Bom Lourenço". Mande outro e evite a linguagem matura em excesso.

G. A. F. (Londrina, Paraná) — O preço do exemplar é de Cr$ 3,00, para todo o Brasil. A venda por Cr$ 3,50 é abuso. Não pague. Tome uma assinatura diretamente.

Sebastião de Assis P. de Souza (Recife) — Não temos o endereço do sr. Arthur Jollenbeck. Aquela notícia a obtivemos através de noticiário da imprensa do Rio, sem maiores detalhes.

O. O. P. B. (Rio) — Não temos oportunidade no momento.

Luis G. de Carvalho (Rio) — Recebemos. Aguarde.

A. C. (Rio) — Muito pequenino o seu conto "As mãos".

DENÚNCIA

Recebemos do sr. Raimundo Araújo, residente nesta capital, na rua Almirante Alexandrino, 976, a seguinte carta:

"Rio, 8-8-49 — Ilmo. Sr. Redator da REVISTA DA SEMANA. — Lendo a vossa conceituada revista, nº 32, de 6-8-49, no conto selecionado "Sonata ao Luar", página 42, da autoria de O. L., deparei com o plágio feito pela autora do referido conto. Trata-se, senhor redator, de um verdadeiro acinte aos leitores que, como nós, estão a par das inúmeras publicações, principalmente dos novos, em nossa terra.

O plágio a que aludimos acima, praticado por O. L., foi tirado do livro "Tetracorde", publicado em Fortaleza, em 1948. Para melhor conhecimento e juízo de V. S. anexamos a esta as poesias de Jandira de Carvalho enfeixadas em "Tetracorde", das quais cinicamente foram copiadas estrofes completas, estrofes estas que sublinhamos de vermelho. A bem do bom nome literário de vossa revista esperamos as justas providências. Atenciosamente, (a) Raimundo Araújo.

CORPO ESBELTO E FACEIRO!...

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO, que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna

À venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE, USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquillagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor

(Exigir a embalagem verde)

E LEMBRE-SE QUE O SEGRÊDO DE UMA LINDA CABELEIRA SEM CASPAS E

CABELOS BRANCOS

ESTÁ EM

EUTRICHOL ESPECIAL

EXPERIMENTE-O E VERÁ

MULTIFARMA

PRAÇA PATRIARCA, 26-2.º
S. PAULO

Remessa pelo Reembolso Postal

HEMORRÓIDAS E VARIZES

Hemo-Virtus

USE A POMADA NO LOCAL E BEBA AO MESMO TEMPO O LIQUIDO

a BELEZA DOS SEIOS **BÉL - HORMON**

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº .....

NOME ....
RUA .... Nº .....
CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 35,00

Publicidade para A CENA MUDA em São Paulo: — Rua Álvares Penteado, 180, Sala 502 — Telef.: 3-2649

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam

noite vão acordar nos braços da Virgem Maria.

Nicolau está abismado. Só então conhecia a verdadeira fé. Esperou que dormissem e depois penetrou na casa, onde foi pródigo na distribuição de moedas e brinquedos. E continuou pela aldeia tôda a distribuir o que trazia nas sacolas, e, coisa curiosa, quanto mais as esvaziava, mais coisas encontrava para tirar, e mais leves se tornavam as sacolas. Por fim já não era Nicolau que as carregava, elas é que deslizavam suavemente, levando-o pelos campos, pelas choças, e até pelas grutas dos pastores.

Enquanto isso, no Céu as estrêlas iam esmaecendo. As nuvens tornavam-se róseas e as águas do mar, que divisava ao longe, marulhavam verdes como sonhos de esperança, rendilhando a praia de alva espuma.

O orvalho nas flores, banhado pelos tons prateados do luar que desaparecia para dar lugar ao rosicler que surgia, com a aurora, tinha um reflexo irizado, como se fossem milhares de pedras preciosas que um nababo, num momento de magnificência, houvesse atirado a esmo sôbre a natureza.

A brisa, passando entre o arvoredo, trazia o sussurro das vozes dos pássaros, que começavam a afinar seu diapasão. E então, como que regida por maestro invisível, da mata rompeu um hino, como uma saudação ao sol que por trás do mar espargia seus raios em direção à terra, como uma bênção ao dia que acabava de nascer.

E nesse instante, arrebatado da terra e levado ao Céu pelas sacolas que haviam crescido incomensuravelmente, tornando-se leves, diáfanas e coloridas de tôdas as nuances, com qualquer coisa de divino, Nicolau viu-se aos pés do Senhor e escutou um côro de louvores, entoados por tôda a Côrte Celeste.

Ao lado, nos braços da Virgem, o Menino Jesus contemplava, por uma fresta aberta entre as nuvens, a aldeia em que Nicolau havia passado algumas horas daquela noite.

E S. Pedro ,tomando-o pelas mãos, conduziu-o junto a Jesus para que êle pudesse contemplar a sua obra.

Em tôda a aldeia o povo exultava de alegria. Velhas avozinhas de lábios trêmulos murmuravam orações e, agradecidas, passavam os rosários pelas mãos, sentindo as lágrimas correrem pelas murchas faces, emocionadas com o milagre que acabavam de presenciar. Homens sisudos e graves punham os joelhos em terra e descobriam-se reverentes, erguendo para o Céu os olhos transbordantes de uma nova Fé.

Nos caminhos, as pessoas que se encontravam abraçavam-se jubilosas numa grande confraternização, esquecidos os rancores, numa bela demonstração de Paz e Amor.

À porta de uma choupana, uma jovem mãe olhava cheia de novo alento três crianças que devoravam sofregamente doces e bolos, tendo os olhares extasiados na contemplação de lindos e ricos brinquedos, com os quais jamais ousaram sonhar.

Sentada à soleira de uma porta, uma menina abraçada a uma cabrinha tentava amarrar-lhe em volta ao pescoço uma fita azul, cantando radiosa:

Jesus me ouviu...

Jesus é bom...

E então Nicolau, explodindo em soluços, prostrou-se aos pés de Deus e implorou:

Senhor! Vós que por intermédio do Vosso Santo Apóstolo, destes-me a conhecer a felicidade que se pode possuir, e o bem que se pode fazer com um pouco de amor ao próximo, permiti que a obra que esta noite comecei possa continuar por tôda a eternidade, deixando com que baixe à terra tôda a Santa noite em que se comemora o nascimento do Vosso Divino Filho, para que leve à pobre humanidade um pouco de alegria e de confôrto... Tocai o coração dos homens para que se congreguem, a fim de que nesta Santa Noite não haja bôcas sem pão, lares sem paz e corações sem alegria. E, sobretudo, Senhor, iluminai o espírito dêsses homens de boa vontade, fazendo com que me substituam onde, porventura, eu possa faltar. Esta veste, que recebi como castigo da minha vaidade, permiti, Senhor, conservar como glória, para mais fácil ser reconhecido no coração dos pequeninos em que quero viver, pois aprendi que a maior honra e alegria que se pode almejar é praticando o Bem, viver nos corações dos inocentes.

— FIM —

O preço desta revista para venda ao público, em qualquer parte do território nacional, é de Cr$ 3,00.

Aos distribuidores é concedido um desconto que dá margem ao respectivo lucro dentro daquele preço mencionado na capa.

ZEFERINA

"A POPULARISSIMA"

envia para todos os cantos do Brasil, pelo REEMBOLSO POSTAL, CALÇADOS GARANTIDOS, ANATOMICOS E ELEGANTES DE SUA EXCLUSIVIDADE, POR PREÇOS INFIMOS

ZEFERINA

AVENIDA AMAZONAS, 753
Fone: 2-3851 - Belo Horizonte



Modêlo BALLET-ZEFERINA À prova de grande durabilidade. Solado chispa de fogo, borracha leve maleabilíssima. Vaqueta marron e havana De ns. 33 a 38 - Preço: Cr$ 129,00



Modêlo WINDSOR Distinção, nobreza e durabilidade. Inteiriço, fivela niquelada. Elegante anabela de borracha. De ns. 33 a 44. Preço: Cr$ 145,00

Modêlo ANABELA Garantia absoluta. Vaquilhona, havana e marron, solado de borracha. De ns. 36 a 44. Preço de abafar: Cr$ 129,00



Modêlo NORMANDO Impecável vira francesa. Todo feito à mão, extra leve, fôrma anatômica, salto de borracha. Preto e marron. De ns. 36 a 44. Preço: Cr$ 165,00

Modêlo CASTELO Ótimo para homens elegantes. Inteiriço de sola de borracha, fivela niquelada.



De ns. 36 a 44. Preço: Cr$ 120,00

Modêlo SIDNEY Um calçado para tôdas as horas. Um calçado que todos querem. Inteiriço e fortíssimo. De ns. 36 a 44. Preço: Cr$ 100,00



E VAREJO
ATACADO

Compre pelo REEMBOLSO POSTAL na

ZEFERINA

"A POPULARISSIMA"
ACEITAMOS REVENDEDORES
O nome "ZEFERINA" é uma garantia
Av. Amazonas, 753 — Belo Horizonte

Pasta Dentifrícia
S.S.WHITE
O DENTIFRICIO INDICADO PARA HIGIENE E CONSERVAÇÃO DOS DENTES

DESILUDIDO DA POLÍTICA

(Cont. da pág. 57)

dá-lo lançar ao mar. E, ralado de desgostos e aborrecimentos, nunca mais empunhou a espada gloriosa. Nove meses depois da renúncia, em 23 de agôsto de 92, morria desiludido da política, ferido no mais fundo do coração pela ingratidão dos seus concidadãos, abandonado pelos pretensos amigos que tanto o tinham aplaudido na arrancada brilhante do 15 de novembro de 89, e, era sepultado à paisana, conforme seus desejos, sem as honras militares do estilo.

Do Fundador também pode ser afirmado, que, tendo morrido pobre e governado o Brasil num período em que muitos se tornaram milionários, exerceu, sem sombra de dúvida, a ditadura da honestidade!...

"PREMIÈRE" A ZERO GRAUS

(Cont. da pág. 17)

lasz (o grande Bela, hoje morto) e Gezá Radványi imprimiram ao argumento, um argumento que apresenta uma propaganda dirigida em prol da Liberdade, da boa vontade entre os homens, e da salvaguarda dos direitos da infância. "Em qualquer parte da Europa" é, no entanto, uma dura lição de humanidade e de paz. Neste ponto Radványi alcançou o seu objetivo. Artìsticamente seu filme decresce um pouco na segunda metade. Mas a obra artística de Radványi estava salva no início notável, com os cortes rápidos e sempre brilhantes, a fotografia preciosa e bem enquadrada de Baranabas Regyl, e a música especial de Daned Buday, sempre oportuna e magnífica. Com um ritmo intenso e vibrante, "Em qualquer parte da Europa" nos dá algumas cenas de grande beleza plástica e emocional. Neste ponto podemos destacar todos os quinze minutos iniciais, o assalto ao castelo, o festim no castelo, com os garotos bêbedos querendo enforcar o velho, a cena dos enforcados na árvore deserta da planície, e a cena final da morte de "Kuksi".

NOTAS FINAIS

E finalizando estas notas rápidas em tôrno da avant-première de "Em qualquer parte da Europa", convém frisar que a citada película foi a única a ser patrocinada até agora pelo Conselho Cinematográfico das Nações Unidas. Todos aquêles que a assistirem devem se lembrar que aquilo que estão vendo é um documento dramático de uma época caótica. E convém ter em mente as próprias palavras de Géza Radványi:

"A maior parte dos meninos que atuam em minha película interviram, direta ou indiretamente, no drama que apresento. De modo que não era eu quem tinha que dizer-lhes o que deviam fazer perante a câmera, mas êles é que me diziam como haviam feito, como tinham visto fazer e como lhes haviam contado. Não é uma invenção; é uma reprodução da vida que inquietará aos responsáveis pela direção do mundo".

Para a saúde e a beleza dos seus cabelos!


LOÇÃO TÔNICA MAC BIR
Um produto cientificamente preparado
A LOÇÃO TÔNICA MAC BIR é o mais poderoso revitalizador capilar. Medicinal à base de vegetais, seu uso constante é uma garantia de saúde para o couro cabeludo, eliminando a caspa e a seborréia, evitando e detendo o embranquecimento e a queda dos cabelos!
A venda nas boas farmácias, drogarias e perfumarias — Preço Cr$ 35,00
Atendemos também pelo Reembôlso Postal
1 VIDRO Cr$ 40,00 - 3 VIDROS Cr$ 100,00
6 VIDROS Cr$ 192,00 - LIVRE DE PORTE
Pedidos à
Caixa Postal 4.272 - RIO - D. F.

O SORRISO DE GIOCONDA

(Cont. da pág. 54)

— Não, não! — esbravejou a moça. — Percebo claramente o seu intento: quer que eu fale enquanto estiver inconsciente, não é? Mas não irei, não!

O receio de Janet de ser hipnotizada confirmou ainda mais a suspeita do doutor. A assassina de Emily era Janet Spence!

Na véspera da execução, Doris procurou a velha amiga do marido, suplicando-lhe que desmentisse o que afirmara no tribunal. Se Janet depusesse que a doente falara em suicídio, era provável a absolvição de Edward. Janet, encolerizada, tratou-a com rispidez, ofendeu-a impiedosamente e expulsou-a da casa.

O enforcamento deveria ser as oito horas da manhã e o dr. Libbard passou a noite inteira com Janet, que não conseguia dormir. O médico cogitava uma maneira de esclarecer o assassinato, e adiantou uma hora o relógio da sala, sem que Janet percebesse. Quando o relógio bateu oito horas, a moça teve um acesso histérico, sentindo-se sumamente feliz com a morte do ex-amigo. O médico, pretextando-lhe a insônia, injetou um narcótico, e sob a ação dêste, Janet confessou seu tenebroso crime. Despejara arsênico no café de Emily, para poder se casar com Edward. Entretanto, êste não a amava e desposou Doris. Desde então todo seu amor transformou-se em ódio e seu pensamento único era desfazer a felicidade de ambos.

Após a confissão, o dr. Libbard telefona para a Penitenciária e delata a ré Janet Spence.

A Justiça foi feita a tempo.

FIM

★

"Sorriso de Gioconda", a terceira peça da temporada de Dulcina neste ano, é o mesmo tema que vimos no filme "Vingança Pérfida", tendo Charles Boyer, Jessica Tandy e Ann Blith, nos papéis de Edward, Janet e Doris, respectivamente. Nesta peça, Aldous Huxley faz um interessante estudo psicológico, tendo como objeto a estranha Janet Spence. Nessa observação, o autor constrói magnìficamente a sua obra, compondo minuciosa e perfeitamente o caráter da sua personagem. Ao lado de Janet, aparecem com a mesma nitidez o marido acusado injustamente do assassinato da espôsa, a infantil Doris, que se esforça para adptar-se ao nível cultural do marido, a enfermeira que detesta os homens, e o médico-detetive, que esclarece o crime.

Quanto à interpretação, o nível foi bem superior às outras peças da presente temporada.

Dulcina encarnou "Janet Spence" e seu trabalho satisfaria plenamente se a atriz se abstivesse de alguns exageros, como no 3.º ato, demonstrando a impaciência e nervosismo, roda o bracelete com a mão. Nessa cena, o preocupação de girar o bracelete é mais visível que o verdadeiro estado de espírito da personagem. Mesmo assim, tem um grande papel e consegue grandes cenas quer pela plasticidade da voz, quer pela grandeza dos gestos.

Odilon apareceu desta vez muito melhor; isso não quer dizer que seu desempenho tenha sido perfeito, pois algumas vêzes deixa de ser "Edward" para se transformar em Odilon. Contudo, seu personagem está aceitável, com passagens que primam pela naturalidade, entre as quais o diálogo que tem com Janet no 1.º ato e sua conversa com "Libbard" no segundo.

Nicette Bruno esteve ótima. Todo seu trabalho, principalmente nos 2.º e 3.º atos, foi revestido de fidelidade invulgar em atrizes jovens. Sua "performance" superou a tôdas as atuações anteriores

Graça Mello foi o "Dr. Libbard" e seu desempenho foi marcado com a mesma sobriedade e segurança já demonstradas em peças anteriores.

Jorge Diniz e Suzana Negri, perfeitamente equilibrados nos "General" e "Miss Braddock", respectivamente. De um modo geral, o conjunto agradou e esteve mais homogêneo do que nas outras representações.

Quanto à direção de Dulcina há certos exagêros, entre os quais o tipo de Doris que, para expressar sua infantilidade, abusa dos risinhos.

A chuva apresentada no 2.º ato está otimamente elaborada, e todos os recursos empregados satisfazem plenamente.

Os cenários de Valentim e Gilberto primaram pelo bom gôsto e foram bem executados por Luciano Trigo.

Sintetizando, "Sorriso de Gioconda" é uma peça com grande interêsse, otimamente montada, que marca o retôrno do bom teatro à Companhia de Dulcina.

TRÁGICO CIRCUITO

(Cont. da pág. 5)

Com o desgovêrno de sua barata ainda saíram feridas algumas pessoas da assistência, inclusive um guarda-civil, o de número 843, tendo mesmo corrido a notícia de que havia morrido também, o que não se confirmou, felizmente.

Tendo-se verificado que, ao aproximar-se o fim da disputa o povo estava desobedecendo as ordens da polícia e invadindo perigosamente a pista, o Chefe de Polícia ordenou que se encerrasse a corrida ao completar-se a nona volta, o que ocorreu quando estava Francisco Landi à frente de todos.

Coube-lhe, pois, o prêmio de Cr$ 50.000,00, além do bronze "Otacílio Negrão de Lima". Os demais classificados foram: Francisco Marques, Gino Bianchi, Amaral Júnior, Rafael Gargulio, Aurélio Ferreira e Antônio Serra.

Terminou, pois, tràgicamente o Circuito da Pampulha em Belo Horizonte, com um morto e outro com a perna direita amputada.

Contra o esgotamento físico e mental!
VINHO DA VIDA
VINOVITA
RENOVADOR DAS FORÇAS
Tônico poderoso

CASPA! CABELOS BRANCOS!
use LOÇÃO XAMBÚ
CABELOS BRANCOS OU GRISALHOS VOLTAM À SUA CÔR NATURAL.
ELIMINA A CASPA - EXITO GARANTIDO.
LABORATÓRIO — Rua Souza Dantas nº 23
Pedidos pelo Reembolso Postal — Rio de Janeiro

Nº 20

A MULHER SCARLET INVISIVEL

POR RUSSELL STAMM







MALIGNATNT PEDE LICENÇA PARA RETIRAR-SE POR UNS POUCOS MINUTOS E DEMORA QUASE UMA HORA







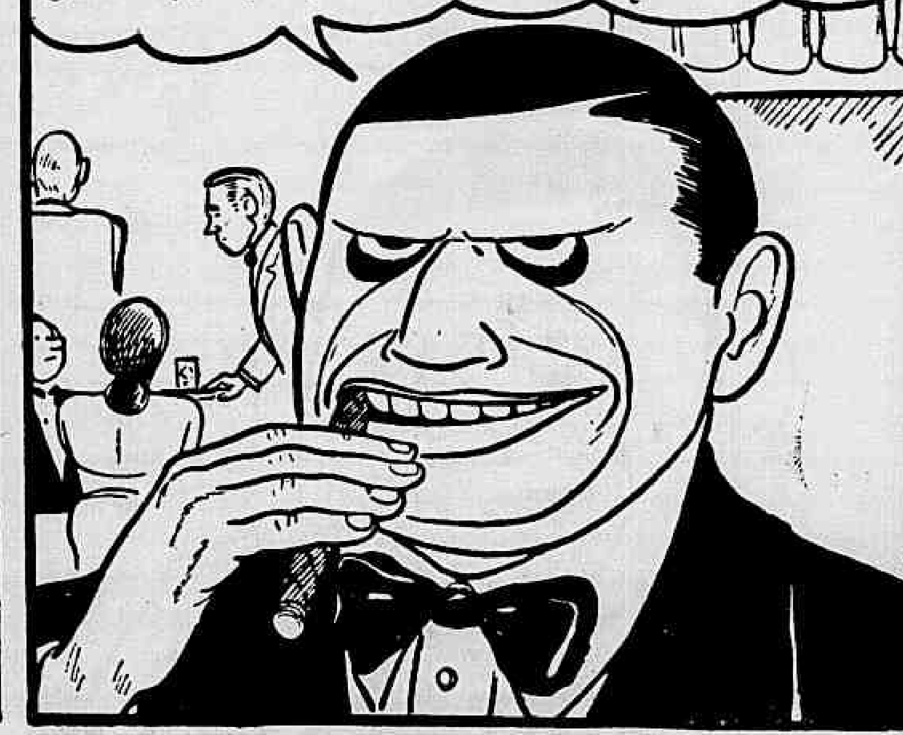


NÃO SABENDO ONDE ESTÁ, SANDY PRESTA ATENÇÃO A TODOS OS RUIDOS.









O SORRISO DA GIOCONDA

JOSÉ FOMM



Janet revela o grande amor que lhe dedicava. (Dulcina e Odilon)

— Levarei estas groselhas a Mrs. Hutton — disse a enfermeira levantando-se da mesa.
— Não acho aconselhável — replicou Mr. Hutton.
— Asseguro que lhe não fará mal. A pobrezinha gosta tanto..
Quando a enfermeira saiu Edward comentou com Janet Spence, sua velha amiga, que o dr. Libbard havia proibido que Emily comesse groselhas. Entretanto a enfermeira estava há longos anos com a doente e dedicava-se de corpo e alma a sua cliente.
Terminado o almôço, a criada leva o café à mesa, e é Janet que o serve.
Como a enfermeira comentasse estar atrasada para tomar o ônibus, Edward se oferecera para levar a xícara para sua espôsa, pois era o dia de folga da enfermeira. Esta praguejou contra os homens e saiu.
Janet permanece alguns minutos sozinha e se prepara para sair quando surge uma jovem de dezoito anos, que se espanta ao ver Janet. Edward, voltando do quarto de Emily, fica meio embaraçado e apresenta a jovem como coletora de uma associação beneficente para Crianças Aleijadas. Quando Janet sai, Edward repreende sua amante Doris pela vinda inesperada. Esta, às gargalhadas, explica:
— Perdão, querido, mas não pude resistir a tentação de vir. Mas você teve presença de espírito e essa moça engulíu a pílula. Vamos ao nosso passeio?

★

Edward ao entrar de madrugada em casa, surpreende-se com o dr. Libbard repousando no sofá.
— O que houve, doutor, Emily piorou?
— Sua espôsa, meu caro, faleceu há poucas horas — respondeu gravemente o médico Procurámô-lo em casa dos Johnson mas você não estava lá...
Edward, profundamente abatido, ouve as recriminações do doutor sôbre o seu procedimento. A espôsa estava doente e êle chegando em casa altas horas da manhã. Arrependido, escreve uma carta a Doris, rompendo as relações existentes entre ambos, e incumbe o médico de pô-la no correio.
Logo depois chega a enfermeira Braddock que, ao saber da morte de Mrs. Hutton, cai em efusivo pranto.
— Você é a culpada — grita Edward — foi você que lhe deu as groselhas!
Dr. Libbard censurou a enfermeira e não compreendeu como desobedecera suas ordens, pois sempre fôra muito competente e escrupulosa. Ameaçou levar o fato às autoridades, o que ocasionaria, fatalmente, a cassação da carta da profissional. Janet, que necessitava de uma enfermeira para o General Spence, seu pai, pede ao médico não tomar tal medida, e o doutor aquiesce, conquanto Miss Braddock vá servir em casa dos Spence.

★

Com a morte da espôsa, Edward viajara. Agora, após alguns meses, regressa a Windsor, e enquanto fôra a sua casa que se encontrava em reformas, surge Janet:

DISTRIBUIÇÃO:

Edward Hutton	ODILON
Janet Spence	DULCINA
Enfermeira Braddock	SUZANA NEGRI
Doris Mead	NICETTE BRUNO
General Spence	JORGE DINIZ
Dr. Libbard	GRAÇA MELLO

Ação: Arredores de Windsor — Inglaterra

★

— "O fato de dirigirmos um galanteio ou um cumprimento a certas mulheres pode expor-nos às piores catástrofes. Num momento de lisonja meio irônica, Edward Hutton, rico, galante, disse a Janet Spence, solteirona de 35 anos, que ela possuía o sorriso de Gioconda. Janet supôs que Hutton a amava e que, se não lho dizia mais claramente, era por ser casado.."

— Edward, como vai você?
— Que agradável surprêsa, Janet. Como adivinhou que estava aqui se cheguei inesperadamente?
— Vinha passando por perto, e vendo luzes vim saber o que se passava
A chuva começou a cair torrencialmente e os relâmpagos cortavam o céu. Após alguns minutos, Janet resolve confesar-lhe o amor que alimentava por êle há tanto tempo. Edward, confuso e surprêso, declara:
— Em minha viagem a Cornwell casei-me com Doris Mead.
Janet estremece e procura disfarçar sua transbordante ira.
Logo depois chegam a enfermeira e o General Spence, em sua cadeira de rodas. Janet conta-lhes a novidade com visível ironia.
O telefone toca e Edward o responde. Era sua espôsa que lhe pedia que a fôsse buscar, pois tinha ido fazer umas visitas de bicicleta e com a chuva não podia voltar sozinha. Edward pede aos visitantes que esperem um pouco a fim de conhecer Doris.
Quando Edward sai, a enfermeira comenta felinamente:
— Há pouco tempo ficou viúvo e já casado novamente.
Enquanto o General cochila na cadeira de rodas as duas tecem comentários acêrca do rápido casamento.
— Tenho a certeza de que Mr. Hutton já vivia com essa mulher enquanto a espôsa era viva. Os homens são uns porcos, só pensam em sexo e nada mais.
— Não teria sido um casamento forçado? — insinua Janet maldosamente.
— Talvez... e nesse caso é estranho que a morte da espôsa se tenha verificado justamente quando seria necessário um novo casamento... Isso me dá a impressão de um assassinato... quem me diz que não é o próprio Mr. Hutton que a matou...?
— Isso é absurdo — replica Janet.
— Não sei, mas é curiosa a coincidência, miss Spence. E repare que êle imediatamente lançou a culpa nas minhas inofensivas groselhas... E ainda mais, a questão que êle fêz de levar o café para a mulher justamente no dia em que ela morreu. Lembra-se?
Minutos depois chegam Edward e a espôsa. Janet logo a reconhece:
— Já nos conhecemos, querida. As crianças aleijadas, recorda? Boa pilhéria aquela, não foi?
— Realmente, foi muito divertido — responde Doris rindo.

★

A suspeita de miss Braddock levou o caso às autoridades e foi resolvido fazer autópsia no cadáver. Isso veio prejudicar os planos do jovem casal, que pretendia viajar pelo estrangeiro. Edward estava aborrecido, mas nada temia. Entretanto, o resultado dos médicos revelou envenenamento com arsênico.
Assim que soube do laudo médico, Janet visita Doris e insinua o crime de Edward. A infantil Doris, então, fica desesperada e maldiz o momento em que conheceu o espôso.



Janet Spence faz a estranha confissão ao dr. Libbard (Dulcina e Graça Mello)

— Sim, fôra ela a razão indireta do assassinato de Emily. Se Edward não a tivesse conhecido não teria cometido o crime! — julga Doris.
Janet, que tinha umas cápsulas entorpecentes para insônia, dá uma pílula a Doris para acalmá-la, e propositadamente, ao sair, esquece o tubo em cima da mesa.
Quando Edward chega, Doris não esconde seu aborrecimento; enquanto o marido tenta tranquilizá-la, esta, chorando, diz:
— Por que você fêz isso, meu amor, por quê?
Edward ao perceber que sua mulher pensava que êle fôra o matador de Emily, desespera-se com Doris e sai de casa.
A ingênua espôsa, alucinada, ingere o tubo inteiro de cápsulas que Janet "esquecera".
Felizmente, o dr. Libbard chega a tempo de salvá-la, e desfaz tôda a suspeita de Doris. O jovem casal, arrependido, faz as pazes e os dois beijam-se felizes.

★

Enquanto isso, no tribunal, a enfermeira acusa Mr. Hutton de assassino. A defesa baseava-se no suicídio, mas a surprêsa é geral quando Janet Spence depõe que jamais ouvira de sua amiga qualquer insinuação de suicídio. Esse depoimento foi decisivo e o juri julga Edward assassino, sentenciando condenação à fôrca.
Dr. Libbard tinha a certeza da inocência de Hutton e não compreendia o estranho depoimento de Janet. Esta, com os nervos excitadíssimos não conseguia dormir há várias noites Seu pensamento era fixo na morte de Edward, o que preocupava deveras o médico. Suspeitando de algo, aconselhou-a a consultar um psiquiatra.
— De que me adiantaria? Êle me fará dormir?
— Sim, por intermédio do hipnotismo — respondeu o médico.

(Cont. na pág. 52)



— "Esta é minha espôsa" — apresenta Edward. (Suzana, Jorge, Graça Mello, Dulcina, Nicette e Odilon)



Retrato do Generalíssimo Manoel Deodoro da Fonseca, cujo peito a bravura constelou de medalhas e condecorações. Óleo de Bros Kronstrand, 1922. (Das coleções do Museu Histórico)

UM DESILUDIDO DA POLÍTICA

DEODORO NÃO FOI UM INGRATO ★ D. PEDRO II, O PRIMEIRO REPUBLICANO ★ "A CONSTITUIÇÃO PROVISÓRIA" ★ O DESEJO DO MARECHAL DE SANCIONAR A CONSTITUIÇÃO DE 24 DE FEVEREIRO DE 91 ★ O ABSURDO DA IDÉIA ★ O GOLPE DE ESTADO ★ RENÚNCIA E MORTE DO FUNDADOR

Por MENEZES DE OLIVA
Fotos de A. VIEIRA

(Especial para a **REVISTA DA SEMANA**)



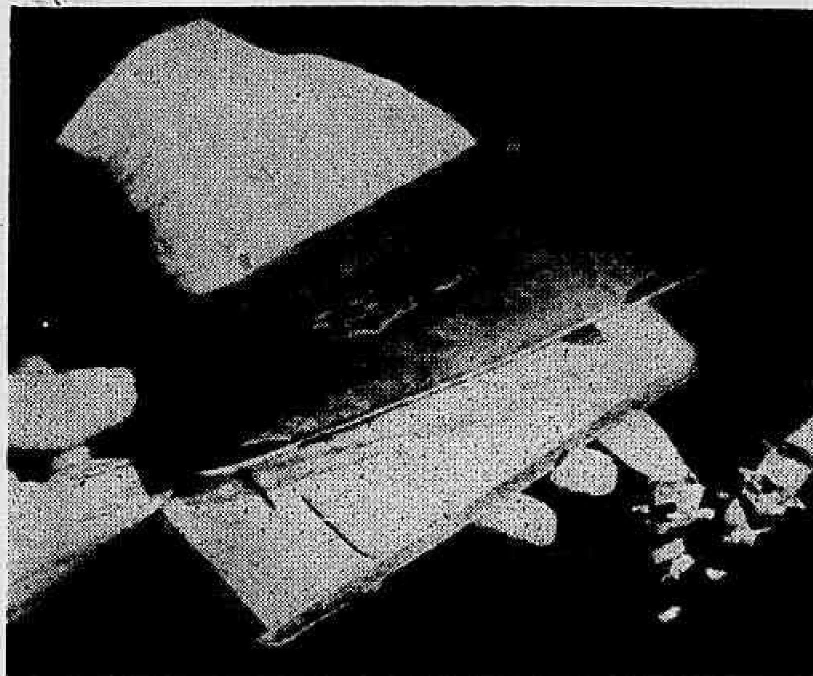
Quepi e farda que trazia o Marechal Deodoro da Fonseca, quando, na manhã de 15 de novembro de 89, se colocou à frente de seus soldados para depor o ministério Ouro Prêto e proclamar a República (Das Coleções do Museu Histórico)

PERCORRENDO, muitas vêzes, em companhia de amigos ou simples curiosos, as salas de exposição do Museu Histórico Nacional, notava que era comum ouvir dizer, ao nos aproximarmos das salas da República: "ali não há nada que ver"; ou "não me interessam as coisas da República". E, como procurasse, desde logo, mostrar a relatividade dêste asserto, admiravam-se de "que eu também não fôsse monarquista!"

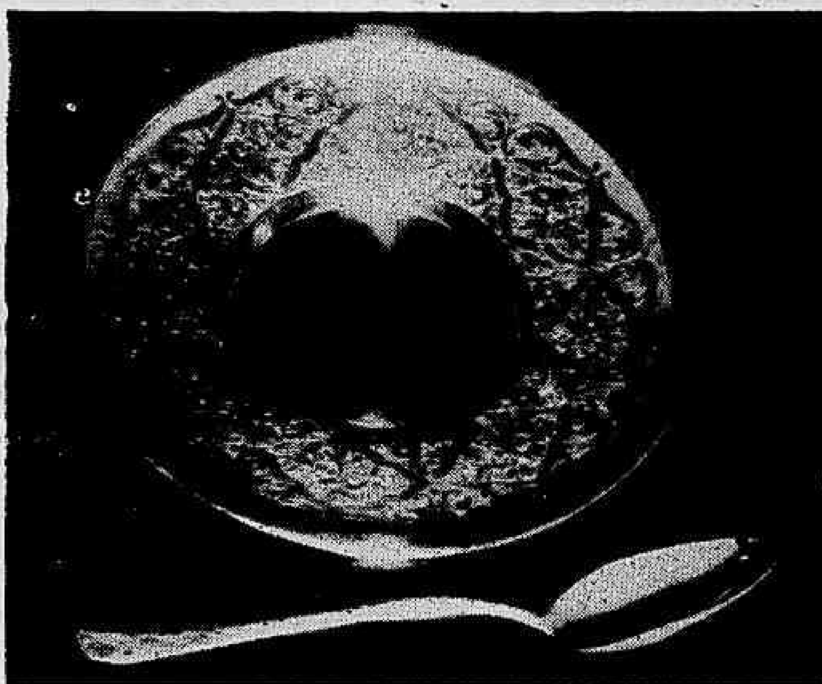
Pude ainda observar, durante os vinte e dois anos que chefiei a seção de história da Casa do Brasil, que setenta por cento, pelo menos, dos seus visitantes, quando me procuravam para pedir pormenores sôbre alguns dos objetos ali expostos e que se relacionavam com os fastos do Brasil-Império, faziam profissão de fé monarquistas. Certo, quase sempre deles divergia na apreciação que me faziam dos homens públicos do 1.º e 2.º reinados, pois, estudando a história do Império e a biografia dos seus estadistas, havia chegado à fácil conclusão de que muitos dos figurões de antanho, citados como modelos de invulgares virtudes cívicas, foram, na sua época, vítimas das mesmas recriminações e acusados dos mesmos erros, que pesam hoje sôbre os políticos da República. Ao demais, intolerantes nos seus pontos de vista, não admitiam confronto entre os políticos do Império e os da República, tecendo imoderados louvores aos titulares do passado regime e escorjando, sem piedade, os próceres republicanos... "a começar por Deodoro, que não passa de um ingrato".

A acusação é profundamente injusta.

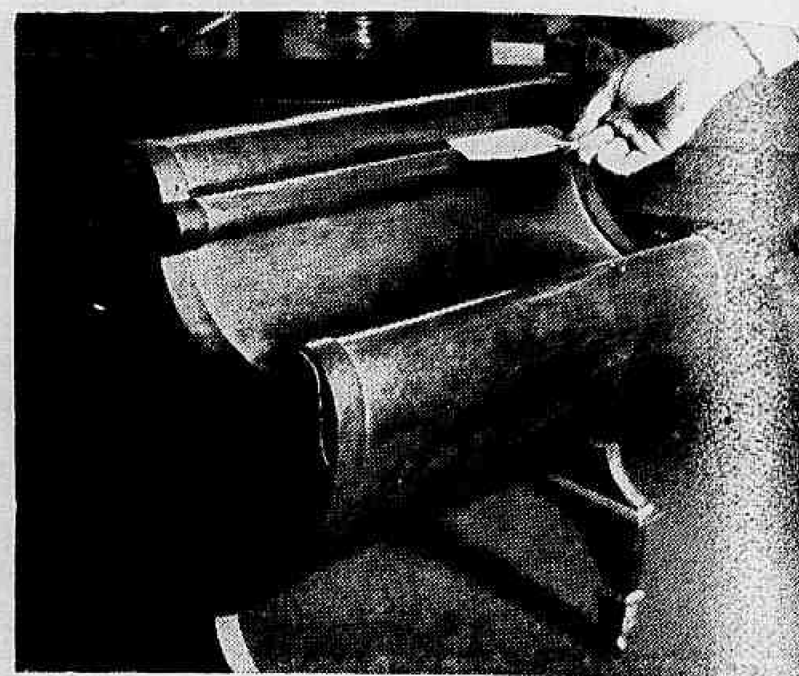
O Marechal tinha grande admiração por D. Pedro II e manifestava sempre respeitosa veneração pela pessoa do monarca. Nunca esquecera a visita daquele oficial, que, em nome do grande Bragança, fôra apresentar pêsames à sua genitora, D. Rosa Paulina da Fonseca,



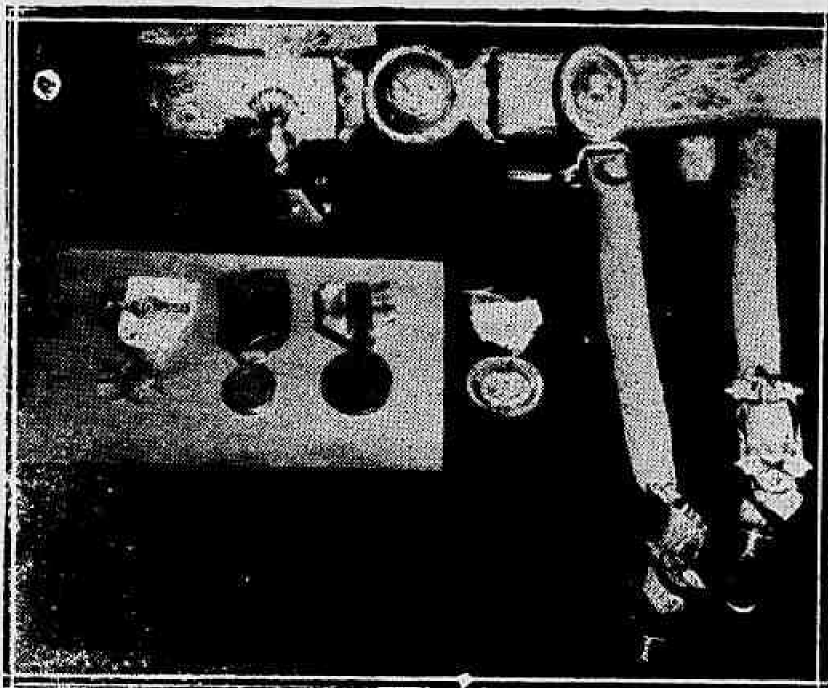
Carteira do Marechal Deodoro que, segundo faz crer, não gozou das preferências da fortuna. (Das coleções do Museu Histórico)



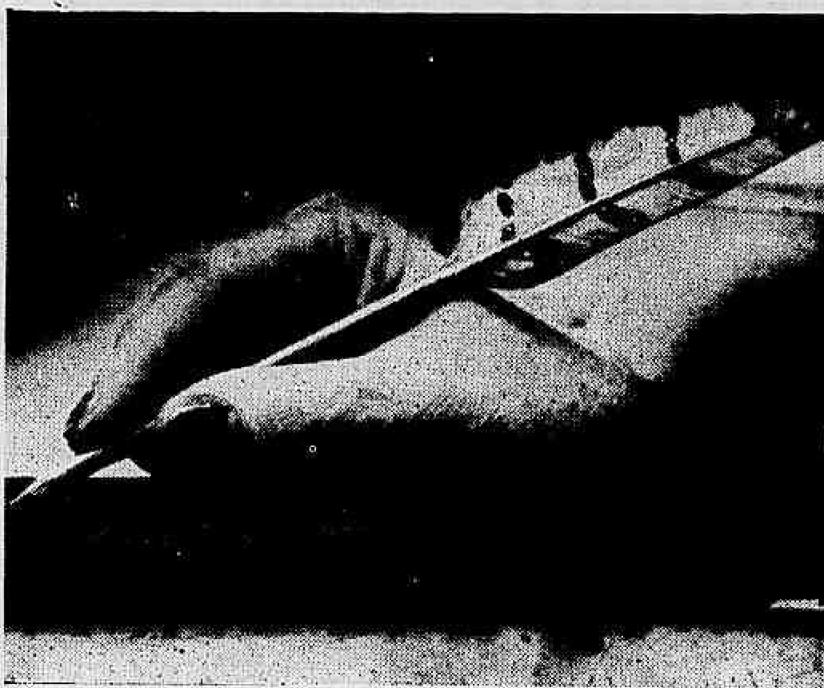
Pires e colher de prata francesa com as iniciais do nome do Marechal Deodoro. (Das coleções do Museu Histórico)



Urna em que foram recebidos os votos para a eleição, pela Assembléia Constituinte, do 1.º Presidente e do Vice-Presidente da República



Talim de gala; medalhas de campanha e berloque de ouro que pertenceram ao Marechal Deodoro. (Das coleções do Museu Histórico)



Pena de ouro destinada à assinatura da "Constituição Provisória", de junho de 1890. (Das coleções do Museu Histórico)



Jôgo de "toilette", com monograma em prata, de uso pessoal, do Marechal Deodoro. (Das coleções do Museu Histórico)

por ocasião da morte de seus irmãos na guerra do Paraguai. Para galardoar o heroísmo dessa espartana brasileira, que tinha sete filhos nos campos de batalha e declarava preferir que todos fôssem lá sepultados com morte gloriosa a vê-los "enlameados por uma paz vergonhosa para a nossa Pátria", mandava o Imperador que lhe dessem tôdas as notícias, que recebia do teatro da luta. Eram êsses, realmente, "os favores", que recebera do "Velho", os quais, pelo seu temperamento afetivo e generoso, se constituiram em penhor de nobre reconhecimento...

Mas, nunca fôra um áulico, nunca vivera à sombra do favoritismo imperial. Evidentemente, só um protetor tivera: — Solano Lopez. "Devo a êle, que provocou a guerra do Paraguai — dissera o Marechal ao redator do "Diário da Manhã", de Santos, em setembro de 89 — a minha carreira". De fato, assim era. Matriculando-se aos 16 anos de idade na Escola Militar, em 1843, mal havia terminado o curso de artilharia a pé, fôra mandado combater os revolucionários pernambucanos de 1848, dirigidos pelo desembargador Joaquim Nunes Machado. Promovido a 2.º tenente em 1849, vamos encontrá-lo capitão na campanha do Estado Oriental, e, daí por diante, tôdas as suas promoções são feitas nos campos de batalhas, onde seu nome, citado sempre "acima de todo o elogio" nas ordens do dia do Exército em operações contra o govêrno do Paraguai, refulge nos combates de Estero Belaco, Tuiuti, Itororó, Pirebebuí e Campo Grande, constelando-lhe a bravura o peito de medalhas e condecorações.

Terminada a guerra, soldado acima de tudo, embora filiado ao partido conservador, pois o único cargo político por êle desempenhado fôra a presidência da província do Rio Grande do Sul, deixou-se empolgar pelos acontecimentos em que se viram envolvidos seus companheiros de classe — a chamada Questão Militar — e a tudo, então, renunciou, colocando os supremos interêsses da nacionalidade acima de considerações particulares.

Não podia a monarquia em nosso país fugir às transformações radicais, que, com o perpassar dos tempos, sofrem todo sos regimes políticos. Esta a razão de ter Joaquim Nabuco afirmado que havia mais coragem, nos últimos tempos do Império, em se dizer alguém monarquista do que em ser republicano. O próprio Soberano dizia a seus amigos ser o primeiro republicano, e, por isso, quando o surpreendeu a aquartelada vitoriosa do 15 de novembro de 89, resignou-se, com estóica serenidade, à fatalidade dos acontecimentos, como verdadeiro "neto de Marco Aurélio"...

Após ter sido proclamada a República, constituido o Govêrno Provisório, sob a chefia do Marechal Deodoro da Fonseca, banida a família imperial, reconhecidos todos os contratos e obrigações assumidos pelo antigo regime, foram decretadas a grande naturalização, a separação da Igreja do Estado, o casamento civil e a secularização dos cemitérios. "Feita de madrugada — asseverou Euclides da Cunha — a República criara a ilusão de grandes coisas feitas da noite para o dia", e, destarte, uma série de novas reformas e grandes empreendimentos foram ainda tentados... E' fora de dúvida, no entanto, que, passado o frenesi dos primeiros tempos do "encilhamento", desiludidos todos do barateamento do crédito com a emissão de papel-moeda, registrada a queda da taxa cambial de 27 a 9, começou a lavrar o descontentamento em tôdas as camadas sociais, a quem nem o próprio Govêrno escapou...

Resistindo à pretensão de alguns de seus ministros, no tocante à garantia de juros para as obras hidráulicas e melhoramentos do Rio de Janeiro, Deodoro também lhes quis impor, em révanche, talvez, garantia de juros para a abertura do pôrto de Tôrres, no Rio Grande do Sul.

Aberta a crise no seio do Govêrno, foi o ministério republicano de 15 de novembro substituído por um outro, que tinha no barão de Lucena sua principal figura. Henrique Pereira de Lucena, amigo e compadre do Marechal, vinha da monarquia, onde militara nas fileiras do partido conservador, e, por essa razão, não tinha a confiança dos republicanos. Gozava, contudo, junto ao chefe do Govêrno Provisório, do mesmo grande prestígio que desfrutara, até janeiro de 90, Rui Barbosa. Mas, não obstante a influência que exercia no ânimo de Deodoro, resolveu êste, a partir daquela data, sem o senso político de saber transigir, fazer política por conta própria. E, vendo, no entanto, em quaisquer medidas de seus oponentes um movimento de hostilidade à sua pessoa, procurava intervir, nem sempre acertadamente, em todos os atos da vida nacional, mesmo naqueles em que se não devia fazer sentir a sua ação. Por exemplo: — quis sancionar a Constituição de 24 de fevereiro de 91, que, votada pela Assembléia Constituinte, não dependia, absolutamente, de sanção do Poder Executivo. Não se tratava de nenhuma constituição outorgada... Parece, porém, que assim não entendia o Marechal. Julgava, talvez, que, tendo discutido e anotado, em reunião com os seus ministros, os vários artigos do ante-projeto de constituição elaborado pela comissão nomeada pelo Govêrno Provisório para facilitar a tarefa da Assembléia Constituinte, assinando-o depois, de conformidade com o decreto n.º 510, de 22 de junho de 90, estava no direito de sancionar a Constituição, que acabava de ser promulgada!...

A propósito dêste assunto escreveu Ernesto Senna, em "Subsídios para a História": — "Na noite do dia em que foi promulgada a Constituição, o Dr. Lopes Trovão, em companhia de seu irmão Antônio, subia a rua do Ouvidor, por volta das 9 horas, quando, ao atravessar a rua Gonçalves Dias, encontrou um grupo de amigos e colegas da Constituinte. O então deputado, hoje senador, Sr. Antônio Azeredo, destacando-se do grupo, acenou para o Dr. Trovão com um papel, dizendo-lhe:

— Olha mais uma asneira da gente que tu sustentas.

— Não pode ser grande, porque o papel em que a levas é muito pequeno... Mas, afinal que papel é êsse? — perguntou o Dr. Trovão.

— Uma prova do "Diário Oficial" com um decreto do Govêrno Provisório sancionando a Constituição! — respondeu o Sr. Azeredo. Tu o lerás amanhã no "Diário de Notícias".

— Não regula, porque a tua fôlha é orgão de oposição sistemática; e, não surpeenderá teu público legente que ela enriqueça com mais uma das muitas chalaças, que já inventou contra o Govêrno. Em todo o caso, reservo-me para ler amanhã a asneira do "Diário Oficial".

No dia seguinte, porém, não apareceu o tal decreto no "Diário Oficial". E' que o Dr. Lopes Trovão apenas se despediu do Sr. Azeredo, partiu para casa, ao lado do Palácio Itamarati, em que habitava o proclamador da Repúblico, em companhia de seu sobrinho, o atual chefe do Estado. Todos já estavam acomodados, mas o Dr. Lopes Trovão, com o auxílio de seu irmão, tanto bateu à porta de entrada que, no 2.º andar da casa, surgiu um vulto, que desceu imediatamente para atender ao seu apêlo. Não sabemos se foi o hoje Marechal Hermes ou seu irmão o atual líder da Câmara dos Deputados. O que é certo é que um ou outro, por conta própria, foi pessoalmente à Tipografia Nacional e mandou retirar do "Diário Oficial", o decreto de sanção da Constituição de 24 de fevereiro..."

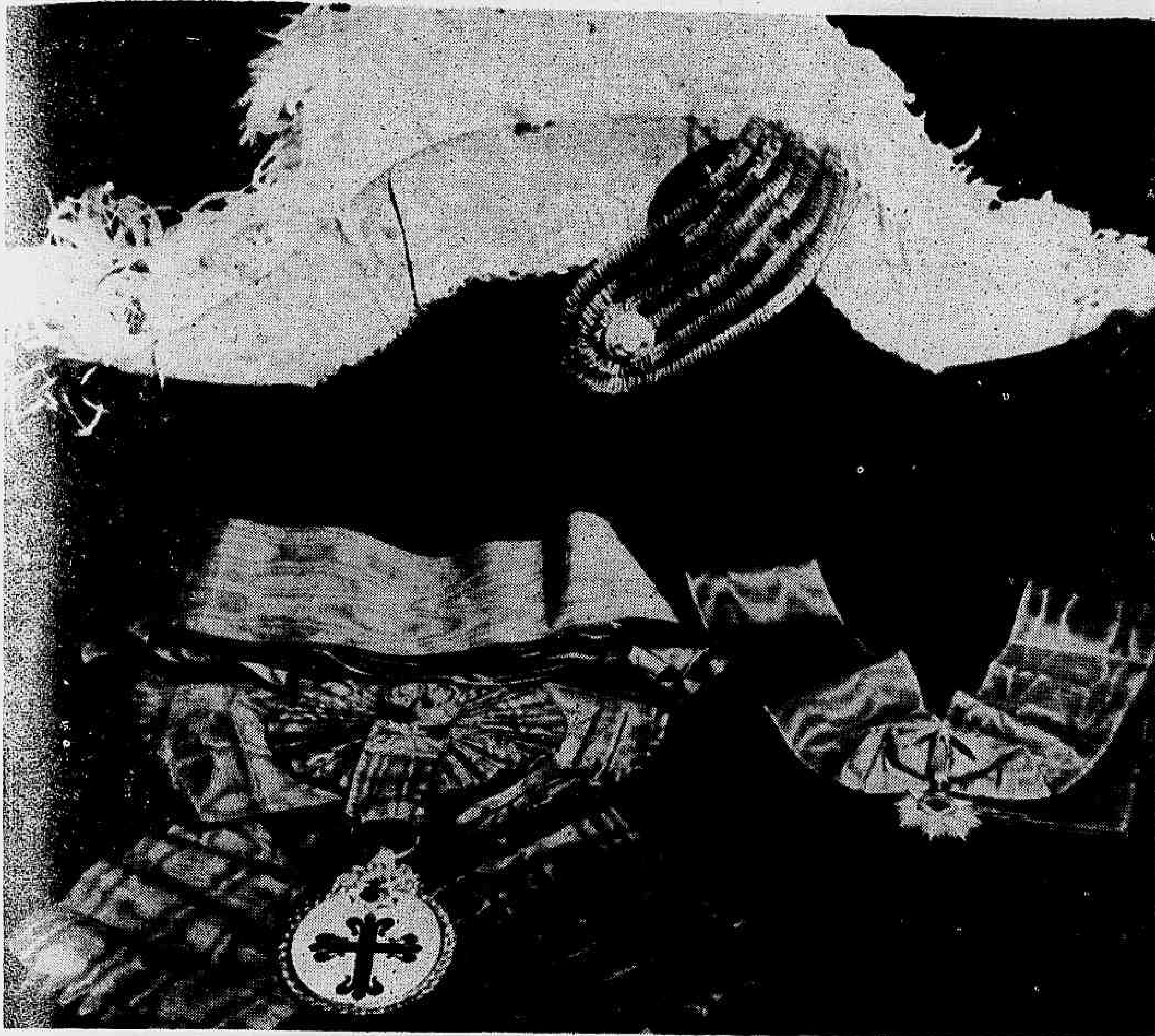
Contou-me o coronel Mário Hermes, que, por ocasião da solenidade da assinatura do projeto de Estatuto constitucional, mandara o Marechal lhe fazer uma farda nova, e, menino, ensaiara, com uma escôva de roupa voltada para baixo, a entrega do estôjo, que devia conter a pena de ouro destinada a referendar a "constituição provisória" de 22 de junho de 90.

Há, numa das salas do Senado Federal, um grande quadro, a óleo, oferta da Diretoria da Sociedade Portuguêsa de Beneficência do Rio de Janeiro ao Govêrno Provisório, que fixa êsse grande acontecimento. Lá estão retratados, contornando o Generalíssimo, seus ministros, os membros da sua casa militar e civil, altos funcionários, o menino Mário Hermes e até mesmo sua espôsa, D. Mariana da Fonseca, que, indubitavelmente, fora de todo propósito, achou que não devia faltar à solenidade.

A fotografia dêsse quadro, no entanto, bem como o seu croquis, vêm sendo, sistematicamente, reproduzidos com legenda errada em livros e jornais, e, até mesmo no volume — "Deodoro e a Verdade Histórica" — distribuido na festa da inauguração do seu monumento em 1937, fazendo crer, destarte, a milhares de brasileiros que o Marechal Deodoro tenha assinado a constituição republicana de 91, quando, verdadeiramente, tudo não passou de simples balão de ensaio.

Mas, se a oposição perdeu, naquela época, êste pretexto para os costumeiros ataques ao Govêrno, outros muitos logo surgiram por ocasião da luta partidária em tôrno da eleição do Presidente e Vice-Presidente pela Constituinte e da qual, por maioria de 129 por 97, saiu eleito o Fundador e derrotado o candidato deodorista o almirante Vandenkolk, que apenas reuniu 57 votos.

A tranquilidade que se sentiu, no primeiro instante com a vitória de Deodoro, bem cedo se dissipou pela frieza com que fôra êle recebido pelo Congresso no dia de sua posse (25 de fevereiro de 91), em contraposição aos aplausos dados a Floriano Peixoto. E, tendo logo exercido represálias contra os Estados, cujos represen-



Chapéu armado, insígnia de grã-cruz e pendente do grau de comendador da Ordem Militar de S. Bento de Aviz, usados pelo Marechal Deodoro nos primeiros tempos da República. (Das coleções do Museu Histórico)

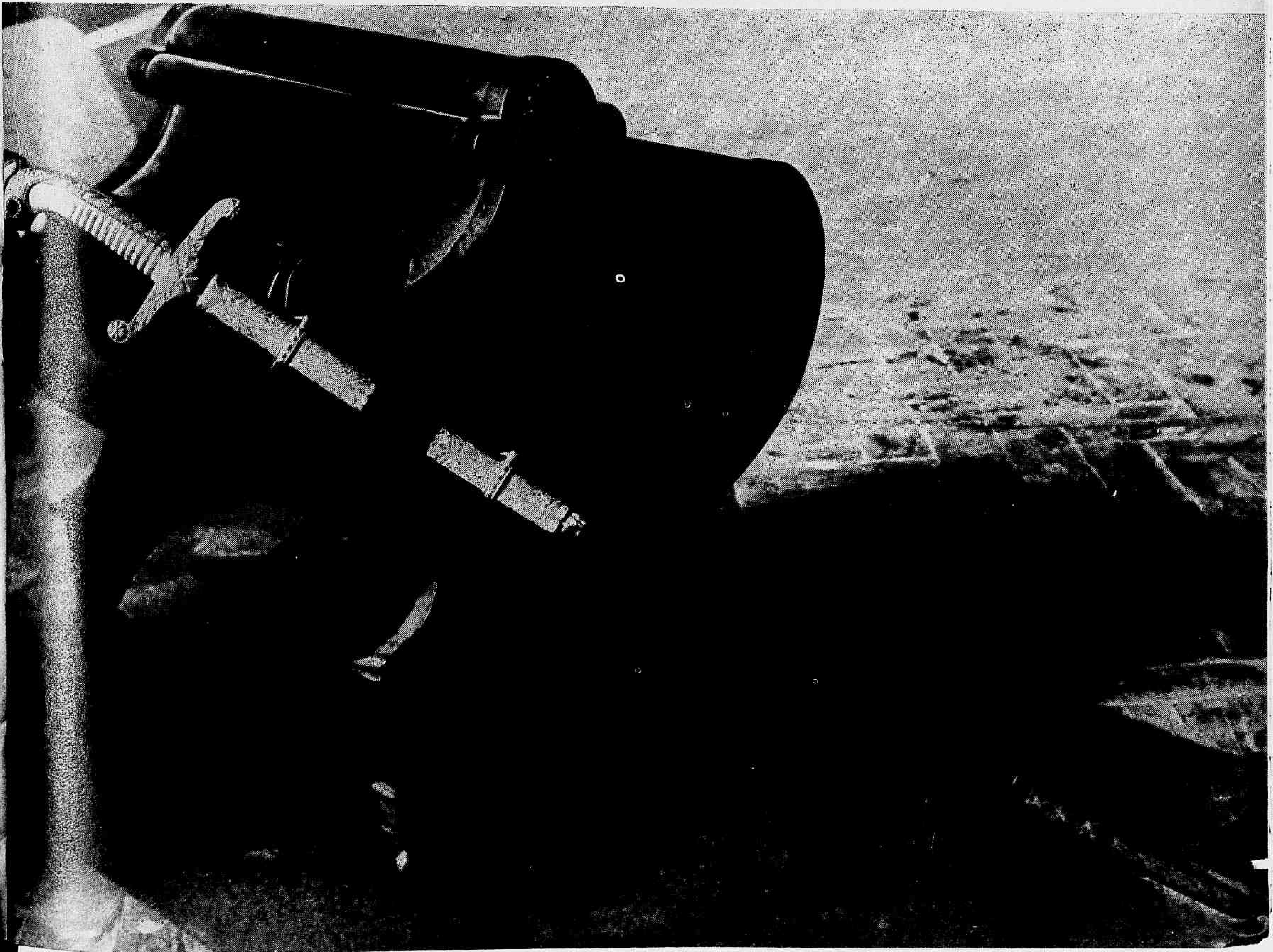
tantes não lhe haviam sufragado o nome, o marechal Presidente repetia as "cenas da derrubada geral, que nos tempos do Império se praticavam nas províncias, quando um partido era chamado a revezar com o outro nos conselhos da corôa."

Com a abertura do Congresso Federal, no entanto, a 15 de julho de 91, viram todos que o antagonismo que lavrava entre os dois poderes, executivo e legislativo, em clima de recíproca desconfiança, tornava impossível encontrar uma solução conciliadora para a luta de vida ou de morte, que existia entre êles. E foi na presunção de revidar os golpes que lhe preparava a oposição, que Deodoro resolveu dissolver, a 3 de novembro de 91, as Câmaras e decretar o estado de sítio para o Distrito Federal e Niterói. Foi o seu grande êrro. Êle que se recusara — a conselho do Barão de Lucena — a decrétar a dissolução do Congresso Constituinte no dia seguinte ao do encerramento dos seus trabalhos, por se haver convertido em congresso ordinário, que constituía, em verdade, "um atentado contra a soberania nacional e um ato de imoralidade, porque não era lícito aos congressistas votarem em proveito próprio", chegava, agora, a êsse mesmo resultado, quando nada podia justificar a prepotência de seu gesto!

Embora o golpe-de-estado fôsse, de início, bem recebido por quase todo o país e aprovado pelos Governadores, a exceção de Lauro Sodré, bastaram vinte dias para que a reação se fizesse sentir contra a violência. A revolta da armada sob o comando do contra-almirante Custódio José de Melo, que se seguiu à revolução no Rio Grande do Sul e à greve na Estrada de Ferro Central, fêz sentir ao Marechal a enormidade da luta. Era a guerra civil, que se avizinhava com todo o seu cortêjo de desgraças, e, então, traído pela saúde, "para não aumentar o número de viuvas e de órfãos", embora dispusesse de elementos para lutar e vencer, preferiu "renunciar o poder nas mãos do funcionário" que o devia substituir. Êsse funcionário era Floriano Peixoto. A denominação valia como uma vingança... Recolheu-se logo à sua residência particular. Pediu reforma. Mandou encerrar num grande baú de fôlha o fardamento e as condecorações, garantindo que ia man-

(Cont. na pág 52)

Espada que trazia o Marechal Deodoro da Fonseca na manhã de 15 de novembro de 89. (Nas coleções do Museu Histórico, segundo fotografia feita especialmente pela REVISTA DA SEMANA)



Quando numa reunião social uma senhora estiver muito alegre, é que o vestido de sua rival está muito triste

OURO! OURO! OURO! OURO!

O SR. CONDE DE SALAMALEQUES, FINGINDO QUE IA TOSSIR LÁ FORA, DESCEU ATÉ O SUBTERRÂNEO DO SEU AMIGO PARA ENTRAR EM ENTENDIMENTOS COM BARRAS DE OURO QUE HAVIAM ALI.



Minha consciência estremeceu e o "Pinima" surgiu à minha frente. Era o sinal convencional de "aindaécedo". (Reprodução exata do que está narrado no texto, aqui)

Eu, o Conde de Salamaleques, sempre fui honrado mas, como todos sabemos é a ocasião que faz o ladrão. Pensando nisto e ainda naquele outro provérbio que diz "quem rouba tostão é ladrão, mas quem rouba milhão é barão", eu fui tentado com o desejo insopitável de encher minha valise com várias barras de ouro que inutilmente estavam depositadas no subterrâneo do palácio do Soba que me acolheu na Africa.

Eu estava tentando fugir com uma das lindas **misses** que ali viviam sem nada fazer, salvo quando comiam algum prisioneiro ingênuo e alobado.

Quando ergui minha ilustre cabeça pensante, quase não acredito no que vi. Um negrinho brincava despreocupadamente com uma barra de ouro de uns dois quilos. **Fiquei trêmulo e,** procurando uma conversa mole com o lindo menino que me pareceu côr de rosa, de pele alva como a neve e digno de minha linhagem, perguntei com gestos mal disfarçados onde havia daqueles pedregulhos. O encantador menino me guiou até o porão de seu palácio. Descemos uma escada perigosa até chegarmos a uma salão onde havia diversos esqueletos, crânios e vestes próprias da civilização ocidental. Percebi que minha ilustre carcassa poderia estar naquela coleção de preciosidades dentro em breve, se eu não fosse bastante hábil para contornar as dificuldades.

O garotinho amável e puro-sangue, ariano legítimo das costas d'Africa, empurrou uma porta e eu cheguei a esquecer-me do charuto. Sôbre uma espécie de lastro estavam estendidas 50 barras de ouro puro, de vários tamanhos. De onde vinha aquilo? O menino não me soube explicar, e, como isso de nada me servia, pois o que me atraía a vista aristocrática e honesta era o ouro em si e nunca sua história odiosa, fui tratando de encher os bolsos; mas, nesse instante, que vejo? Minha consciência estremeceu e o "Pinima" surgiu à minha frente. Era o sinal convencional de "ainda é cedo". Suspirando contrariado, voltei à posição anterior, não sem primeiro começar a achar aquêle pretinho muitíssimo idiota e até sujo. Eu começava a abrir os olhos à realidade. (Conservem seus rádios ligados que esta história vai longe.)

Conde de Salamaleques.

Êste morcêgo bebeu loção para fazer crescer o cabelo e ficou assim. Por dentro a coisa também é um horror

ASSOMBROSA DESCOBERTA DE UM CIENTISTA ANONIMO

Só é careca quem quer. Êste o grito de carnaval, isto é, o grito contra a calvície a terrível e vexatória falta de cabelos de pessoas que seriam muito mais vistosas se pudessem manter belas cabeleiras, mesmo postiças. Mas o fim da careca está no princípio. Um famoso cientista de origem misteriosa e que é conveniente não divulgar enquanto estiverem vivos os seus credores, acaba de obter extraordinários resultados com um produto extraído do morcêgo de certa zona das Ilhas Cabeludas. Segundo êle revelou especialmente para esta fôlha, com absoluta exclusividade, pega-se o morcêgo, acaricia-se o bichinho dando-lhe cafunés na cabecinha, examina-se a vista dele, as orelhas, a bôca e os dentes. Também é bom ver se é portador de moléstias infecto-contagiosas como a quebradeira e o pessimismo tropical. Feito isto, coloca-se o animalzinho numa gaiola de arame farpado ou não (é melhor o não) e solta-se. Ele voa para lá e para cá. Bate com a cabeça lá em cima, nos lados, mete os peitos com tôda a fôrça como se fosse um cidadão querendo entrar num trem de subúrbio de qualquer lugar. Já cansado, pede um pouco d'água. A gente dá uma batida paulista. Êle fica bêbedo e começa a rir. Como é morcêgo, pede mais, e mais e mais. A barriga fica cheia de cachaça. Êle ri pondo as mãos na barriga a estourar. A gente também ri até cair. Mas... afinal de contas o que tem isto que ver com os carecas, hein?...

O MUNDO MANCA E A MULA MORCHA

BONECOS DE RAFAEL ★ DIREÇÃO DO CONDE DE SALAMALEQUES

★★★ PÁGINA DE AGITAÇÕES ATÔNITAS. ARTE, MANHA. DIVERSÕES ★★★

QUALQUER SEMELHANÇA DESTA PÁGINA COM OUTRA QUALQUER, NÃO É COINCIDÊNCIA É PLÁGIO AO DURO

SUCIAIS

Casamento feliz — Nada mais acertado e verdadeiro do que êste ditado: nada como um dia atrás do outro.

Já ia muito demorado o namôro do nosso prestimoso amigo José Marques da Silva Loro e a prendadíssima senhorita Dalmira Ruas Teiro, ambos de fina procedência, incapazes de faltar aos compromissos assumidos mesmo que sôbre o papel não haja estampilhas nem firmas reconhecidas em cartório.

Depois de uns trinta e cinco anos de espera paciente e ardilosa, ei-los que se casam ou são forçados a isso pelo pai da jovem, cuja catadura não é de brincadeira.

E a 10 dejaneiro dêste ano se dá o enlace matrimonial, vendo-se todo mundo bastante admirado de como os noivos chegaram a compreender que aquilo já era de mais.

Esta redação, que conta os nubentes entre os seus mais distintos amigos e leitores, somente agora achou prudente dar a notícia, uma vez que somente agora



ficou provado que êles se casaram mesmo, como prova o rapazinho que está ao lado e que é o primeiro rebento do casal.

NÃO! NÃO PERCAM TEMPO EM LER ISTO. A DIREÇÃO

Só uma coisa nos incomodou seriamente. Não sabemos por que diabo êsse menino tem a cabeça com a mesma conformação craniana do Sr. Conde de Salamaleques. Será que... Não! Longe de nós tamanha suspeição!

Seja como for, todos nós reunidos, ou isoladamente, apresentamos ao distinto casal Loro-Teiro as felicitações mais sinceras.

TRISTE E GLORIOSA HISTÓRIA

Vinha rompendo a madrugada. Nos galhos floridos do jardim do Palácio, as patativas, os gaturanos, os rouxinóis e tantos outros passarinhos canoros e sem trabalho cantavam, cantavam, cantavam de graça para quem quisesse ouvir. Então meu bisavô, o primeiro Conde do Salamaleques, com Real Grandeza, ergueu-se e foi na pontinha do pé verificar se os guardas estavam dormindo ou jogando purrinha. Era isso mesmo. Nem uma coisa nem outra. Estavam num recanto do jardim conversando com dois vultos indistintos. Então meu glorioso avô de saudosa memória olhou para um lado e depois para outro e começou a saquear a casa forte dos seus superiores hierárquicos. Com incrível surprêsa êle olhou para a folhinha e viu o número fatídico: 13 (treze). Estava perdido. No seu horóscopo sempre se disse e afirmou que êle só poderia ser feliz em qualquer tentativa de assalto em dias pares e indo também aos pares. Meu bisavô então começou a tremer. Tremeu, tremeu e saiu silenciosamente. Mas aí já o sol conspirava contra êle e os guardas o prenderam. Meu avô só conseguiu levar um fardamento velho e um filhote de rato que havia no subterrâneo. As autoridades, reconhecendo que êle praticara ato de bravura indo a lugar tão infecto, o condenaram a usar o fardamento completo com as listras de Sing-Sing e um tapa-ôlho como símbolo de pirata. E a História o consagrou como um dos Varões assinalados. E nós também.



Êle chegou a ficar assim numa das casas similares de Sing-Sing, mas com muita e merecida honra



Ler muito é prejudicial. Descanse cinco minutos e depois prossiga

CARTAS À REDAÇÃO

ADIPOSO — Recebemos sua carta. O senhor é antes de tudo um canalha. Então pensa que eu estou aqui à sua disposição? Tenho muito o que fazer e não vivo somente de escrever conselhos e mais conselhos aos meus consulentes. Também sei trabalhar honestamente.

MARIA FLORA (Bahia) — Muito bem, senhorita florescente. Seu caso requer cuidados especiais. Quando êle, seu noivo (não aquêle outro chato), estiver com as suas mãos agarradinhas às suas, não sues de aflição ou de calor. Procure, com jeito, ir deslocando o anel de brilhante que êle traz no dedo. Se êle der pela habilidade, faça de conta que foi uma brincadeira de bom gôsto e diga: fulaninho, meu benzinho da mamãezinha. Dá-me êsse anelzinho? Ah mesmo? Se êle não der pela coisa é melhor não pedir. Abra a boca como quem está com sono e, se possível, esconda a jóia numa de suas providenciais cáries. É nas cavernas que os ladrões escondem o fruto de seu trabalho honesto.

DIANA DA VARZEA — Mas a senhora não vê logo que eu, o Barão do Buteco, o maior distinguido homem da sociedade do Sr. Conde de Salamaleques, não vou servir de palhaço pedindo sua mão para outro? O que posso fazer é pedir alguma por conta, adiantadamente. (Telefono, sim?)

Barão do Buteco

Um conto:

A NOIVA DE LUTO

Escreveu: ALGUEM
Ilustrou: NINGUEM

Ela se preparou nervosamente para o baile de máscaras, na certeza de que êle, o infiel espôso, estaria lá, mascarado e a mentir a tôdas as outras que procuravam também enganar os outros. Olhou-se ao espêlho de cristal e sorriu contente. Não era possível que êle a reconhecesse tão facilmente. Mas... (pensou com seu nariz aquilino) e se êle a reconhecesse? Aí, sim, seria o escândalo e o fim de uma vida conjugal tão feliz até a véspera quando ela, percorrendo como sempre os bolsos do espôso, encontrara uma carta convidando-o para aquêle doloroso baile de máscaras. Pensou em levar consigo uma carabina que estava na dispensa para atirar contra os ladrões de galinha; mas, raciocinando bem, isso não era possível, já porque a arma era muito grande embora coubesse em sua cintura de vespa, como aquela espingarda fôra comprada para um fim: atirar contra gatunos. Se fosse utilizada contra seu marido, seria o mesmo que classificá-lo entre os ladrões. Oh! Meu Deus! (dizia ela diante do espêlho) isso nunca! Meu espôso pode ser um canalha, um cachaceiro, um patife, um falsário, mas um ladrão de galinhas, nunca!

(Continua na página 32

MON CANTINHE

PAR **JAQUE ESTADÉ XAFIQUE**



JEAN (Niterua) — Son vide, mon ami, est muite grávide. Mon consele est qui vous devez compró mei quile de fines herbes pour fazê amelctes; mé pour mangé dies ainde à la caine, até qui sa fique sabendo qui vous non est nihum ot sim um pessoe de fine goste. Si qui vous est animale, vá busquê dê a sa mulié e diz qui ela est burre vous. Comprande?

MARTA (Também Niterua) — Voie pedre du cristal qui su vide est muite rieda e chei de fumace. Senhorra est nhe; non? Se est ansi serrá meilheur mambiê consertê fogon par qui non fumace qui anvelvê ma bole de cristal. la madame non tem pene de falê con tante fumace, est preferible aparrecê loui e mandê dinherre pele avec enderece bien clare para evitê dúvides. Je vai olhê une vez mais ala pedre de cristal para ver se senhorre mandei chamê ber para consertê fogon de lenhe ou não. Se non mandê chamê operrarrió est qui est senhorre muite pirroguiçose e estê muito necessitade de une palmadinhe. Sabe?

É A MAIOR SENSAÇÃO DO MOMENTO, BREVE! A VIDA ÍNTIMA DE UM TUBARÃO



Novos tipos de

TAPETES e PASSADEIRAS

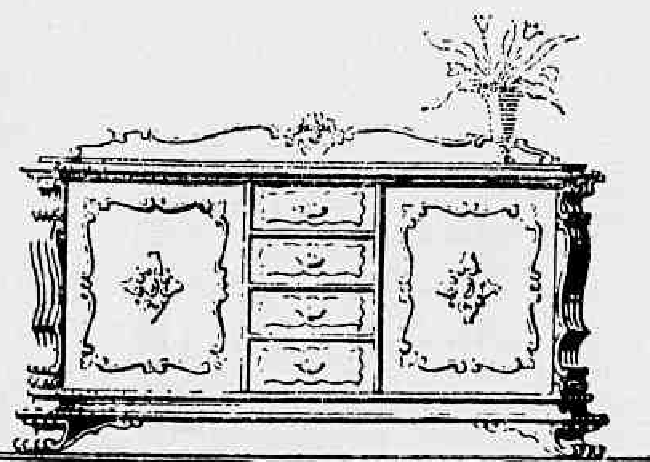
com **flores**, recebidos da Inglaterra

Continua a

Venda especial de

TAPETES

Franceses,
Inglêses,
Tchecos,
Persas (legítimos),
Portuguêses e
Nacionais
— diretamente das fábricas





ORÇAMENTOS · E · PROJÉTOS · SEM · COMPROMISSO

DECORAÇÕES
TAPEÇARIAS

MOVEIS

CASA NUNES
MARCA REGISTRADA

65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO

A moda varia...





...mas a preferência pelos cigarros **Continental** permanece

Há mais de 15 anos Continental é o cigarro de qualidade mais vendido em todo o Brasil

Sim — o colarinho duro e muitas outras coisas já sairam de moda... mas a popularidade absoluta dos cigarros Continental permanece inalterada. Os cigarros Continental sempre se mantiveram **uniformes** em qualidade e paladar. Hoje, melhores do que nunca, os cigarros Continental crescem na preferência do público — e, hoje como ontem, Continental é o cigarro de qualidade mais vendido no Brasil.



Lisos ou com ponteira

Cigarros

Continental

- uma preferência nacional

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**

C - 68.002